

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

MARCELO FLEURI DE BARROS

“ENTRE ASPAS”: UMA ANÁLISE DAS FUNÇÕES METAENUNCIATIVAS DAS
ASPAS EM EDITORIAIS DOS JORNAIS *AGORA SÃO PAULO* E *FOLHA DE S.
PAULO*

SÃO PAULO

2014

MARCELO FLEURI DE BARROS

“Entre aspas”: uma análise das funções metaenunciativas das aspas em editoriais
dos jornais *Agora São Paulo* e *Folha de S. Paulo*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. José Gaston Hilgert

SÃO PAULO

2014

B277e Barros, Marcelo Fleuri de.

“Entre aspas” : uma análise das funções metaenunciativas das
aspas em editoriais dos jornais Agora São Paulo e Folha de S. Paulo
/ Marcelo Fleuri de Barros. – 2014.

144 f. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Presbiteriana
Mackenzie, São Paulo, 2014.

Referências bibliográficas: f. 137-143.

1. Discurso. 2. Heterogeneidade. 3. Metaenunciação. 4. Jornal.
5. Editorial. 6. Aspas. I. Título.

CDD 070.41

MARCELO FLEURI DE BARROS

“Entre aspas”: uma análise das funções metaenunciativas das aspas em editoriais
dos jornais *Agora São Paulo* e *Folha de S. Paulo*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito à obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em 18/2/2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. JOSÉ GASTON HILGERT – Orientador
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof^a. Dr^a. ELIDA JACOMINI NUNES
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof^a. Dr^a. MARLI QUADROS LEITE
Universidade de São Paulo

Dedicatória

À minha alma gêmea, Solange, pela cumplicidade de mais de duas décadas e por estar ao meu lado sempre, seja nas agruras das derrotas ou na glória advinda das vitórias.

Agradecimentos

À CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – e ao IPM – Instituto Presbiteriano Mackenzie-, pelo apoio financeiro.

À Hemeroteca da Biblioteca Municipal Mário de Andrade, órgão ligado à SMC – Secretaria Municipal de Cultura – PMSP – Prefeitura do Município de São Paulo -, mais especificamente à equipe de atendimento capitaneada pelo Bibliotecário Emanuel G. F. Guedes, composta pelos servidores: Francisco César, Eduardo Batiston, e Irinete Mendonça, esta última responsável direta por nosso atendimento, a quem dedicamos um agradecimento especial pela atenção e dedicação resultantes no acesso a grande parte do material coletado para o *corpus* desta pesquisa.

Aos professores do Mackenzie, pelas preciosas lições de vida.

A todos funcionários do Mackenzie, pela gentileza, competência e dedicação.

Aos amigos do Mestrado: Gisele, Luciana, Sheila, Adalberto e Ed, pelo apoio, incentivo e companheirismo.

Às professoras Dra. Élide Giacomini Nunes e Dra. Marli Quadros Leite, pela generosidade com que apresentaram oportunamente suas críticas e sugestões, durante o exame de qualificação, e que em muito contribuíram para melhorar este trabalho.

Ao professor Dr. José Gaston Hilgert, orientador, pela seriedade, profissionalismo, dedicação, e, principalmente, pela paciência que teve comigo na condução dos trabalhos até aqui.

À minha parceira de vida, Solange, por ter sofrido comigo e ter me confortado nos momentos mais difíceis, pelo suporte dado em todas as ocasiões e decisões, e pela compreensão em meus momentos de voluntarismo e de ausência.

Se você acha a educação cara, experimente a ignorância.

(Derek Bok)

Resumo

A linguagem é originariamente heterogênea e, conseqüentemente, o discurso também o é, haja vista que não há discurso original, todos discursos são provenientes de outros discursos que dialogam entre si, influenciando uns aos outros. O discurso jornalístico, por sua vez, não foge à regra, ao contrário, nele é possível perceber um traspassamento de diversas vozes, o que comprova seu caráter heterogêneo. Recurso recorrente e que evidencia a heterogeneidade no texto jornalístico, as aspas têm, entre outras utilidades, marcar a alteridade, o discurso do outro na construção dos textos de forma a caracterizar distância entre as palavras do enunciador e o enunciado posto entre aspas, visando preservar a objetividade jornalística. As aspas também são usadas quando o enunciador quer evidenciar que uma palavra ou expressão utilizada em seu discurso é estranha a seu repertório linguístico. Também é possível que o enunciador queira demonstrar que a palavra aspeada está sendo usada num contexto diferente do usual, atribuindo-lhe um sentido diferente. E há, ainda, o aspecto irônico que também pode ser evidenciado pelas aspas. Independentemente dos motivos pelos quais são usadas, as aspas, na maioria das situações, imputarão um caráter metaenunciativo às palavras que marcam, gerando uma expectativa de interpretação cuja responsabilidade é atribuída predominantemente ao leitor. Considerando esse caráter metaenunciativo, é finalidade deste trabalho analisar as aspas sob tal aspecto, em textos jornalísticos opinativos, os editoriais. Analisaremos 133 editoriais de cada jornal, a saber: *Agora São Paulo* e *Folha de S. Paulo*, sendo que outro de nossos objetivos é observar como se constituem os editoriais na construção dos sentidos dos textos, tendo em vista o perfil dos leitores de cada jornal. Para tanto, nos utilizaremos da teoria de Authier-Revuz classificando os usos encontrados de acordo com as “não-coincidências do dizer”.

Palavras-chave: discurso, heterogeneidade, metaenunciação, jornal, editorial, aspas.

Abstract

Language is originally heterogeneous and, consequently, the discourse is as well, considering that there is no original discourse, since all discourses come from other discourses that interact with and influence each other. The journalistic discourse, in turn, is no exception, on the contrary, it is possible to perceive several voices trespassing it, which proves its heterogeneous character. As a recurring resource that highlights the heterogeneity into the news text, among other uses, the quotes can mark the otherness, the discourse of others in the construction of texts in order to characterize distance between the utterer and the utterance of the words put in quotation marks to preserve the journalistic objectivity. Quotation marks are also used when the utterer wants to highlight a word or expression used in his discourse that is strange to his linguistic repertoire. It is also possible that the utterer wants to demonstrate that the word between quotation marks is being used in a different context than the usual one, giving it a different meaning. There is also the ironic aspect that can also be evidenced by the quotation marks. Regardless of the reasons the quotation marks are used, in most situations they feature a metaenunciative trait on the quoted words, creating an expectation of interpretation whose responsibility is attributed predominantly to the reader. Considering this metaenunciative character, the purpose of this work is to analyze the quotation marks in that aspect in the opinionated news texts called editorials. We will analyze 133 editorials from the newspapers *Agora São Paulo* and *Folha de S. Paulo*. Another of our goals is to observe how the editorials build up meanings within the texts, considering the profile of readers of each newspaper. To do so, we make use of the theory of Authier-Revuz, classifying the uses found for the “non-coincidence of saying”.

Keywords: discourse, heterogeneity, metaenunciation, newspaper, editorial, quotation marks.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 CONCEITOS GERAIS	17
1.1 A noção de língua	17
1.2 Discurso, texto e enunciado	18
1.3 Dialogismo, Intertextualidade e Polifonia	25
2 HETEROGENEIDADE LINGUÍSTICA	31
2.1 Heterogeneidade constitutiva (implícita ou não mostrada)	32
2.2 Heterogeneidade mostrada	33
2.2.1 Heterogeneidade mostrada marcada	34
2.2.2 Heterogeneidade mostrada não-marcada	41
2.3 Metalinguagem, metadiscursividade e metaenunciação	44
3 NÃO-COINCIDÊNCIAS DO DIZER	46
3.1 Não-coincidência interlocutiva	46
3.2 Não-coincidência entre as palavras e as coisas	49
3.3 Não-coincidência do discurso consigo mesmo	50
3.4 Não-coincidência das palavras consigo mesmas	51
4 PERFIL DOS JORNAIS: CONFIGURAÇÃO DE SEUS EDITORIAIS E LEITORES	54
4.1 Os jornais: a imprensa popular e a imprensa dita séria	54
4.1.1 <i>Agora São Paulo</i>	57
4.1.2 <i>Folha de S. Paulo</i>	57
4.2 O gênero editorial	58
4.2.1 Editorial do <i>Agora São Paulo</i>	61
4.2.2 Editorial da <i>Folha de S. Paulo</i>	62
4.3 O perfil dos leitores	63
4.3.1 O leitor do <i>Agora São Paulo</i>	63
4.3.2 O leitor da <i>Folha de S. Paulo</i>	64
5 ANÁLISE DOS DADOS	66
5.1 Procedimentos metodológicos	66
5.1.1 Da definição do <i>corpus</i>	66
5.1.2 Dos procedimentos de análise	67
5.1.3 Síntese analítico-interpretativa geral	125

CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
REFERÊNCIAS	137
FONTES DE PESQUISA	144

INTRODUÇÃO

Como leitor de jornais, desde o ensino técnico (administração), quando tínhamos matérias como economia e direito, entre outras, que requeriam constante atualização, o que era feito, também, por meio de leituras diárias de textos jornalísticos, fomos pelos anos afora desenvolvendo interesse pela linguagem jornalística e pelas diferentes formas de construção textual dos jornais. Muito cedo, chamou-nos a atenção a distinção entre os jornais ditos da imprensa séria e os chamados populares.

Houve um período de nossa vida, já quando estávamos fazendo curso superior – Administração de Empresas –, em que trabalhávamos na área de Auditoria. Era parte desse trabalho a leitura diária de diferentes jornais, particularmente aqueles voltados à área econômico-financeira, bem como os cadernos de política, e, claro, os editoriais.

Tratando dessas experiências com o orientador, no início de nosso Mestrado, consideramos que esse poderia ser um interessante tema para fazer uma pesquisa para a dissertação de Mestrado.

O orientador concordou e sugeriu diferentes possibilidades de organizar e realizar este trabalho. Deu-nos uma orientação bibliográfica inicial de natureza introdutória e ampla. Entre essas obras iniciais destacam-se: *O estilo nos textos*, de Norma Discini (2004) e capítulos de duas obras de Jacqueline Authier-Revuz: *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer* (1998) e *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido* (2004).

A leitura de Discini tinha justamente o objetivo de nos fornecer algum conhecimento das diferenças na forma de construção dos textos jornalísticos em função do tipo de leitor a que o jornal se destina. Os textos de Authier-Revuz eram para construir uma base teórica sobre os procedimentos de constituição dos sentidos nos textos. Para essa finalidade também fomos orientados a ler capítulos da obra de Maingueneau (2011), *Análise de textos de comunicação*, na qual o autor retoma de forma resumida e em linguagem mais acessível as ideias de Authier-Revuz.

Na discussão dos textos de Authier-Revuz, o orientador chamou-nos atenção para o tema da metaenunciação, tema que ele pesquisava, naquela ocasião, em dados da língua portuguesa falada.

Tomando como base os textos dos autores referidos e também alguns textos do próprio orientador publicados sobre esse tema, achamos que poderíamos investigar algo sobre o mesmo tema em textos jornalísticos.

O estudo da metaenunciação era, porém, um tema amplo que teria de ser restringido para o projeto da dissertação. Na busca dessa restrição, definimos, em acordo com o orientador, trabalhar a metaenunciação expressa no uso das aspas em textos jornalísticos. A inspiração para essa escolha específica nos veio da leitura sobre esse tópico em textos de Authier-Revuz e de Maingueneau.

Em Authier-Revuz, chamou-nos especialmente atenção a distinção que a autora faz entre o uso de aspas e o uso das glosas (2004, p. 219). As duas são recursos metaenunciativos, ou seja, como explicaremos mais adiante, constituem dizeres sobre o dizer. As aspas dizem algo sobre a palavra ou expressão aspeada, da mesma forma que as glosas dizem algo sobre a expressão a que se referem (o seu escopo). Mas há uma diferença entre elas do ponto de vista de sua identificação e compreensão. As glosas, inseridas no texto, deixam explícito o que elas dizem sobre o escopo. Em outras palavras, é o autor do texto que explicita para o leitor o dizer metaenunciativo no uso das glosas. Já no uso das aspas, embora haja uma intenção intrínseca por parte do autor, em última instância, o responsável pela identificação e pela compreensão do sentido metaenunciativo das aspas é o leitor.

É assim que a autora se manifesta sobre essa questão:

Essas aspas são a marca de uma operação metalinguística local de distanciamento: uma palavra, durante o discurso, é designada na intenção do receptor como o objeto, o lugar de uma suspensão de responsabilidade – daquela que normalmente funciona para as outras palavras. Essa suspensão de responsabilidade determina uma espécie de vazio a preencher, através de uma interpretação, um “apelo de glosa”, se assim se pode dizer, glosa que, às vezes, se explicita, permanecendo mais frequentemente implícita (Authier-Revuz, 2004, p. 219).

Portanto, com essa distinção, Authier-Revuz levanta uma questão de competência de leitura: o leitor, para entender o texto e, dentro dele, entender o sentido da forma aspeada, precisa identificar as razões do uso das aspas. E isso levanta uma outra questão referente ao autor de um texto. Sabemos que, quem escreve, tem sempre em mente o seu provável ou possível leitor. O leitor, segundo Fiorin, é o “coenunciador” do texto. “O enunciatário, como filtro e instância pressuposta no ato de enunciar, é também sujeito produtor do discurso, pois o enunciador, ao produzir um enunciado, leva em conta o enunciatário a quem ele se dirige” (2003, p. 163).

Isso quer dizer que o autor do texto vai adequar sua linguagem às competências do leitor para que este possa compreendê-lo. Relacionando isso com as aspas, o autor precisa considerar se deve ou não usá-las, pois se o leitor não tiver competência para identificar suas funções metaenunciativas, essa “incompetência” trará um possível problema de compreensão do texto.

Levando em consideração essas reflexões baseadas em Authier-Revuz, cabia-nos agora definir o gênero de texto jornalístico que estudaríamos do ponto de vista da metaenunciação realizada pelas aspas. Pensamos que os editoriais dos jornais poderiam formar um *corpus* interessante para esse estudo. E essa ideia nos veio da possibilidade de compararmos os editoriais de dois jornais paulistanos: a *Folha de S. Paulo* e o *Agora São Paulo*. São dois jornais de uma mesma empresa jornalística, a *Folha da Manhã*, com características bem diferentes, determinadas pelo perfil de leitor a que cada um desses jornais se destina. A *Folha de S. Paulo* se destina a um público, em tese, mais qualificado do ponto de vista da capacidade de leitura, com mais conhecimento de mundo, e que se preocupa com questões mais amplas como macroeconomia, política local e internacional, ecologia e tecnologia, já o público-alvo do *Agora São Paulo* é constituído por leitores mais preocupados com questões locais e específicas, sendo que um de seus pontos considerados fortes são as notícias relativas a prestação de serviços de utilidade pública.

A nossa prática de leitura mostrou que em muitos dias do ano, o editorial dos dois jornais trata do mesmo tema. Ora, como os jornais têm públicos de leitores diferentes, partimos do princípio de que os textos dos editoriais, em razão do

princípio da coenunciação, teriam de ter, sob diferentes aspectos, características distintas. E essa distinção teria de se estender também para o uso das aspas.

Conforme Maingueneau (2011, pp. 162 e 163)

Para descobrir a razão do emprego das aspas e interpretá-las, o leitor deve levar em consideração o contexto e, especialmente, o gênero de discurso. Em um jornal regional, as aspas são bem menos frequentes do que no jornal de um partido político e não exigem grandes esforços interpretativos por parte do leitor. [...] Para que as aspas sejam decifradas adequadamente, é necessário uma *convivência* mínima entre o enunciador e o leitor. Cada interpretação bem-sucedida reforçará esse sentimento de convivência. O enunciador que faz uso das aspas, conscientemente ou não, deve construir para si uma determinada representação dos seus leitores, para antecipar sua capacidade de interpretação: ele colocará aspas onde presume que é isso o que se espera dele (ou então, onde não se espera, para surpreender, para provocar um choque). Por outro lado, o leitor deve construir uma determinada representação do universo ideológico do enunciador para conseguir ter sucesso na interpretação pretendida (grifo do autor).

A partir daí definimos o nosso tema de trabalho, a hipótese de nossa pesquisa e seu objetivo. Vamos comparar editoriais do jornal *Agora São Paulo* com editoriais do jornal *Folha de S. Paulo* referentes às mesmas edições que tragam os mesmos temas, para neles identificar e descrever o uso das aspas enquanto manifestações metaenunciativas.

A nossa hipótese decorre das afirmações de Authier-Revuz, quando diz que

O comentário local – e implícito –, que o distanciamento pontual das aspas requer, supõe que, de modo global, uma atitude metalinguística de desdobramento do locutor ocorre em uma fala acompanhada, duplicada, por um *comentário crítico*, no próprio curso de sua produção. Essa atitude manifesta uma aptidão: ela coloca o locutor em posição de juiz e dono das palavras, capaz de recuar, de emitir um julgamento sobre as palavras no momento em que as utiliza (2004, p. 219/grifos da autora).

Ou, ainda, nas palavras de Maingueneau

As aspas constituem antes de mais nada um sinal construído para ser decifrado por um destinatário. O sujeito que utiliza as aspas é obrigado,

mesmo que disso não esteja consciente, a realizar uma certa representação de seu leitor e, simetricamente, oferecer a este último uma certa imagem de si mesmo, ou melhor, da posição de locutor que assume através destas aspas (Maingueneau, 1997, p. 91/grifos do autor).

Em outras palavras, partimos do pressuposto de que, colocar um termo ou expressão - no processo de construção de um texto - entre aspas é uma manifestação metaenunciativa sobre essa palavra ou expressão. Ao usar aspas, o enunciador diz algo sobre o dizer, sobre a forma ou enunciado aspeados.

Sendo assim, temos dois aspectos importantes a serem considerados para que essa “parceria” entre os coenunciadores seja eficaz:

- primeiro - o *enunciador* (editor do editorial) que, como diz Authier-Revuz, se coloca numa posição de “juiz das palavras”, deve estar cômico desse encargo e proceder - quanto à aplicação das aspas, tendo em vista seu público-leitor - da melhor maneira;

-segundo - ao *leitor* cabe identificar e interpretar o que o enunciador quer dizer quando lança mão dos recursos metaenunciativos das aspas, uma vez que dele é exigida competência para a compreensão e interpretação dos sentidos que se possam atribuir às aspas.

Desse fato depreende-se que, leitores habituados a ler textos mais complexos e variados, têm maior capacidade para poder vislumbrar e captar os sentidos metaenunciativos das aspas do que leitores menos habituados a leituras complexas, que têm uma capacidade de leitura reduzida e que só leem textos mais curtos e acessíveis.

Dessa forma, nossa hipótese é a de que, na construção de dois textos sobre um mesmo tema (em nosso caso, os editoriais do *Agora São Paulo* e da *Folha de S. Paulo*) - sendo um destinado a um público com maior competência de leitura (leitores da *Folha*) e outro destinado a um público menos afeito a esse hábito e com uma capacidade de compreensão linguística e temática mais limitada (leitores do *Agora*) - no primeiro caso as aspas são usadas em sua plenitude com referência às funções metaenunciativas, e, no segundo, elas são usadas com parcimônia, só para determinados casos de funções metaenunciativas, ou, em última instância,

totalmente evitadas, utilizando-se o enunciador de outros recursos metaenunciativos, numa reformulação de sentidos que permita àquele leitor menos habituado à leitura, uma vez poupado do esforço interpretativo das aspas, apreender o sentido daqueles textos a ele moldados.

É nosso objetivo demonstrar essa hipótese.

Postas essas considerações, fica claro que nossa pesquisa situa-se no âmbito dos estudos que tratam da heterogeneidade linguística. E essa abordagem teórica implica uma concepção de linguagem e conceitos correlacionados que estão na base de nossas reflexões. Nesse sentido organizaremos o nosso trabalho da seguinte forma:

Em primeiro lugar (capítulo 1) apresentaremos, então, conceitos gerais sobre a noção de língua que estão na base do estudo da heterogeneidade linguística. Nessa perspectiva falaremos também de discurso, texto e enunciado, além de destacarmos o caráter dialógico da linguagem, focalizando brevemente as noções de dialogismo, intertextualidade e polifonia;

Em segundo lugar (capítulo 2) trataremos da heterogeneidade linguística, bem como seus principais desdobramentos, suas formas de manifestação, espécies, metalinguagem, metadiscursividade e metaenunciação;

Em terceiro lugar (capítulo 3) focalizaremos a metaenunciação realizada por meio das *não-coincidências do dizer*, segundo Authier-Revuz. Trataremos de conceituar as 4 categorias de não-coincidências trazendo exemplos de cada uma seguidos dos devidos comentários;

Em quarto lugar (capítulo 4) faremos algumas considerações sobre os jornais de onde vamos tirar os editoriais para análise. Interessa-nos fazer uma distinção entre os dois jornais do ponto de vista de suas características determinadas pelos leitores a que se destinam;

Finalmente, no quinto e último capítulo, como parte principal do trabalho, apresentaremos a metodologia de análise e interpretação dos dados e seus desdobramentos. Para essa análise demonstraremos como serão feitos os levantamentos pelos quais serão cotejados, ao todo, 133 editoriais de cada jornal,

dispostos e divididos, para esse fim, em 5 quadros comparativos. Lembrando que os editoriais de ambos os jornais serão comparados sempre considerando uma mesma edição (publicada no mesmo dia) e que trate do mesmo tema. Acreditamos que, dessa forma, será possível evidenciar a presença e/ou a ausência das aspas, de forma que possamos especificar as funções que elas representam num e noutra editorial. Passaremos, então, aos resultados, tendo em vista as características distintas dos leitores a que são destinados os editoriais.

Por fim, fecharemos o trabalho com nossas considerações conclusivas.

1 CONCEITOS GERAIS

Discutiremos neste capítulo alguns conceitos que nos parecem relevantes para a contextualização teórica geral de nosso trabalho.

1.1 A noção de língua

O homem é por natureza um ser social, isto é, ele vive e sobrevive à medida que convive com outros seres humanos. A língua é o instrumento que permite ao ser humano ligar-se de forma interativa com os outros e, assim, realizar suas práticas sociais. Trata-se de um recurso que os homens desenvolveram para atingir seus propósitos comunicativos e, conseqüentemente, atingir seus objetivos na vida. A língua é a própria condição da existência humana.

Durante essa jornada de relações, manifestações e interações, o ser humano – pela necessidade que tem de se comunicar, entender a si próprio e ao outro, ou melhor dizendo, aos outros, e ao mundo em que vive - produz uma variedade de textos, seja por meio da linguagem verbal ou da linguagem não verbal. Esses textos são produtos do ato da enunciação, isto é, do ato de usar a língua para a realização das práticas sociais. Nas palavras de Bakhtin *“A situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação”* (2006, p. 117/grifos do autor).

Assim, para verbalizar a linguagem, para manifestá-la, materializar o pensamento, utiliza-se do discurso que, por sua vez, se evidencia por meio do texto, que é o produto da enunciação, o enunciado. Segundo Maingueneau, **“enunciado se opõe a enunciação da mesma forma que o produto se opõe ao ato de produzir, nesta perspectiva, o enunciado é a marca verbal do acontecimento que é a enunciação”** (2011, p. 56/grifos do autor).

O discurso se materializa linguisticamente por meio do texto, e, por sua análise (do texto), pode-se entender como funciona um discurso. Embora sejam diferentes em sua definição estrita, discurso e texto estão ligados de tal forma que

constantemente são tomados por sinônimos, o que também faremos neste trabalho sempre que essa sinonímia não suscitar prejuízos de clareza e compreensão.

O texto pode ser oral ou escrito e se constrói no processo das relações interacionais quando um falante interage com um ouvinte, ou um escritor com o seu leitor por meio da língua. Como o texto é a forma de materialização do discurso, para sua melhor compreensão devem ser consideradas as condições de produção deste último. Para produzir, bem como para compreender um texto, não basta ter apenas conhecimentos linguísticos (conhecer o vocabulário, a gramática da língua) mas também são necessários conhecimentos extralinguísticos (conhecimento de mundo, enciclopédico, histórico, cultural). Os textos não são só sequências de palavras e frases. Eles, acima de tudo, evidenciam as práticas sociais dos indivíduos, ou seja, a sua vida. Dos textos pode-se dizer o que Bakhtin diz das palavras:

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida (2006, pp. 98 e 99).

Em síntese, a noção de língua que está na base deste trabalho é a de que ela se evidencia na interação, no ato enunciativo, quando os interlocutores interagem por meio dela. Essa interação não se constitui pelas formas linguísticas em si, mas pela realidade vivencial que põe as pessoas em contato em contextos e situações específicos.

1.2 Discurso, texto e enunciado

Segundo Maingueneau, “no uso comum, chamamos de ‘discurso’ os enunciados solenes (‘O presidente fez um discurso’), ou, pejorativamente, as falas inconsequentes (‘tudo isso é só discurso’)” (2011, p. 51). Afirma ainda que “o termo pode igualmente designar qualquer uso restrito da língua” e, sob esse aspecto, cita exemplos tais como “o discurso islâmico”, “o discurso político”, “o discurso administrativo” e outros (*ibidem*). E nessa perspectiva estendemos também a

denominação de discurso para o uso da língua em geral, na fala ou na escrita, em que as pessoas interativamente estruturam e organizam a sua vida.

Para Bakhtin, “o discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir” (2011, p. 274). Disso concluímos que os discursos apresentam-se como objetos de compreensão e interpretação nos textos, isto é, nos enunciados.

Com base nessas considerações e valendo-nos especialmente das ideias de Maingueneau (2011, pp. 52 - 55) e Brandão (2006, pp. 3 - 5), apresentamos, a seguir, de forma resumida, algumas características essenciais dos discursos e, assim, também, dos textos.

- o discurso não se limita a sua estruturação linguística, mas ele se define essencialmente pelas condições em que foi produzido e pelas crenças e valores de uma sociedade, de um grupo e de indivíduos nele veiculados;

- a produção e a compreensão dos discursos não dependem só de conhecimentos linguísticos dos usuários da língua, mas também de conhecimentos de mundo dos envolvidos na interação discursiva, já que é a vida das pessoas o assunto dos discursos;

- o discurso é produzido por um sujeito – um EU - que se coloca como o responsável pelo que se diz, e é em torno desse sujeito que se organizam as referências de tempo e de espaço. Esse sujeito que fala assume uma atitude, um determinado comportamento em relação àquilo que diz e em relação àquele com quem fala;

- o discurso é essencialmente interativo, pois é uma atividade que se desenvolve, no mínimo, entre dois parceiros. A conversação é o exemplo mais evidente dessa interatividade;

- o discurso é uma forma de atuar, de agir sobre o outro. Quando enunciamos um pedido, uma ordem, uma pergunta, um aviso, fazemos uso de uma ação realizada por meio da linguagem (ato de fala ou escrita) que tem por objetivo modificar uma situação;

- o discurso trabalha com enunciados concretos, falas/escritas realmente produzidas (e não idealizadas, abstratas, como as frases da gramática normativa), e os estudos que se fazem deles visam descrever suas normas, isto é, como funciona a língua no seu uso efetivo;

- o discurso é regido pelo princípio do dialogismo. A palavra dialogismo vem de diálogo, “conversa”, “interação verbal” que supõe pelo menos dois falantes. Quando falamos nos dirigimos sempre a um interlocutor;

- o discurso tem caráter polifônico. Por causa desse aspecto dialógico da linguagem, dialoga com outros discursos, outras vozes, com os quais concorda (porque o corroboram) ou discorda.

Muitas vezes texto e discurso são tratados como sinônimos, uma vez que o discurso se manifesta linguisticamente por meio de **textos**, isto é, o discurso se materializa sob a forma de textos (grifo nosso).

“O que é texto?”, segundo Guimarães (2009, p. 11) “são muitas as possibilidades de resposta a essa questão, dependendo da vertente teórica em que se situe o estudioso”. Sendo assim, nos socorreremos da mesma autora para encontrar uma definição:

Em sentido amplo, a palavra texto designa um enunciado qualquer, oral ou escrito, longo ou breve, antigo ou moderno. Concretiza-se, pois, numa cadeia sintagmática de extensão muito variável, podendo circunscrever-se tanto a um enunciado único ou a uma lexia quanto a um segmento de grandes proporções. (*op. cit.*, p. 14).

Analisando, então, o texto é possível entender como funciona o discurso. Apesar de diferentes pontos de vista de definição, discurso e texto estão profundamente interligados, sendo que o texto pode ser oral ou escrito e construído no processo das relações interacionais, ou seja, enquanto um falante interage com outro ou com outros por meio da língua.

Como o texto é uma forma de concretização do discurso, para produzir ou compreender um texto deve-se levar em conta as suas condições de produção, que envolvem não só a situação imediata (quem fala, a quem o texto é dirigido, quando e

onde se produz ou foi produzido), mas também uma situação mais ampla em que essa produção se dá: que valores ou crenças os interlocutores carregam, que aspectos sociais, históricos, políticos, que relações de poder determinam essa produção.

Conforme já visto, para a melhor compreensão e produção dos textos não são suficientes somente os conhecimentos linguísticos, mas também são necessários conhecimentos extralinguísticos.

A própria concepção bakhtiniana (2006) de linguagem apresenta, em seu bojo, o conceito de texto, uma vez que a linguagem se constitui na enunciação, o que, vale dizer, sempre se dá por meio da interação. Pode-se até dizer que o universo gira em torno de textos e discursos.

Segundo Barros (2005, p. 11) o texto se desdobra em duas concepções que se complementam “pela organização ou estruturação que faz dele um ‘todo de sentido’, como objeto da comunicação que se estabelece entre um destinador e um destinatário”.

Na primeira concepção o texto é considerado, no âmbito de sua **significação** (grifo nosso), como um artefato linguístico organizado a partir de elementos que se interligam semanticamente, sendo dotado de uma estrutura que garanta sua compreensão de uma forma global, fazendo com que “seu estudo se confunda com o exame dos procedimentos e mecanismos que o estruturam, que o tecem como um ‘todo de sentido’. A esse tipo de descrição tem-se atribuído o nome de **análise interna ou estrutural do texto**” (*op. cit.*, pp. 11 e 12/grifos da autora).

Na segunda concepção o texto é tratado como um **objeto de comunicação**, ou seja, ele se constitui a partir de um processo de interação que envolve os contextos social e histórico que lhe atribuem sentido. (grifos nossos).

Sob essa perspectiva, o texto é resultado da interação que se dá entre os sujeitos sociais. Conforme Barros (*op. cit.*, p. 12) essa interação pode ser determinada por formações ideológicas específicas, caso em que o texto deverá ser examinado em seu contexto sócio-histórico que o envolve e lhe atribui sentido. Assim, o estudo do texto sob esse ponto de vista “se costuma denominar **análise externa do texto**” (*ibidem*/grifos da autora).

Dessa forma, o texto deverá se apresentar constituído por alguns princípios de textualidade que o transformarão em um todo, um produto semanticamente organizado, e não apenas numa sequência de palavras e frases desconexas.

A coesão é um desses princípios e se apresenta no nível superficial do texto, por meio de marcas linguísticas que elaboram sua constituição sequencial. Caracteriza-se, assim, por procedimentos de ordem sintático-gramatical que evidenciam sua natureza semântica.

Segundo Koch: “Podemos conceituar a coesão como o fenômeno que diz respeito ao modo como os elementos linguísticos presentes na superfície textual se encontram interligados, por meio de recursos também linguísticos, formando sequências veiculadoras de sentidos.” (2008, p. 45).

Outro princípio da textualidade é a coerência, que, por sua vez, não se apresenta essencialmente conectada à questão gramatical da constituição textual, mas antes, é evidenciada pelo aspecto comunicacional sobre o qual o texto se fundamenta, mecanismos enunciativos de produção e recepção que permitam uma compreensão global do texto. Nesse sentido são as palavras de Koch (2008):

A coerência está diretamente ligada à possibilidade de estabelecer um sentido para o texto, ou seja, ela é o que faz com que o texto faça sentido para os usuários, devendo, portanto, ser entendida como um princípio de interpretabilidade, ligada à intelegibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor tem para calcular o sentido desse texto. Este sentido, evidentemente, deve ser do todo, pois a coerência é global (*op.cit.*, p. 21).

Nesse mesmo sentido Koch observa que

um texto se constitui enquanto tal no momento em que os parceiros de uma atividade comunicativa global, diante de uma manifestação linguística, pela atuação conjunta de uma complexa rede de fatores de ordem situacional, cognitiva, sociocultural e interacional, são capazes de construir, para ela, determinado sentido. Portanto, à concepção de texto aqui apresentada subjaz o postulado básico de que o sentido não está no texto, mas se constrói a partir dele no curso de uma interação (*op. cit.*, p. 25).

Um texto pode, então, se constituir por meio de manifestações linguísticas preestabelecidas - elementos dispostos conforme determinadas regras - as quais estão numa relação de interdependência estrutural e semântica. Todavia, essas manifestações não têm como integrar o texto se não houver os parceiros da atividade comunicativa, uma vez que as manifestações linguísticas só são passíveis de se realizar por meio do ato de um enunciador que manifesta interesse numa interação com um enunciatário que pode compreender sua mensagem, com ele interagindo por meio da interpretação dessa mensagem, ou mesmo por meio de manifestações de interferência e reformulação da enunciação, até contribuindo na elucidação de algum aspecto linguístico.

Nesse sentido o texto constitui um **enunciado**. Podemos dizer que o texto é um produto da enunciação, entendida como o ato, aqui e agora, de construção do enunciado que acontece quando pelo menos dois interlocutores interagem num processo dinâmico na construção de sentidos. Nesse enfoque, o texto é um trabalho cooperativo, pois o sujeito da enunciação é uma instância complexa constituída por enunciador e enunciatário. Assim entendemos o dizer de Fiorin que “O enunciatário, como filtro e instância pressuposta no ato de enunciar, é também sujeito produtor do discurso, pois o enunciador, ao produzir um enunciado, leva em conta o enunciatário a quem ele se dirige” (2003, p. 163).

Mainqueneau nos chama a atenção para o fato de que a enunciação não caminha num sentido único, não é apenas a expressão do pensamento de um único locutor que se dirige a um destinatário passivo. Resulta, então, dessa interação os termos “**coenunciador**” e “**coenunciadores**”, para designar os dois parceiros do enunciado (2011, p. 54/grifos do autor).

Dessa forma, concluímos que ambos, enunciador e enunciatário, são, na verdade, coenunciadores na construção do texto (grifos nossos).

Então, somos levados a entender que o conceito de enunciador tende a assumir um caráter recíproco, cuja alteridade se manifesta dependendo do contexto comunicacional.

De uma forma abstrata podemos atribuir a certos sujeitos do enunciado tais como autor, escritor, ator, falante, poeta, etc., a função de enunciador, enquanto a

função de enunciatário – também de forma abstrata – poderia ser atribuída a sujeitos tais como leitores, ouvintes, plateia, etc.

De qualquer maneira, o sujeito da enunciação que assume a função de enunciador busca, como objetivo final, persuadir o enunciatário a assumir a autenticidade do que ele (“enunciador”) está falando, escrevendo ou encenando (ou transmitindo por qualquer outra forma de manifestação discursiva), sendo que ao enunciatário - neste momento da relação comunicativa – cabe a interpretação do enunciado/texto.

Assim, esses conceitos deixam mais explícita a noção de texto como objeto de comunicação. O enunciador projeta no enunciado suas escolhas, inscrevendo nele marcas ou pistas que produzem efeitos de sentido com vistas a um fazer persuasivo em relação ao enunciatário. Para fazer com que este acredite em seu texto, o enunciador parte de um simulacro de tudo o que poderia constituir o “território” do seu enunciatário, sua idiosincrasia (crenças, conhecimentos, valores, etc.).

Nesse sentido, as escolhas do enunciador são, de uma certa forma, definidas pelo enunciatário. Do mesmo modo, o enunciatário faz um simulacro da visão de mundo e das intenções do enunciador para realizar o seu fazer interpretativo. Portanto, também a compreensão do texto é um processo coparticipativo, já que o enunciatário constrói a compreensão na perspectiva do enunciador.

Tanto enunciador quanto enunciatário “carregam” consigo uma bagagem de experiências e conhecimentos que influenciam na construção dos sentidos do texto. Ao interagir, coparticipam do processo de construção, aproximando ou afastando “contextos” linguísticos, sociais, políticos, religiosos e outros. Nessa perspectiva convém estabelecer o conceito de Bakhtin de que o enunciado é a “unidade real da comunicação discursiva” (2011, p. 274).

Ao expor esse conceito, Bakhtin critica a concepção da linguística que considera a função comunicativa da linguagem um processo ativo por parte do locutor e passivo por parte do receptor. Para os adeptos dessa teoria, os pontos principais da comunicação são o enunciado e o próprio enunciador, ao passo que,

sob a óptica de Bakhtin, o “outro”, neste caso o enunciatário, não pode ser ignorado, haja vista o enunciado como produto ser constituído a partir do processo de que se dirige a um destinatário.

A enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade linguística (BAKHTIN, 2006, p.126).

1.3 Dialogismo, Intertextualidade e Polifonia

Segundo Bakhtin (2006), o dialogismo é um fenômeno que ocorre em todo e qualquer discurso. É a orientação natural de qualquer discurso vivo, em qualquer direção, um discurso que se encontra com o discurso de outra pessoa, no qual o enunciator leva em conta na elaboração de seu próprio enunciado as conclusões alheias que estão implícitas no seu discurso. Segundo Barros (2003, p. 2) “O dialogismo é a condição do sentido do discurso”.

Todo texto é permeado pelo diálogo de outrem, ou seja, qualquer assunto que for tratado, qualquer discurso que seja elaborado levará sempre em consideração as apreciações e pontos de vista de enunciados anteriores. Os sons, as palavras e as orações são repetíveis, mas os enunciados, ou mais precisamente, o momento em que são ditos não é repetível, pois no enunciado estão presentes ecos e lembranças de outros enunciados que são reaproveitados num dado momento diverso daquele original, ou que foi enunciado primeiro.

Todos os processos de comunicação, independentemente de sua dimensão, são dialógicos, sendo que um enunciado não existe fora do dialogismo. Assim, as unidades da língua não têm autor, porque qualquer um pode se apropriar das palavras, porém um enunciado devidamente manipulado à maneira característica de seu enunciator - num dado momento - ostenta sua autoria.

Todo enunciado é dialógico, sendo que o dialogismo é inerente ao funcionamento da linguagem, é parte integrante do processo constitutivo do enunciado, que se desenvolve a partir de outro enunciado. Portanto, nele ouvem-se

sempre, ao menos duas vozes. Mesmo que elas não se manifestem claramente no discorrer do discurso, estarão sempre presentes em seu bojo.

Segundo Barros (2003, p. 2) “O dialogismo decorre da interação verbal que se estabelece entre o enunciador e o enunciatário, no espaço do texto”.

Assim, tem-se que um enunciado é sempre heterogêneo, uma vez que revela, no mínimo, duas posições, a do enunciador, que já vem carregada de um conhecimento dialógico pré-adquirido - portanto mesmo que inconscientemente, influenciada por esse pré-conhecimento - e a oposição de seu interlocutor que é a resposta àquele primeiro enunciado.

A noção de recepção/compreensão ativa proposta por Bakhtin (2006, p.152) ilustra o movimento dialógico da enunciação, a qual constitui o território comum do locutor e do interlocutor. O locutor enuncia em função da existência (real ou virtual) de um interlocutor, e dele espera uma atitude responsiva.

A enunciação propõe uma réplica, seja em forma de concordância, apreciação, ação, etc. E sua compreensão é possível porque é posta em movimento dialógico frente aos enunciados, em confronto tanto com os nossos próprios dizeres quanto com os dizeres alheios.

Compreender não equivale simplesmente a reconhecer o “sinal”, a forma linguística, nem a um processo de identificação; o que realmente é importante é a interação dos significados das palavras e seu conteúdo ideológico, não só do ponto de vista enunciativo, mas também do ponto de vista das condições de produção e da interação locutor/receptor.

O diálogo, tanto exterior, na relação com o outro, como no interior da consciência, ou escrito, realiza-se na linguagem. Refere-se a qualquer forma de discurso, quer sejam as relações dialógicas que ocorrem no cotidiano, quer sejam textos artísticos ou literários. “A compreensão é uma forma de *diálogo*; ela está para a enunciação assim como uma réplica está para a outra no diálogo. Compreender é opor à palavra do locutor uma *contrapalavra*” (Bakhtin, 2006, p.137/grifos do autor).

Bakhtin considera o diálogo como as relações que ocorrem entre interlocutores, em uma ação compartilhada socialmente, isto é, que se realiza em

um tempo e local específicos, mas sempre mutável, devido às variações do contexto.

Segundo Bakhtin, o dialogismo é constitutivo da linguagem, pois mesmo entre produções tidas como monológicas observamos sempre uma relação dialógica; portanto, todo gênero é dialógico. Segundo Barros (2003, p. 2) “o princípio dialógico permeia a concepção de Bakhtin de linguagem e, quem sabe, de mundo, de vida”.

Para ele a utilização da língua pelos falantes se dá através de enunciados orais, escritos e concretos, que atendam a atividades específicas, num dado contexto em que se respeitem a temática, a composição e o estilo a que se destinam. A língua está articulada ao sujeito, à história e à prática social.

O dialogismo bakhtiniano (2006) se realiza justamente nessa articulação heterogênea da língua em que acontece a interação verbal, uma manifestação heterogênea e dialógica que se realiza por meio da enunciação e do enunciado, dotada de atravessamentos pelos quais pode se completar ou se confrontar, criando, assim, a relação dialógica.

Os textos são construções dialógicas, uma vez que resultam do embate entre vozes sociais que, ao se fazerem ouvir, produzem efeitos, ecos de outras vozes, que se constituem na relação dialógica.

A intertextualidade é uma forma de manifestação da natureza dialógica dos discursos e, portanto, da linguagem. Segundo Guimarães (2009, p. 134), “define-se a **intertextualidade**, como um processo de incorporação de um texto em outro, seja para reproduzir o sentido incorporado, seja para transformá-lo” (grifo da autora).

Nesse diapasão, intertextualidade, nada mais é do que o diálogo entre textos, ou seja, como o próprio nome diz, interação ou relação entre textos. A intertextualidade é inerente à produção discursiva humana, uma vez que nada é estritamente original, sendo que, falar em autonomia de um texto no sentido de originalidade é, a rigor, de uma certa forma, ingenuidade, pois todo texto se caracteriza por ser uma proposta de significação que não está inteiramente

construída, vez que submeter-se-á à consciência, ao ponto de vista e à recriação dos leitores.

Na apresentação de uma concepção de texto é relevante destacar sua natureza intertextual. A intertextualidade na construção dos textos nada mais é do que a manifestação do princípio constitutivo geral da linguagem, o dialogismo.

Segundo Koch

todo texto é um objeto heterogêneo, que revela uma relação radical de seu interior com seu exterior; e, desse exterior, evidentemente, fazem parte outros textos que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, que retoma, a que alude, ou a que se opõe (2008, p. 59).

Nesse aspecto a intertextualidade se caracteriza pelas formas de como a produção e recepção do texto se vinculam ao conhecimento que se tem de outros textos com os quais, de alguma forma, se relaciona, dialoga.

A intertextualidade ocorre, portanto, quando o autor incorpora, na construção de seu texto, elementos de outros textos. Fiorin (2006, p. 30) considera a intertextualidade como um “processo de incorporação de um texto em outro”.

Essa incorporação costuma ocorrer por meio da **citação** de partes de um outro texto; da **alusão** a algum texto, na forma, em geral, de incorporações de estruturas sintáticas, mas que se realizam com outros elementos lexicais; e finalmente, por meio da **estilização**, que consiste em construir o texto segundo o estilo de um outro texto (grifos nossos).

Essas formas de intertextualidade podem ter, nos textos, natureza contratual ou polêmica, à medida que, respectivamente, confirmem ou contestem o ponto de vista original.

Do ponto de vista da natureza comunicativa dos textos, principalmente no que tange ao papel do enunciatário de compreendê-los e interpretá-los, a intertextualidade pressupõe um leitor capaz de identificar nos textos as marcas, as formas e os motivos da intertextualidade. Quanto maior for essa capacidade, maior será sua competência de leitor.

O dialogismo, muitas vezes confundido com a **polifonia** (Barros, 2003, p. 5), na verdade diz respeito ao princípio constitutivo da linguagem, que é de natureza dialógica. A polifonia é a forma de o dialogismo se manifestar no nível dos textos. Ela se revela na diversidade de vozes que se explicitam no fio do discurso.

Na polifonia, é possível perceber o dialogismo pela presença das vozes constitutivas do discurso. Quando essas vozes não se manifestam produz-se um efeito de monofonia, já que se tem a ilusão de o enunciado ser constituído por uma única voz. Na verdade, porém, isso não existe, já que o enunciado só pode se constituir na relação dialógica.

Como polifonia, entenda-se a presença de vários sujeitos sociais e históricos que se apresentam no discurso, ou várias vozes que se cruzam no tempo e no espaço, na construção do discurso. E, como dialogismo, concebe-se o espaço interacional entre o “eu” e o “tu”, entre o eu e o *outro*, na construção do discurso.

Segundo Barros (2003, pp. 5 e 6), é polifônico o texto “em que se deixam entrever muitas vozes, por oposição aos textos monofônicos, que escondem os diálogos que os constituem”. Segundo ela, nos polifônicos, as vozes se mostram; já nos monofônicos, elas se ocultam sob a aparência de uma única voz.

A polifonia e monofonia são, então, efeitos de sentido (*op. cit.* p. 6) produzidos em textos que, por natureza, são sempre dialógicos em razão dos embates de diferentes vozes sociais de que se originam.

Segundo Barros (*ibidem*, p. 6) quando essas vozes se deixam escutar produz-se um efeito polifônico; já quando elas se disfarçam – latentes - no discurso, dando a impressão de uma só voz, o efeito de sentido é monofônico.

Essa distinção pode ser tomada como um princípio de identificação tipológica de textos. Discursos autoritários, por exemplo, são de ordem monofônica, já que neles as possibilidades da polêmica, do contraditório, das ambiguidades, dos desacordos, são abafadas, criando a ilusão da verdade única e absoluta, da impossibilidade de contestação.

A essa modalidade de discurso opõe-se o discurso poético, por exemplo - no sentido de que, por meio de diversos mecanismos, é traspassado por diversas

vozes, evidenciando o caráter polifônico – que manifesta polêmica, contradições e conflitos.

Em síntese, dialogismo, intertextualidade e polifonia se resumem a manifestações de heterogeneidade. Sobre esse assunto, especificamente, dedicaremos nossos estudos do capítulo 2.

2 HETEROGENEIDADE LINGUÍSTICA

Para Authier-Revuz (1998, p. 14) alguns enunciados apresentam um traço comum: eles não se encerram em si mesmos, ou, no dizer da autora, eles são representados como “não falando por si”, mas a enunciação se estende num comentário ou numa avaliação do enunciado, constituindo-se um desdobramento metaenunciativo.

Nesse sentido, a autora reconhece a existência de um sujeito dividido: “Contrariamente à imagem de um sujeito ‘pleno’, que seria a causa primeira e autônoma de uma palavra homogênea, sua posição é a de uma palavra heterogênea que é o fato de um sujeito dividido” [...] (2004, pp.48 e 49).

Nessa perspectiva, o dialogismo de Bakhtin - entendido como princípio constitutivo de qualquer discurso, aspecto inerente à própria concepção de linguagem e de texto –, direcionado sob a orientação dos estudos de Authier-Revuz (2004), assume o postulado de heterogeneidade linguística (ou discursiva ou enunciativa).

Assim, da mesma forma que o dialogismo se opõe ao pretense caráter monológico da linguagem, a heterogeneidade também se opõe a uma concepção homogênea da linguagem, uma vez que os discursos – constituintes da expressão linguística - são originariamente heterogêneos porque diferentes vozes convergem para sua constituição.

Conforme Authier-Revuz:

Todo discurso se mostra constitutivamente atravessado pelos “outros discursos” e pelo “discurso do Outro”. O outro não é um objeto (exterior, do qual se fala), mas uma condição (constitutiva, para que se fale) do discurso de um sujeito falante que não é fonte-primeira desse discurso (2004, p. 69).

Segundo a autora, a heterogeneidade se divide em heterogeneidade constitutiva e heterogeneidade mostrada (Authier-Revuz, 2004, p. 178). Veremos na sequência essa distinção.

2.1 Heterogeneidade constitutiva (ou implícita ou não-mostrada)

O texto revela uma propriedade fundamental da linguagem, a heterogeneidade constitutiva (ou implícita ou não mostrada) que, segundo Authier-Revuz, é constitutiva da própria enunciação, uma vez que nela se faz presente agindo de forma permanente, mas que não é diretamente observável (2004, p.179).

O discurso se constitui a partir de outros discursos. Todo discurso responde a algum outro, sendo que todos os discursos, textos, enunciados, são atravessados por outros discursos, textos e enunciados.

Pressupõe-se assim que, nesse diapasão, o discurso se divide, precipuamente, em duas concepções a respeito de uma dada questão: “aquela que defende e aquela a que se opõe” (SAVIOLI e FIORIN, 2001, p. 40).

Daí a razão de ser dessa constituição heterogênea do discurso: ele sempre apresenta, ao menos, “duas vozes sociais, dois pontos de vista, duas perspectivas sobre um determinado tema”, visto que há sempre uma voz sob outra (*ibidem*), e quando essa voz é latente, não-observável no fio do discurso, diz-se que a heterogeneidade é constitutiva.

Authier-Revuz propõe, então, o conceito de heterogeneidade constitutiva da linguagem, da enunciação – a “que está **presente** nela, em ação, de maneira permanente, mas não diretamente observável” (2004, p. 179/grifo da autora).

O fato de a heterogeneidade constitutiva tratar-se de uma heterogeneidade não mostrada ou implícita, não significa, contudo, que seja de todo imperceptível no texto, mas apenas que não é mostrada formalmente por meio de recursos linguísticos ou paralinguísticos, podendo ser identificada e recuperada pelo interlocutor ou leitor quando este recorre a sua memória discursiva.

Um editorial ou artigo de jornal em que esteja em pauta a defesa da liberdade de expressão, da livre opinião, da imprensa independente, por exemplo, só ocorre, como só tem sentido ocorrer, num contexto em que, em princípio, não haja liberdade de expressão, ou esta esteja sob alguma espécie de ameaça.

Dessa forma, o leitor quando se depara com algum texto ou discurso em que se preconiza a liberdade de expressão da mídia, sob a forma de uma

heterogeneidade constitutiva, seu pré-conhecimento, por meio de sua memória discursiva, lhe permite que identifique e relembre discursos anteriores em que o contrário é defendido. É claro que, para isso, ele terá que ter acompanhado a discussão ao longo do tempo.

Assim, nesses tipos de discurso, o leitor tem a possibilidade de perceber as outras vozes nele existentes e identificar o caráter heterogêneo constitutivo dos enunciados – mesmo que no fio do discurso não haja nenhuma marca que evidencie essa heterogeneidade - na medida em que tem consciência dos discursos aos quais respondem e correspondem.

2.2 Heterogeneidade mostrada

A heterogeneidade mostrada ou manifesta (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 179) é aquela em que se identificam os outros discursos, as outras vozes, que se mostram de maneira patente no fio do discurso. É aquela que “incide sobre as manifestações explícitas, recuperáveis a partir de uma diversidade de fontes de enunciação” (MAINGUENEAU, 1997, p.75).

Há uma aparente diversidade entre a heterogeneidade constitutiva e a heterogeneidade mostrada, mas, na verdade, ambas têm a mesma natureza, na medida em que a heterogeneidade constitutiva é condição para que haja a heterogeneidade mostrada e a explicitação desta - levada a efeito no fio do discurso - indica a heterogeneidade constitutiva dos discursos. Em outras palavras, por meio da heterogeneidade mostrada se evidencia a existência da própria heterogeneidade constitutiva ou não-mostrada.

Trata-se, conforme Authier-Revuz (2004, p. 179) do “heterogêneo manifesto, sobre o fio, produzindo nele rupturas observáveis” e que podem ser de dois tipos: o heterogêneo mostrado marcado e o heterogêneo mostrado não marcado.

2.2.1 Heterogeneidade mostrada marcada

As manifestações de heterogeneidade marcada são sempre caracterizadas de forma explícita na superfície do texto, por elementos linguísticos ou diacríticos que são usados com essa finalidade de deixar marcas no texto que delimitem o discurso do enunciador e o discurso do outro. Essas marcas de natureza linguística ou diacrítica são formas já cristalizadas na língua para esse fim.

Esse tipo de heterogeneidade mostrada se revela, por exemplo, na negação, no discurso direto, no discurso indireto, nas glosas do enunciador e nas aspas.

a) A negação contém, normalmente, dois pontos de vista: enquanto um enunciador afirma algo, o outro refuta essa afirmação anterior.

Para Ducrot (apud Maingueneau, 1997, p.80):

a enunciação da maior parte dos enunciados negativos é analisável como encenação do choque entre duas atitudes antagônicas, atribuídas a dois 'enunciadores' diferentes: o primeiro personagem assume o ponto de vista rejeitado e o segundo, a rejeição deste ponto de vista.

Maingueneau apresenta três espécies de negação que, a rigor, foram preconizadas por Ducrot (MAINGUENEAU, 1997, p. 84, DUCROT, 1987, pp. 203 e 204). São: a negação metalinguística, a negação polêmica e a negação descritiva.

Conforme Maingueneau (1997, p. 84), a negação metalinguística é aquela que

contradiz os próprios termos de um enunciado oposto. Esta negação visa ao locutor que assumiu o enunciado negado, podendo anular os seus pressupostos. Dizer A França não parou de recuar, ela jamais recuou consiste em recusar os termos do locutor.

Trata-se, assim, de uma recusa ao enunciado proposto.

A negação metalinguística ocorre no nível de locutores, isto é, pressupõe que, quando se nega alguma coisa, um locutor está, na realidade, contestando o que um outro locutor disse anteriormente:

É esta negação "metalinguística" que permite, por exemplo, anular os pressupostos do positivo subjacente, como é o caso em "Pedro não parou

de fumar; de fato, ele nunca fumou na sua vida”. Este “não parou de fumar”, que não pressupõe “fumava antes”, só é possível como resposta a um *locutor* que acaba de dizer que Pedro parou de fumar (e, de outro lado, exige que se explicita o questionamento do pressuposto anulado sob a forma, por exemplo, de um “ele nunca fumou na sua vida”) (DUCROT, 1987, p. 204/grifo do autor).

A negação polêmica é uma negação que ocorre no nível dos enunciadores e “corresponde ‘à maior parte dos enunciados negativos” (*ibidem*). Assim é definida por Maingueneau:

Aqui, não há rejeição de um locutor, mas de um *enunciador* mobilizado no discurso, enunciador este que não é o autor de um enunciado realizado. O que é rejeitado é construído no interior da própria enunciação que o contesta (1997, p.84/grifo do autor).

Na negação descritiva “os enunciados negativos, em geral, representam um conflito, sendo tomados em um interdiscurso que os opõe a outros enunciados” (*ibidem*).

b) O discurso direto pode ser definido como a inserção de uma outra fonte enunciativa no discurso, sendo que o narrador empresta a voz a um interlocutor criando uma simulação de diálogo por meio da reprodução do discurso de outros no texto. São as personagens que falam, mas o interlocutor manipula o discurso na medida em que cede-lhes a palavra.

Conforme Authier-Revuz: “no discurso direto, são as próprias palavras do outro que ocupam o tempo – ou o espaço – claramente recortado da citação na frase; o locutor se apresenta como simples ‘porta-voz” (2004, p.12).

Essa constatação coloca o discurso direto numa posição de heterogeneidade explícita na construção do texto, sendo *marcado* pelas seguintes características: (conforme SAVIOLI e FIORIN, 2001, p. 43)

- a fala das personagens vem introduzida por verbos *dicendi*, tais como dizer, falar, afirmar, retorquir, retrucar, ponderar, replicar, responder, perguntar, os quais podem vir antes, no meio ou depois da fala citada, ou até estar subentendidos;

- as palavras do narrador são claramente distintas das palavras/discurso do enunciador e se destacam do restante do texto por marcas evidenciadas pelo uso de dois pontos, travessão, aspas ou itálico;

- os pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos, tempos verbais e advérbios de lugar e tempo, são usados tanto em referência ao narrador quanto ao interlocutor - o enunciador do discurso citado, e as personagens -: um e outro dizem “eu” e tratam a pessoa a quem se dirigem por “tu”, “consideram *aqui* o lugar de onde falam e, a partir dele, ordenam os outros espaços (*aí, ali, lá, acolá*)” (Savioli e Fiorin, 2001, p. 143/grifos do autor), falam de um tempo “agora”, a partir do qual organizam os demais tempos.

c) O discurso indireto, tal qual o discurso direto, também apresenta um ato de enunciação alheio em sua constituição, no entanto, nele não se apresenta a simulação de diálogo existente no discurso direto.

Aqui o narrador não cede a palavra às personagens, mas traz para sua enunciação a enunciação do outro, fazendo-se de uma espécie de intérprete das palavras alheias para citá-las – tornando-se um mensageiro da voz do outro - numa espécie de “paráfrase”.

O discurso indireto é *marcado* pelas seguintes características:

- a palavra alheia citada – das personagens ou interlocutores - também vem introduzida por um verbo *dicendi* (verbo de dizer ou de elocução);

- o enunciado das personagens é traduzido sob a forma de uma oração subordinada substantiva objetiva direta do verbo *dicendi* introduzido - e separado nitidamente do enunciado do narrador - geralmente pelas conjunções integrantes “que” e “se” ou por um advérbio ou pronome interrogativo;

- as pessoas, tempos e espaços representados por pronomes pessoais e advérbios de tempo e lugar vêm organizados em relação ao narrador: só ele diz “eu” e somente ele se encontra no lugar “aqui” e no momento “agora”, e a quem ele se dirige é sempre tratado por “tu”.

d) aspas

As aspas sinalizam a heterogeneidade mostrada marcada da linguagem - já que representam uma enunciação sobre o enunciado posto entre aspas – e devem ser interpretadas pelo enunciatário.

Também as glosas são uma enunciação sobre um enunciado, com a diferença de que essa enunciação é verbalizada pelo enunciador.

Para Authier-Revuz (2004, p. 217) as aspas podem ter dois empregos: o **emprego autonímico** e o de **conotação autonímica** (grifos nossos). Esta última será também a função exercida pelas glosas, como veremos adiante.

A autonímia, ou menção, ou emprego autonímico, ocorre quando o locutor faz menção e não uso das palavras entre aspas. Ou seja, as aspas só têm valor de conotação autonímica quando destacam o termo ou palavra enquanto referente por meio do signo - e não como signo em si mesmo - , como é o normal no uso corrente da linguagem.

Vejamos estes enunciados:

1. A palavra “maçã” é um substantivo feminino.

2. E ele anunciou, sem a menor cerimônia: - “Mãos ao alto, isto é um assalto!”.

No primeiro caso (exemplo de menção autonímica) o que está em destaque é a palavra “maçã”, ou melhor, o signo “maçã”, não o referente desse signo”.

Já no segundo caso, temos um exemplo de enunciado em que há conotação ou modalização autonímica, ou seja, há uso efetivo da palavra, de seu referente, por meio de discurso direto. Observa-se o uso de um verbo *dicendi* (anunciou) e a ruptura sintática própria desse discurso como marcas de “objeto estranho” do segmento entre aspas.

No primeiro exemplo, as aspas que destacam “maçã” estabelecem uma ruptura no contexto do enunciado, marcado pelo termo metaenunciativo “palavra”, que também sinaliza um outro ponto de vista em relação ao termo entre aspas.

A menção autonímica das palavras, especialmente em ocorrências do tipo apresentado no primeiro exemplo, não é comum nos textos em geral. Ela praticamente se restringe àqueles textos que têm como objeto de abordagem as palavras fechadas em seu signo, como é o caso das gramáticas, por exemplo.

Segundo Authier-Revuz:

O elemento autonímico constitui, no enunciado em que figura, um corpo estranho, um objeto “mostrado” ao receptor; nesse sentido, pode-se considerar essas palavras aspeadas como “*mantidas a distância*”, em um primeiro sentido, como se mantém afastado um objeto que se olha e que se mostra (2004, p. 218/grifos da autora).

Na conotação autonímica, o autor não apenas faz menção das palavras, mas delas faz uso efetivo, servindo-se de seu significante. Conforme o dizer de Authier-Revuz, por meio delas ele ainda “faz uma declaração, um discurso” (*ibidem*).

Nessa perspectiva, portanto, as aspas, além de fazerem menção da palavra, assinalam um discurso (um dizer) sobre o uso dessa palavra naquele momento da evolução do texto. Esse dizer modaliza a palavra aspeada, o que leva autores como Maingueneau (2011, p. 158) a falarem em “modalização autonímica”.

No emprego ou menção autonímica não há o discurso sobre o uso da palavra, sendo que nele é até possível dispensar o uso das aspas sem afetar o sentido do enunciado, o que se poderia exemplificar na reelaboração da frase do primeiro exemplo: A palavra maçã é um substantivo feminino, ou, maçã é um substantivo feminino. O mesmo já não ocorre num enunciado em que as aspas estão empregadas em conotação (ou modalização) autonímica, como é o caso do segundo enunciado. Tomando outro exemplo; se faço uma crítica aos muros e paredes pichadas da cidade, posso com ironia dizer que ela se caracteriza por “obras de arte” em todo lugar. Nesse caso fica claro que as aspas modalizam o sentido da expressão entre aspas, imprimindo-lhe um sentido irônico.

A modalização autonímica não se limita às palavras colocadas entre aspas, mas engloba “o conjunto dos procedimentos por meio dos quais o enunciador desdobra, de uma certa maneira, seu discurso para comentar sua fala enquanto está sendo produzida” (Maingueneau, 2011, p.158). Com frequência, a modalização autonímica marcada pelas aspas vem acompanhada pela glosa que as interpreta.

Muitas expressões metaenunciativas originais, de uso corrente e padronizado na língua, como: “de certa maneira”, “se se pode dizer”, “me parece”, “digamos assim”, podem, em determinados contextos, ser substituídas por aspas, o que corresponde a afirmar que as aspas em conotação autonímica se identificam com a ocorrência de glosas, ou constituem, no dizer de Authier-Revuz (2004, p. 219), “um apelo de glosa”, já que todas essas expressões metaenunciativas são glosas.

Sendo elas metaenunciativas, constituem um dizer sobre o dizer, conceito que, portanto, também deve ser estendido às aspas – ou até, em certos casos, ao uso do itálico, de reticências, parênteses e travessão duplo - em seu emprego de conotação autonímica.

As seguintes palavras de Authier-Revuz corroboram tal interpretação:

O comentário local – e implícito -, que o distanciamento pontual das aspas requer, supõe que, de modo global, uma atitude metalinguística de desdobramento do locutor ocorre em uma fala acompanhada, duplicada, por um comentário crítico, no próprio curso de sua produção. Essa atitude manifesta uma aptidão: ela coloca o locutor em posição de juiz e dono das palavras, capaz de recuar, de emitir um julgamento sobre as palavras no momento em que as utiliza (*ibidem*).

Numa relação entre glosas e aspas é importante registrar que estas, sem romper o desdobramento sintático da frase, demarcam de forma precisa a palavra sobre a qual incidem, o que nem sempre fica evidente no uso das glosas.

Por outro lado, porém, estas explicitam de certa forma a modalização da palavra ou expressão a que se referem, ao passo que, pelo uso das aspas, o autor destaca a palavra no texto, mas deixa ao *leitor* a responsabilidade de sua interpretação.

Segundo Maingueneau:

As aspas constituem antes de mais nada um sinal construído para ser decifrado por um destinatário. O sujeito que utiliza as aspas é obrigado, mesmo que disso não esteja consciente, a realizar uma certa representação de seu leitor e, simetricamente, oferecer a este último uma certa imagem de

si mesmo, ou melhor, da posição de locutor que assume através destas aspas (1997, p. 91 / grifos do autor).

Destarte, é providencial observar que, ao colocar as palavras entre aspas, o enunciador se põe a atrair a atenção do receptor para o emprego específico que faz dessas palavras postas entre aspas, ele as põe em evidência, deixando ao receptor o trabalho de interpretar por que chama sua atenção, por que abre essa lacuna no seu próprio discurso.

A depender do contexto, as aspas podem assumir diferentes e variadas significações. Identificar, analisar e interpretar essas significações, bem como suas aplicações metaenunciativas num conjunto de textos – portanto em diferentes contextos - é precisamente um dos objetivos deste trabalho.

Nesse sentido, interpretar as aspas consiste, na verdade, em traduzi-las em glosas. Essa correspondência entre aspas e glosas permite afirmar que tais atividades têm natureza discursiva idêntica: ambas são formas de modalização autonímica, que são, segundo Authier-Revuz, “não-coincidências do dizer”.

A autora apresenta (2004, p. 83) quatro categorias de modalização autonímica: “pontos de não-coincidência interlocutiva”, “pontos de não-coincidência do discurso consigo mesmo”, “pontos de não-coincidência entre as palavras e as coisas” e “pontos de não-coincidência das palavras consigo mesmas”. Esses pontos serão tratados no próximo capítulo deste trabalho.

2.2.2 Heterogeneidade mostrada não-marcada

A heterogeneidade é mostrada no texto, mas não marcada, quando é possível detectar sua existência por meio de recursos linguísticos que se renovam em cada contexto. Portanto, as marcas que identificam esse tipo de heterogeneidade não são formas cristalizadas, fixas, da língua para indicar outra fonte enunciativa. A heterogeneidade mostrada não marcada revela-se nos textos por meio do discurso indireto livre, da imitação, da ironia, da pressuposição.

a) O discurso indireto livre é resultado de uma combinação de elementos do discurso direto e do discurso indireto, portanto, uma forma híbrida. Nele se misturam as vozes do narrador e das personagens, porém, como não há mecanismos linguísticos que demarquem nitidamente os limites entre essas vozes, não se pode dizer com certeza que palavras pertencem a qual enunciador. Conforme Maingueneau (2011, p. 153) “O DIL é o tipo mais clássico de hibridismo [...] Cabe-lhe combinar os recursos do DD e do DI. [...] em um fragmento do DIL, não se pode dizer exatamente que palavras pertencem ao enunciador citado e que palavras pertencem ao enunciador citante”.

O discurso indireto livre se localiza precisamente nos deslocamentos, nas discordâncias entre a voz do enunciador que relata as alocações e a do indivíduo cujas alocações são relatadas. O enunciado não pode ser atribuído nem a um nem ao outro, e não é possível separar no enunciado as partes que dependem univocamente de um ou de outro (Maingueneau, 1997, p. 97)

Portanto, no discurso indireto livre não se percebem duas vozes claramente distintas (como no discurso direto), nem a absorção de uma voz por outra (como no discurso indireto), pois elas se misturam, resultando numa amálgama de elementos desses dois tipos de discurso.

No discurso indireto puro, assim como no direto, as orações que traduzem a fala das personagens dependem dos verbos *dicendi*, como no exemplo extraído de CEGALLA, 2002, p. 599:

- Omar queixou-se ao pai, dizendo que não era preciso tanta severidade e perguntou-lhe por que não tratava os outros filhos com o mesmo rigor.

- Teríamos, então, no discurso direto: Omar queixou-se ao pai: - “Não é preciso tanta severidade, por que o senhor não trata os outros filhos com o mesmo rigor?”

Segundo o autor, no discurso indireto livre, não se usam verbos de elocução. Assim, em sua sugestão, o exemplo acima, nos moldes de discurso indireto livre ficaria assim:

- Omar queixou-se ao pai. Não era preciso tanta severidade. Por que não tratava os outros filhos com o mesmo rigor?

Assim, conforme Savioli e Fiorin (2001, p. 52), além de não ser introduzido por verbos *dicendi*, o que não permite dizer, com certeza, quem é o autor das palavras, o discurso indireto livre tem como outras características, o fato de a palavra atribuída à personagem não ser separada da do narrador por conjunções, advérbios ou pronomes interrogativos; conter interjeições, orações interrogativas, imperativas, exclamativas e outros elementos expressivos; e usar pronomes pessoais e tempos verbais da mesma maneira que o discurso indireto.

b) A imitação é uma outra forma de apresentar duas vozes no mesmo texto. Por meio dela o enunciador constrói seu enunciado absorvendo elementos do enunciado de um outro enunciador.

Conforme Maingueneau (1997, p. 102) “a imitação de um gênero de discurso pode assumir dois valores opostos: a **captação** e a **subversão**” (grifos do autor). Conforme Savioli e Fiorin (2001, p. 52) quando a imitação tem como objetivo desqualificar um texto ou estilo, negá-lo ou ridicularizá-lo, há a imitação por subversão (ou paródia); quando a intenção não é essa, há uma imitação por captação (ou estilização).

São características importantes: na subversão destacam-se as diferenças entre a obra que imita e a que é imitada, ao passo que na imitação por captação destacam-se as semelhanças.

Nesses tipos de textos convergem diferentes vozes, caracterizando a heterogeneidade mostrada não-marcada, uma vez que para detectar sua existência

exigem-se do leitor-ouvinte conhecimentos a respeito dos textos já produzidos e de diferentes estilos, para que possa perceber o caráter heterogêneo.

c) A ironia pode ser definida como um processo discursivo em que o enunciador afirma no enunciado o que nega na enunciação, gerando uma ambiguidade.

Ao mesmo tempo toda ironia é, também, negação ou rejeição, com a diferença de que “a negação pura e simplesmente rejeita um enunciado utilizando um operador explícito e a ironia possui a propriedade de poder rejeitar, sem passar por um operador desta natureza” (Maingueneau, 2011, p. 98)

O mesmo autor (*ibidem*, p. 178) traça um paralelo entre a ironia e as aspas:

No caso das aspas, o enunciador usa uma expressão e, de algum modo, aponta para ela, indicando, assim, que ele não a assume realmente; já na ironia, o enunciador produz um enunciado que ele invalida ao mesmo tempo em que fala.

Conseguir detectar a ironia presente nos textos significa reconhecer a voz que nega, que invalida. E, para tanto, podem concorrer inúmeros fatores, de diferentes naturezas: traços entonacionais representados na escrita por elementos gráficos como ponto de exclamação, ponto de interrogação, reticências, aspas, itálico, hipérboles, afirmações contraditórias e recursos contextuais em geral, sejam eles do contexto explícito (verbal) ou do implícito (contexto extraverbal em que o enunciado é produzido).

Muitas vezes o reconhecimento da ironia depende quase exclusivamente desse contexto implícito, que exige conhecimento de mundo do leitor-ouvinte, fator que, muitas vezes, limita a percepção do caráter irônico dos textos.

d) Na pressuposição manifestam-se dois enunciados, um posto e outro pressuposto. Nesse sentido, em toda pressuposição confluem as vozes de dois enunciadores, aquele que enuncia uma informação nova que só é possível enunciar com base na enunciação de uma informação anterior. Segundo Charaudeau & Maingueneau

os pressupostos correspondem a realidades supostas já conhecidas do destinatário (evidências partilhadas ou fatos particulares decorrentes de seus saberes prévios), e constituem um tipo de pedestal sobre o qual se formulam os postos (que, ao contrário, presume-se que correspondem a informações novas), garantindo a coesão do discurso, quando os postos se encarregam de sua progressão (Charaudeau & Maingueneau, 2008, p. 404).

2.3 Metalinguagem, metadiscursividade e metaenunciação

A metalinguagem é o termo de sentido amplo, que refere a natureza de a linguagem poder falar de si mesma. Qualquer manifestação por meio da língua em que se fala da língua é de natureza metalinguística.

A diferença entre metalinguagem e metadiscursividade está no fato de que o termo metalinguagem costuma ser usado na referência aos fenômenos da linguagem vistos enquanto língua, e o termo metadiscursividade faz referência a esses fenômenos percebidos como discurso.

A metaenunciação, por sua vez, constitui, como veremos adiante, um determinado tipo de atividade metadiscursiva:

No dizer de Possenti

Os analistas de discurso chamam de metaenunciação ao processo pelo qual os locutores “comentam” aquilo mesmo que dizem. Tais enunciações têm função de marcar “não coincidências”, seja entre locutores (dois locutores não empregariam as mesmas palavras), seja entre discursos (já que um discurso pode ser afetado por outro), seja entre as palavras e as coisas (as palavras seriam “incapazes” de nomear de forma transparente), seja das palavras consigo mesmas (as palavras podem ter mais de um sentido) (2004, p. 82).

Podemos, assim, entender como atividade metaenunciativa, ou, simplesmente, metaenunciação, todo procedimento linguístico-discursivo em que o falante, no desdobramento da interação, se reporta ao dizer em si e não ao dito.

Conforme Authier-Revuz

São formas estritamente reflexivas que correspondem a um desdobramento, no âmbito de um ato único de enunciação, do dizer de um elemento por um comentário “simultâneo” – nos limites da linearidade – desse dizer. [...] (2004, p. 82).

Há um dizer do elemento linguístico realizado por um comentário desse dizer. A atividade metaenunciativa é, portanto, um “dizer sobre o dizer”. Nela o falante distancia-se, por um momento, do “conteúdo” de seu discurso e observa as palavras com as quais o expressou, ou seja, tem uma preocupação com a forma, o modo como se expressou no enunciado.

Esse “dizer sobre o dizer” é, obviamente, inerente ao processo de produção dos sentidos, já que, por meio dele, o falante modaliza o seu dizer, manipulando e negociando o uso das palavras e papéis interacionais e, assim, vai instalando um outro ponto de vista no processo de construção do enunciado. No dizer de Authier-Revuz (2004, pp. 82 e 83)

tal modalização suspende localmente, no termo visado, o caráter absoluto, inquestionado, evidente, o “óbvio” vinculado ao uso-padrão das palavras. A modalização confere a um elemento do dizer o estatuto de uma “maneira de dizer”, relativizada (mesmo que seja para valorizá-la) dentre outras.

Nesse sentido, a atividade metaenunciativa gera em relação ao enunciado sobre o qual incide (escopo) uma **não-coincidência**, uma vez que “o enunciador não se ‘faz uno’ no seu dizer, mas produz uma clivagem nesse dizer, distanciando-se de suas palavras, como um autocomentador de si mesmo” (Authier-Revuz, 1998, p. 84/grifos nossos).

Assim, a natureza dessa não-coincidência – revelada pela atividade metaenunciativa - é determinada pela função que a modalização exerce naquele ponto da enunciação e pela identidade do elemento modalizado.

Authier-Revuz (1998, 2004) apresenta quatro categorias de não-coincidências do dizer, às quais serão dedicados os estudos do capítulo 3.

3 NÃO-COINCIDÊNCIAS DO DIZER

Quando anteriormente falamos da metaenunciação, vimos que ela consiste num dizer sobre outro dizer. Toda manifestação metaenunciativa revela, em relação a seu escopo, um ponto de vista de um observador sobre a natureza e a função desse escopo. E a expressão desse ponto de vista (o enunciado metaenunciativo) mostra uma certa falta de coincidência com o que diz o enunciado sobre o qual incide a metaenunciação. Nesse sentido, Authier-Revuz classifica as diferentes manifestações metaenunciativas de acordo com a natureza das não-coincidências que elas revelam.

Como neste trabalho concebemos as aspas como manifestações metaenunciativas, admitimos que elas podem, em diferentes contextos assumir diferentes funções, ou seja, podem revelar em relação aos termos aspeados diferentes não-coincidências. Identificar essas não-coincidências em relação ao uso das aspas é um dos principais objetivos deste trabalho. Para alcançar esse objetivo vamos-nos valer das quatro categorias de não-coincidências propostas por Authier-Revuz (1998, p. 20, 2004, p. 83):

- não-coincidência interlocutiva;
- não-coincidência entre as palavras e as coisas;
- não-coincidência do discurso consigo mesmo;
- não-coincidência das palavras consigo mesmas.

3.1 Não-coincidência interlocutiva

Dá-se uma não-coincidência interlocutiva entre enunciador e enunciatário quando eles não compartilham do conhecimento de algum dado do discurso que só é conhecido por um dos falantes: “representam o fato de que um elemento não é imediatamente ou não é absolutamente compartilhado – no sentido comum – pelos dois protagonistas da enunciação” (*ibidem*).

Há um dado a ser introduzido na conversa, e esse dado só é conhecido por um dos falantes, de modo que ele pede uma espécie de licença a seu ouvinte para introduzir esse dado que trará em seu bojo o escopo da manifestação metaenunciativa. A manifestação metaenunciativa é o dizer sobre o dizer, um comentário sobre o dito; e esse dizer que é “comentado” é o escopo sobre o qual incide a manifestação metaenunciativa.

Características:

- existência de um escopo sobre o qual incide a atividade metaenunciativa, que pode ser anterior ou posterior à ocorrência metaenunciativa;
- solicitação de licença (tácita ou explícita) por parte do falante ao ouvinte, para introdução de uma nota explicativa, um desvio de assunto para inserir na conversa um dado do qual o ouvinte não tem ciência;
- homologação - aprovação (implícita ou explícita) de licença – por parte do ouvinte – para que o falante introduza o tópico explicativo.

Para dar mais clareza à definição das não-coincidências interlocutivas, analisemos alguns exemplos:

Exemplo1:

Inf. entrei na faculdade... e... cursei felizmente todos os anos...sem perder um único ano...entrei com uma uma e saí com esta mesma turma...há um fato interessante...

[foge um pouquinho da pergunta]

Doc. Não faz mal

Inf. mas em todo o caso... como nós estávamos conversando... eu tinha muita vontade que ficassem aqui... o MAIS tempo possível então vou conversar mais um pouquinho...

(HILGERT, 1997, p.194)

Aqui a manifestação metaenunciativa em destaque, ou seja, o comentário que o informante faz, tem como escopo a parte anterior do turno, que, de acordo com o segmento metaenunciativo, não corresponde como resposta adequada ao que fora anteriormente perguntado. Pela atividade metaenunciativa o informante, então, admite de certa forma não ter respondido o que era de interesse do documentador e, ao mesmo tempo, dá a conhecer a este essa resposta desviante. É

por essa razão que se fala em não-coincidência *interlocutiva* na manifestação metaenunciativa, na medida em que nela se envolvem ambos os interlocutores.

Exemplo 2:

Inf. com referência ao Padre Mosch... eu o encontro seguidamente...outro dia até nu:./ numa missa eu o encontrei... e **[posso dizer o que ele diz para mim quando me encontro ... posso dizer?]**

Doc. pode...lógico

Inf. como é Saul tu continua muito sem vergonha?

(HILGERT, 1997, p. 200)

Neste segundo exemplo o falante apresenta o escopo “**como é Saul tu continua muito sem vergonha?**” da expressão metaenunciativa **[posso dizer o que ele diz para mim quando me encontro ... posso dizer?]**. Há nesta, por parte do informante, um pedido de licença explícito ao documentador para inserir, na sequência, uma determinada informação que constitui o escopo do enunciado metaenunciativo. Destaque-se que houve uma homologação explícita do pedido de licença do informante (“**pode lógico**”).

Como se pode observar neste último exemplo, a expressão metaenunciativa deve ser interpretada pelo interlocutor como um pedido de licença, que, no caso, é explícito. Há outras formas recorrentes, especialmente em textos falados, em que o enunciador solicita expressamente licença a seu interlocutor por meio de perguntas diretas como: “posso continuar?”; “posso falar?”. Em outras situações essa solicitação é implícita, quando o falante se utiliza de formas indiretas de interpelação do ouvinte, com colocações do tipo: “não sei se vai lhe interessar”; “não sei se é isso que você quer saber”; “se você preferir”; e outras. Da mesma forma o interlocutor pode aquiescer ao pedido do falante, concedendo-lhe a licença solicitada de forma expressa, dizendo, por exemplo, “não faz mal”, “tudo bem”, “pode ser”, “pode prosseguir”, ou tacitamente, de tal forma que seu silêncio permita ao enunciador interpretar que o prosseguimento foi autorizado; ou até mesmo por meio de gestos, como por exemplo, de positivo com o dedo polegar, ou um aceno com a cabeça sinalizando concordância.

3.2 Não-coincidência entre as palavras e as coisas

Segmentos metaenunciativos que revelam essa não-coincidência são “empregados nas glosas que representam as buscas, hesitações, fracassos, sucessos...na produção da ‘palavra exata’, plenamente adequada à coisa” (Authier-Revuz, 2004, p. 83).

Exemplo1:

L2 aquele aluno que **[digamos assim]** ...que aquele aluno que não conseguiu ahn uma média xis

(HILGERT, 2009, p.86)

Exemplo 2:

L2 então eu usava umas calças **[assim]**... com peitinho... ahn:: elástico na cintura elástico nas pernas...

(*op.cit*, p. 91)

Nos exemplos apresentados, o informante L2 demonstra que está querendo encontrar um nome que lhe permita a melhor formulação para que seu interlocutor compartilhe da informação que tenta repassar. No primeiro caso tenta denominar a situação daquele aluno que não conseguiu atingir a média necessária para ser promovido na escola, ao passo que, no segundo caso, tenta especificar o termo mais adequado para um modelo de calça.

Nos dois casos, o falante vai moldando seu enunciado, fornecendo informações que vão permitindo que o interlocutor consiga apreender – por meio dos sentidos das formulações - o nome a que se quer chegar, permitindo assim a obtenção da “melhor palavra”, a mais específica relativa à coisa que se quer denominar. Muitas vezes o próprio interlocutor ajuda o falante na busca desse “melhor termo”. Outras vezes não se chega a determinar a “melhor palavra”, mas pelos sentidos que se tentam atribuir a ela os interlocutores chegam a um consenso quanto à compreensão do que está sendo dito, sem que tenham conseguido especificar linguisticamente o termo desejado.

3.3 Não-coincidência do discurso consigo mesmo

As manifestações metaenunciativas que mostram esse tipo de não-coincidência “assinalam, no discurso, a presença de palavras pertencentes a um outro discurso” (Authier-Revuz, 2004, p.83). Em outras palavras, a não-coincidência se revela no fato de a expressão metaenunciativa apontar para uma outra fonte enunciativa do enunciado-escopo.

Exemplo 1:

Doc. e será que esse comércio assim com a Argentina e o Uruguai não prejudica o nosso comércio?

L1 – [dizem] que prejudica mas eu acho que é num num:: índice tão peque::no em comparação...com o comércio que se faz aqui dentro
(HILGERT, 2009, p. 118)

A palavra **[dizem]** é de natureza metaenunciativa na medida em que ela atribui a afirmação de que “prejudica” a outra fonte enunciativa que não é o falante L1. Fica evidente, assim, a não coincidência das fontes enunciativas, ou seja, do discurso consigo mesmo.

Exemplo 2:

L1 [...] e elas ainda têm outros bicos lavam fazem faxi::na...e::...outras costumam quer dizer é uma série de peque/ de pequenas atividades que **[elas chamam]** de bico...

(*op. cit.*, p. 124).

Neste caso a expressão em destaque **[elas chamam]** tem função metaenunciativa, pois diz que a expressão “bico” não é do locutor L1, mas de outro enunciador, no caso “elas”.

Como dissemos, esse tipo de manifestação metaenunciativa tem o objetivo de atribuir uma outra fonte enunciativa ao seu escopo (expressão à qual o comentário se refere). No primeiro exemplo acima o escopo é o enunciado sobre o qual incide a palavra metaenunciativa proferida pelo locutor que remete justamente a enunciação a um outro discurso, evidenciando, assim, que aquele enunciado não é daquele enunciador, e sim, retirado de outro enunciado, de autoria de outro enunciador.

Assim, o locutor 1, no primeiro exemplo, ao dizer **“dizem”** não assume como seu tal enunciado, mas ao contrário, ele o atribui a uma fonte enunciativa alheia e genérica. Note-se que se suprimisse essa sinalização para outra fonte enunciativa, L1 estaria assumindo como seu o enunciado.

No segundo exemplo também o enunciado não é de autoria do locutor 1, ele empresta a expressão **“bico”** de outro enunciador, e deixa isso caracterizado no discurso ao enunciar a expressão metaenunciativa **“elas chamam”**.

Em síntese, nesse tipo de não-coincidência, o enunciador revela – por meio do recurso metaenunciativo – que há uma outra fonte enunciativa por trás do seu discurso. Com a utilização da manifestação metaenunciativa ele permite que saibamos que “aquele discurso não é de sua autoria”.

O que é importante observar nesses segmentos de fala é que esse tipo de manifestação metaenunciativa tem o objetivo de atribuir uma outra fonte enunciativa ao escopo do discurso. Os falantes **evidenciam** por meio das expressões metaenunciativas (dizem, elas chamam) que se trata de um **discurso alheio**, de modo que **se retirarmos a expressão metaenunciativa** - que é a evidência da presença de um discurso alheio - desaparece o vestígio desse outro discurso e sua autoria passa a ser dos enunciadores segundos (grifos nossos).

3.4 Não-coincidência das palavras consigo mesmas

Essas manifestações metaenunciativas “designam, ao modo da rejeição – por especificação de um sentido contra outro – ou, ao contrário, da integração ao sentido, fatos de polissemia, de homonímia, de trocadilho, etc”. (Authier-Revuz, 2004, p. 83).

Exemplo 1:

DOC. bom vamos falar um pouquinho de:: sobre religião [**mas não assim coisas particulares entende?**]...por exemplo o que que vocês acham do celibato... do clero?...

(HILGERT, 2009, p.97)

Nesse primeiro exemplo o documentador, por meio da passagem em **negrito** (a manifestação metaenunciativa), tenta especificar o sentido que quer atribuir à palavra “religião” (o escopo) no contexto da conversa em curso. Percebe-se que ele não quer falar de aspectos específicos, mas sim, tratar a questão “religião” de uma forma mais genérica.

Trata-se, portanto, de uma suspensão da fala para **singularizar o sentido de uma coisa já denominada**, cujo sentido já amplamente conhecido e, digamos, prevalente, não é o mesmo que lhe sugere o documentador (grifos nossos).

Exemplo 2:

DOC. () vocês acham que pesa na escolha da profissão?...

L1 ah:: (n/) ...ih minha nossa o que pesa na escolha da profissão? é o grupo

DOC. em termos de (como é?) comodidade o que é mais fácil mais ()

(HILGERT, 2009, p.130)

Aqui o falante (documentador) reflete sobre o que disse a fim de atribuir o melhor sentido a suas palavras na prevenção de que o interlocutor não o compreenda equivocadamente, mas sim, apreenda o sentido por ele desejado. Essa tentativa de especificação de sentido ocorre devido à própria natureza das palavras que são semanticamente abertas e imprecisas, e, portanto, há a necessidade que se lhes especifique o sentido para evitar “mal-entendidos”. No caso do exemplo acima foi utilizada uma expressão linguística já padronizada com a finalidade de especificação do sentido, “**em termos de**”.

Para terminar este capítulo duas observações são importantes:

A primeira refere-se ao fato de que essas quatro não-coincidências podem tanto aparecer em textos falados quanto em textos escritos. As duas primeiras (a não-coincidência interlocutiva e a não-coincidência entre as palavras e as coisas) marcam predominantemente as interações faladas, especialmente a primeira, embora, eventualmente, elas ocorram em gêneros escritos. Neste caso, elas constituem um traço de oralidade no texto escrito. As duas últimas não-coincidências (do discurso consigo mesmo e das palavras consigo mesmas), ainda que comuns nas interações faladas, têm presença frequente em textos escritos.

A segunda observação é a de que exemplificamos as quatro não-coincidências com base em manifestações metaenunciativas verbais, ou seja,

valemo-nos de glosas para as explicações. Isso pode parecer, a princípio, um equívoco já que o nosso objeto de estudo são as aspas como recurso metaenunciativo. No entanto, como já dissemos anteriormente, as aspas nada mais são, como disse Authier-Revuz (2004, p. 219), do que “apelos de glosas”. Isso significa que as aspas correspondem a glosas, isto é, a um dizer sobre a forma aspeada e, assim, podem assumir as mesmas funções que as glosas. Podemos dizer, de uma certa forma e guardadas as devidas proporções, que as glosas estão para a fala, assim como as aspas estão para a escrita. Isso nos permite analisar as funções das aspas também sob a perspectiva das quatro não-coincidências apresentadas.

Em síntese, toda essa exposição que fizemos sobre as atividades metaenunciativas, que são as glosas, pode, de certa forma, ser estendida ao estudo e à compreensão do uso das aspas.

As aspas nada mais são do que uma atividade metaenunciativa usada na escrita por meio de um recurso gráfico, embora na fala muitas vezes também façamos aspas por meio de uma gesticulação representando a colocação de aspas numa palavra ou expressão. Nesse caso, no entanto, não se trata de efetivo uso de aspas, o qual fica restrito ao texto escrito.

Neste trabalho, na análise do uso das aspas nos editoriais dos jornais *Folha de S. Paulo* e *Agora São Paulo*, particularmente na indicação de suas diferentes funções, nos guiaremos pelas quatro não-coincidências definidas e exemplificadas neste capítulo. Isto será apresentado no capítulo 5. Antes, contudo, no próximo capítulo precisaremos estabelecer alguns conceitos e apresentar alguns dados sobre o estilo dos veículos de comunicação, os jornais que serão abordados, bem como o perfil do público-leitor a que são destinados. Entendemos que essas informações serão importantes para entendermos melhor o processo de construção de sentido nos editoriais.

4 PERFIL DOS JORNAIS: CONFIGURAÇÃO DE SEUS EDITORIAIS E LEITORES

Como dissemos na introdução, o objetivo de nosso estudo é analisar o uso das aspas em textos jornalísticos, mais especificamente, em editoriais de jornais, quais sejam: *Folha de S. Paulo* e *Agora São Paulo*. Nosso propósito, nessa perspectiva, é estabelecer uma comparação entre os editoriais dos dois veículos. Contudo, antes disso, julgamos ser pertinente que façamos um breve histórico a respeito do tipo de imprensa que cada um desses veículos de comunicação representa, bem como sobre o perfil de seus possíveis “consumidores”, porque entendemos que essa distinção será de vital importância na definição do tipo de enunciado a ser construído nos editoriais – cujo gênero será brevemente abordado -, e seus possíveis desdobramentos, tendo em vista o público-leitor, alvo de cada jornal.

4.1 Os jornais: a imprensa popular e a imprensa dita séria

Um dos motivos pelo qual esses jornais foram selecionados para compor o *corpus* deste trabalho refere-se ao fato de fazerem parte do mesmo grupo empresarial, *Folha da Manhã S.A.*, porém são de segmentos diferentes; enquanto a *Folha de S. Paulo* é considerada um jornal de imprensa mais elitista, tradicional, a chamada “grande imprensa” - ou ainda, na expressão de Norma Discini (2004) a imprensa “dita séria” -, o *Agora São Paulo* é representante da imprensa de segmento “popular”.

A autora distingue esses dois tipos de imprensa

não apenas por aquilo que diz, mas, principalmente, pelo modo como diz. Este corpo representando uma totalidade, construído por uma recorrência de procedimentos, constitui o estilo de cada jornal (*op. cit.*, p. 118).

Ou seja, na verdade, a definição do segmento a que pertence o jornal se dará pelo estilo de cada um. “Estilo é recorrência de traços de conteúdo e de expressão, que produz um efeito de sentido de individualidade” (Discini, 2004, p. 31).

Ainda no dizer de Discini

Há, entretanto, diferentes jornais, diferentes informações, diferentes modos de oferecer informações sobre uma dada realidade, diferentes realidades construídas, diferentes simulacros de realidade. Há, portanto, efeitos de diferença, que supõem uma separação de corpos, na construção de individualidades (*op. cit.*, p. 120).

Concluimos que o que diferencia, então, esses dois tipos de imprensa é o estilo, que basicamente é mais extravagante - com manchetes e cores mais chamativas, letras maiores e outros recursos que apelem para o visual – no caso da “imprensa popular”, e circunspecto – com extrema valorização do conteúdo, que dá ênfase às informações – no caso da “imprensa séria”. Ou seja, de uma forma bem simples e sintética, podemos dizer que a “imprensa popular” valoriza a forma e a “imprensa séria” valoriza o conteúdo.

Assim, julgamos importante, nesta altura do trabalho, fazer duas considerações esclarecedoras:

1ª. Na definição dos tipos de imprensa, não queremos, de forma alguma, estabelecer conotações axiológicas, mas apenas delimitar diferenças de estilo, assim definidas por Discini (2004), que nos possibilite fundamentar a hipótese de nosso trabalho;

2ª. dessa forma, essa dicotomia entre “imprensa séria” e “imprensa popular”, ou melhor, o uso desses conceitos, no decorrer de nosso trabalho, aparecerá, tão somente, e nos servirá, como meio para identificar didaticamente fórmulas distintas - de apresentação de produtos jornalísticos - que corroborem nossa hipótese de que veículos pertencentes a um e outro tipo de imprensa, têm, em princípio, estilos diferentes que são adaptados aos consumidores-leitores, tendo em vista, se tratar, também, de públicos distintos.

Conforme o dizer de Discini

A análise do estilo observará, então, para quem da expressão textual, mecanismos de construção do sentido, os quais acabam por dar indicações de quem é o próprio sujeito pressuposto; esse sujeito, ao mesmo tempo único e duplo (2004, p.7).

Sobre a imprensa popular, Amaral nos diz que

Os jornais moldam seu discurso informativo de acordo com apropriações de características culturais de seus leitores. Isso não os exime de suas responsabilidades éticas, apenas mostra que os jornalistas devem tomar cuidado para separar o que de fato é mau jornalismo daquilo que é efetivamente jornalismo para uma determinada camada social, porém numa linguagem mais simples e chamativa (2011, p. 22).

Assim, entendemos que o “jornalismo popular”, segundo a óptica da autora, nada mais é do que uma estratégia linguístico-discursiva para adequar o produto jornal - respeitando as características culturais de seus destinatários – aos leitores de uma camada social, em tese, menos favorecida.

Ainda sobre esse tema, a autora nos diz que

O jornalismo dedica-se a produzir conhecimentos sobre o cotidiano, e os jornais populares dão visibilidade também aos sentimentos das pessoas sobre o mundo, mas não se resumem mais à produção de sensações com matérias policiais. Atualmente, os jornais preocupam-se com que o leitor tenha um sentimento de pertencer a determinada comunidade, percebendo que o jornal faz parte do seu mundo (*ibidem*, p. 24).

Portanto, se esses jornais apresentam características distintas, tendo em vista pertencerem a segmentos diferentes de imprensa, acreditamos que essa distinção se estenderá, também, ao tipo de público-leitor a que se destinam, bem como na forma de abordagem de notícias e, principalmente, dos editoriais.

Apresentaremos, então, uma breve configuração de cada um desses jornais e alguns traços que identificam seus editoriais e leitores.

4.1.1 Agora São Paulo

Conforme o Manual da Redação da *Folha de S. Paulo* (2006, p. 107) esse jornal pertence à Empresa *Folha da Manhã S.A.* e começou a circular no dia 22 de março de 1999, em substituição à “*Folha da Tarde*”.

Dados disponíveis no *site* da ANJ – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS (2012) informam que o *Agora São Paulo* é líder de vendas entre os jornais populares no estado de São Paulo e 12º colocado em nível nacional, com tiragem média diária de 92.046 exemplares.

De acordo com o *site* do jornal, o projeto editorial privilegia a cobertura independente, prioriza a prestação de serviços ao leitor, e apresenta “textos curtos, em linguagem direta, que permitem uma leitura rápida e dinâmica”.

Trata-se, então, de um jornal do chamado segmento “popular”, caracterizado pela escrita simples e fontes grandes, com objetivo de facilitar o entendimento dos temas. Normalmente as manchetes trazem assuntos de interesse do trabalhador, como abertura de concursos públicos, aumentos salariais, e outros relacionados a aposentadoria e seguridade social. A abordagem desses temas do cotidiano facilita a identificação entre o jornal e o público-alvo.

É composto por três cadernos diários: o 1º apresenta as principais notícias do Brasil e do mundo; o caderno *Vencer* publica o noticiário esportivo; e o caderno *Show!* trata de variedades.

4.1.2 Folha de S. Paulo

Fundado em 19 de fevereiro de 1921, é atualmente o maior jornal em circulação no país, com uma tiragem média diária de 297.650 exemplares (dados de 2012 – ANJ – Associação Nacional de Jornais).

Segundo informações do *site* da *Folha*, os temas mais recorrentes apresentados no jornal tratam de questões macro e microeconômicas, política nacional e internacional, investimentos públicos e privados, novas tecnologias, além de esportes e entretenimento.

O jornal é composto por catorze cadernos, sendo sete diários e sete semanais. Os diários são: *Poder* (política nacional), *Mundo* (acontecimentos políticos e sociais internacionais), *Ciência* (ambientais e naturais), *Mercado* (negócios e política econômica), *Cotidiano* (noticiário local), *Esporte* (jornalismo esportivo) e *Ilustrada* (cultura e lazer); os sete suplementos semanais são: *Folhinha* (para o público infantil), *Tec* (tecnologia e redes sociais), *Equilíbrio* (saúde e qualidade de vida), *Turismo* (destinos de viagens nacionais e internacionais), *Ilustríssima* (arte, ciência e humanidade), *Comida* (cultura gastronômica e dicas de culinária) e *The New York Times* (fatos da semana que ocorreram em território internacional).

A *Folha de S. Paulo* “estabelece como premissa de sua linha editorial a busca por um jornalismo crítico, moderno, pluralista e apartidário”. O jornal “apoia a democracia representativa, a economia de mercado e o debate dos problemas sociais: independência, apartidarismo, criticismo e pluralismo são a marca de um jornalismo moderno e em sintonia com os interesses do leitor”. Também privilegia a prestação de serviços ao leitor.

Outras características da *Folha* são – segundo o site da empresa - a preocupação com o didatismo e a “insatisfação” com o produto, o que alimenta uma crise permanente na busca por fazer um jornal sempre melhor para o leitor.

Na área tecnológica, o jornal foi o pioneiro na impressão *offset* em cores no Brasil, o primeiro a utilizar computadores na redação e a criar um banco de dados digital. Na parte editorial, passou a dividir a cobertura em cadernos específicos, para facilitar a leitura e poder tratar com mais profundidade assuntos como política, economia, cultura, o noticiário local, internacional e esportes. Um diferencial apresentado pelo jornal é que, na relação com o leitor, foi o primeiro jornal brasileiro a adotar a figura do *ombudsman*, em 1989.

4.2 O gênero editorial

De acordo com Melo (2003, p. 103, 1994, p. 95) “Editorial é o gênero jornalístico que expressa a opinião oficial da empresa diante dos fatos de maior repercussão no momento”.

Nesse sentido, tendo em vista a representatividade dos fatos que reporta, o editorial pode ser entendido como um texto em que o autor tem como objetivo a persuasão do leitor, uma vez que toda sua estrutura textual é construída numa estratégia argumentativa que o envolva (o leitor).

Esse processo persuasivo é o reflexo da posição da instituição jornalística perante o governo e a sociedade, isto é, ratifica o olhar da instituição e não apenas uma opinião individual, e aí reside o motivo pelo qual o editorial não recebe assinatura.

Dessa forma, temos - nesse ato linguístico-comunicativo - uma interação que se dá entre dois protagonistas: o editorialista, autor do editorial, e seu leitor. Essa interação se dá numa espécie de pacto entre esses coenunciadores, na medida em que o leitor deve ter uma expectativa em relação ao pronunciamento opinativo que se dá por meio do editorial - no qual muitas vezes são debatidas questões de relevância social, política e econômica, tanto em nível nacional quanto internacional - e pelo qual o editorialista apresenta não apenas sua opinião, mas a opinião oficial do órgão jornalístico ao qual pertence, e que, certamente - como é o objetivo da empresa - formará opiniões.

Segundo Rebelo (2002, p. 128) “Se o discurso do jornal manifesta o seu poder na capacidade de construir a ilusão da realidade, materializa-se em ‘gêneros’”. Dentre esses gêneros encontra-se o editorial.

O editorial espelha, sem qualquer sombra, pelo menos do ponto de vista formal, a posição da empresa jornalística. Não se passeia pelo espaço jornalístico. Pelo contrário, dispõe de um lugar certo na paginação do jornal. É assinado pelo director ou por quem este mandate para o efeito. A sua feitura obedece, frequentemente, a um ritual que reforça a carga simbólica de que está revestido (*ibidem*, p. 134).

Segundo Melo (2003, pp. 58 e 59) há várias classificações possíveis para o gênero editorial, dentre essas há as classificações brasileiras, segundo as quais os gêneros jornalísticos podem ser classificados em: **jornalismo informativo**, dentre os quais se destacam textos como notas, notícias, reportagens e entrevistas; **jornalismo interpretativo**, representado pela reportagem de profundidade; e **jornalismo opinativo**, gênero no qual se destacam além do próprio editorial, artigos,

resenhas, críticas, crônicas e colunas, textos destinados a emitir opiniões explícitas sobre fatos (grifos nossos).

Entretanto, a opinião, o ponto de vista de um veículo de comunicação não se faz presente somente nos textos jornalísticos opinativos, os textos jornalísticos informativos que apresentam, de certa forma, um viés dos assuntos tratados no jornal, demonstram ao leitor que as reportagens, as matérias não são neutras, mas, pelo contrário, refletem o ponto de vista da empresa frente à realidade do mercado editorial. Contudo, esse ponto de vista é manifestado ideologicamente, de uma forma mais aberta ao leitor por meio dos gêneros opinativos.

Assim, o gênero editorial é aquele que expressa oficialmente a opinião do jornal frente aos fatos de maior repercussão no momento da publicação e tem por função, assim como as outras espécies de textos jornalísticos, relatar, informar e convencer o leitor sobre diversos assuntos.

A opinião do jornal, manifestada no editorial, é reflexo da posição da empresa de comunicação perante a sociedade, vale dizer, é sua concepção de mundo que corrobora seu ponto de vista institucional e não apenas uma opinião individual, por isso o editorial não é identificado individualmente como sendo escrito por um jornalista e não recebe uma assinatura.

Como todo gênero textual é constituído por algumas características, para o editorial, Melo (2003, p. 108) destaca quatro atributos específicos: a impessoalidade, a topicalidade, a condensalidade e a plasticidade.

A impessoalidade pode ser expressa em um editorial de pelo menos três maneiras: primeiro, pelo fato de a empresa jornalística não assinar o texto; segundo, pelo uso da terceira pessoa do singular, terceiro, pelo uso da primeira pessoa do plural.

A topicalidade pode ser atestada pela adequação do editorial a um tema latente, sendo que pelo editorial é possível apresentar opiniões sobre questões ainda não sedimentadas na sociedade e que dependem de uma aprovação social em incipiente formação.

A condensabilidade se refere ao foco do texto em uma ideia central, isto é, aborda apenas um tema, atribuindo-se maior ênfase às afirmações que às demonstrações.

A plasticidade, por sua vez, está vinculada à ideia de não conclusão do assunto, ela se origina da própria natureza dos fenômenos jornalísticos que se nutrem do efêmero e do circunstancial, do fato de o relato jornalístico não poder permanecer estático, ou seja, está diretamente ligada a maleabilidade e flexibilidade.

Dessa maneira, podemos observar que, como todo gênero textual, o editorial apresenta estrutura bastante definida, entretanto, muitas vezes, apresenta variações, seja em relação ao seu conteúdo, seja em relação a sua linguagem ou sua forma, de acordo com as orientações e procedimentos de cada empresa de comunicação. Essa linguagem ou forma, que entendemos ser constituída de acordo com o perfil dos leitores, é um dos pontos que pretendemos analisar - no que tange ao uso das aspas e seus reflexos metaenunciativos -, principalmente, nos editoriais do jornal *Agora São Paulo*.

4.2.1 Editorial do *Agora São Paulo*

No jornal *Agora São Paulo* o editorial segue a linha determinada para os demais textos, ou seja, são curtos, escritos muitas vezes como uma “espécie de resumo” do editorial da *Folha*, pois, como veremos no capítulo 5 deste trabalho, em muitas ocasiões os dois editoriais, de *Agora* e *Folha*, trazem o mesmo tema em suas respectivas edições. A linguagem é direta, de forma que permita uma leitura rápida e dinâmica. Há uma tendência de abordagem de temas pontuais do cotidiano local e outros geralmente relacionados à política, também local, e, às vezes, nacional.

Ainda que, como dissemos acima, muitos dos editoriais dos dois jornais tragam nas edições, em muitos dias do ano, os mesmos temas, no *Agora* esse tema é sempre abordado de forma mais sucinta e numa linguagem bem mais simples, em todos os aspectos, particularmente na escolha das palavras e na estruturação sintática das frases.

Ao analisar esses editoriais, tem-se a clara impressão de que o editorialista tem plena consciência de que está se dirigindo a um leitor de perfil específico, no caso do *Agora*, mais modesto.

4.2.2 Editorial da *Folha de S. Paulo*

O Manual da Redação do jornal *Folha de S. Paulo* (2006, p. 64), que também é usado pelos outros veículos de comunicação da empresa *Folha da Manhã*, define o editorial como um

“texto que expressa a opinião de um jornal. Na **Folha** seu estilo deve ser ao mesmo tempo enfático e equilibrado. Deve evitar o sarcasmo, a interrogação e a exclamação. Deve apresentar com concisão a questão de que vai tratar, desenvolver os argumentos que o jornal defende, refutar as opiniões opostas e concluir condensando a posição adotada pela **Folha**” (grifos do autor).

Os editoriais da *Folha de S. Paulo* tratam, normalmente, de questões ligadas a política interna ou externa, apresentando informações articuladas de forma complexa e que visam proporcionar ao leitor uma visão geral e profunda sobre o tema abordado. Normalmente abrem-se grandes fóruns de discussão de temas que estão em debate e em voga no momento. Geralmente os temas abordados nos editoriais remetem a informações diversas e interligadas a assuntos variados que, para poder acompanhá-los, o leitor deverá lançar mão do seu pré-conhecimento, de forma que isso lhe permita acionar sua memória discursiva de modo a promover uma interdiscursividade informativa.

Os editoriais da *Folha* tratam de temas mais densos e amplos que vão além das preocupações imediatas de todo dia. Para a compreensão desses temas o leitor precisa saber interligar causas e efeitos, ter conhecimentos prévios e acompanhar esses temas em seu desdobramento histórico.

Essa configuração de editorial define o perfil de seu leitor. Trata-se de um leitor afeito à leitura, habituado a consumir cultura e preocupado com questões de alta complexidade, que acompanha o desenrolar das notícias. Trata-se de leitores “exigentes” que não apenas leem o jornal, mas o “consomem”.

4.3 O perfil dos leitores

Como já vimos, no que concerne à constituição enquanto veículo de mídia jornalística, bem como do ponto de vista editorial, inclusive no que tange especificamente à elaboração dos editoriais, os jornais que farão parte de nosso *corpus* apresentam características díspares, apesar de serem publicados pela mesma empresa de comunicação.

Considerando essas diferenças, nos resta agora analisar os dois jornais sob o prisma do perfil de seus leitores para que possamos determinar se desse ponto de vista as diferenças permanecem.

4.3.1 O leitor do *Agora São Paulo*

Conforme o *perfil do leitor*, disponível no *site* do jornal, o *Agora* tem 644.000 leitores só na Grande São Paulo. Esses leitores estão assim distribuídos, de acordo com as classes sociais: 9% pertencem à classe A; 44% à classe B; 46% à classe C; e 1% à classe D. Portanto, 90% dos seus leitores pertencem ao conjunto das classes B e C.

Quanto aos interesses de seus leitores, o *perfil do leitor* informa que 87% têm interesse em atualidades e notícias do momento; 69% têm interesse em esportes em geral; 68% têm interesse em humor, divertimento e lazer; 53% costumam fazer compras em *shopping center*; 57% têm interesse em assuntos profissionais e mercado de trabalho; e 54% têm interesse em viagens e roteiros turísticos.

Diante desse perfil do leitor do *Agora*, temos de estabelecer ainda uma relação com a hipótese deste nosso trabalho. Quando o editorialista, ao ter em conta as características de seu leitor, elabora um editorial mais curto e resumido, traduzido em palavras de uso mais comum, está, na verdade, preocupado em não confrontar o leitor com elementos textuais que este não possa compreender nem interpretar, ou compreender e interpretar de forma equivocada. Ora, como já dissemos, palavras aspeadas num texto exigem competência do leitor para identificar o sentido metaenunciativo delas. Por isso deve-se presumir que o editorialista evite usar aspas

nos editoriais do *Agora* ou só as use em contextos em que o sentido delas seja facilmente identificado. É esta justamente a nossa hipótese: de que os editoriais do *Agora*, comparados com os da *Folha*, não contenham formas aspeadas ou, quando as tiverem, que sejam em número bem menor e com funções muito específicas. Veremos no próximo capítulo, se a análise de nossos dados confirma essa hipótese.

4.3.2 O leitor da *Folha de S. Paulo*

Dados do *site* do jornal, correspondentes ao primeiro semestre de 2012, informam que a *Folha*, tem, em nível nacional, 2.013.000 leitores, assim distribuídos economicamente: 20% pertencem à classe A; 55% pertencem à classe B; 23% pertencem à classe C; e 2% pertencem à classe D. Portanto, a *Folha* tem 75% de seus leitores pertencentes ao conjunto das classes A e B.

Os interesses desses leitores variam entre atualidades e noticiário do momento, 94%; finanças pessoais e orçamento familiar, 79%; política internacional, 63%; e política nacional, 72%. Dentre esses leitores, 80% têm acesso à internet.

Ainda segundo informações do *site*, recente pesquisa para o “*perfil do leitor da Folha*” (desenvolvida pelo jornal para conhecer seus leitores) traz que “o público leitor tem relação duradoura e satisfatória com o jornal e metade dos leitores acompanha o jornal há ao menos dez anos. A maioria avalia que o veículo traz prestígio e é essencial para entrar no mercado”.

Segundo essa pesquisa (disponível no *site* da *Folha*) seus leitores ocupam posições no topo da pirâmide social. Com relação aos leitores da versão impressa, 41% pertencem à classe A (sendo que só 3% da população em geral pertence a esse segmento social). Com relação aos leitores que possuem nível superior de escolaridade, são 75% (contra 13% da população em geral); e ainda, com relação àqueles leitores que possuem pós-graduação, são 24%, enquanto a proporção no país é de apenas 2% da população.

No que se refere aos temas de que tratam os seus textos, informa que são apresentadas questões macro e microeconômicas, política nacional e internacional;

investimentos públicos e privados, novas tecnologias, além de esportes e entretenimento.

Pelo que pudemos observar até o momento, os jornais, objeto de nossa pesquisa, trazem muitas diferenças. Resta descobrir se essas diferenças são consideradas, também, na hora em que está sendo elaborado o editorial, do ponto de vista do leitor, com relação à aplicação de aspas que revelem funções metaenunciativas.

Nesse sentido os estudos realizados no desenvolvimento deste capítulo terão importância fundamental, tendo em vista que servirão de subsídio na tarefa de analisar e interpretar os dados e levantamentos feitos no próximo capítulo, de forma que possamos sopesá-los na consecução dos melhores resultados.

5 ANÁLISE DOS DADOS

5.1 Procedimentos metodológicos

5.1.1 Da definição do *corpus*

Para que se possam entender os procedimentos adotados na definição do *corpus* convém relembrar os fundamentos gerais deste trabalho.

Partimos do princípio de que colocar entre aspas uma palavra ou uma expressão, no processo de construção de um texto, é uma manifestação metaenunciativa sobre essa palavra ou expressão. Em outras palavras, ao usar aspas, o enunciador diz algo sobre o dito, isto é, sobre a forma ou enunciado aspeados.

O que o enunciador quer dizer com o uso das aspas cabe ao *leitor* identificar e interpretar. Portanto, considerando o uso das aspas, do ponto de vista do leitor, exige-se deste competência para compreender e interpretar o seu sentido. Essa competência específica faz parte da competência mais ampla de compreensão e interpretação do texto como um todo.

Esse fato nos leva à lógica de que leitores habituados à leitura e afeitos a lerem textos mais densos sobre temas variados e complexos (o que implica também um conhecimento de mundo mais elaborado) tenham maior competência na percepção dos sentidos metaenunciativos das aspas do que leitores eventuais, que só leem textos curtos sobre temas restritos a seus interesses da vida cotidiana.¹

Disso decorre a hipótese de que, na construção de dois textos sobre um mesmo tema, um destinado a um público habituado a ler muito (PB1) e outro dirigido a leitores eventuais (PB2), o uso das aspas será distinto: no primeiro, as aspas poderão ser usadas sem discriminação, em todas as funções metaenunciativas que podem exercer, pois, em princípio, os leitores terão a competência interpretativa

¹ Daqui para frente nos referiremos ao primeiro público leitor de PB1 (público leitor 1) e, ao segundo de PB2 (público leitor 2)

necessária para identificar-lhes o sentido; no segundo, talvez, as aspas tenham de ser somente usadas para determinadas funções metaenunciativas ou até totalmente evitadas, em razão de uma competência interpretativa mais limitada dos leitores.

É objetivo desta nossa dissertação, testar essa hipótese em textos do gênero editorial dos jornais *Folha de S. Paulo* e *Agora São Paulo*², ambos da mesma empresa jornalística, *Folha da Manhã S.A.*

Como dissemos, anteriormente, o primeiro jornal destina-se, em princípio, ao PB1 e o outro, ao PB2.

Para a constituição de nosso *corpus* seguimos os seguintes passos:

- em primeiro lugar, selecionamos exemplares desses jornais, publicados entre primeiro de janeiro e 31 de dezembro de 2012, nos dias em que ambos tratassem do mesmo tema no texto editorial. A observação nos mostrou que essa coincidência temática nos editoriais de um e outro jornal é altamente recorrente, somando um total de 197 edições.

- num segundo momento, desprezamos dessas 197 edições aquelas em que ambos os editoriais não tivessem *nenhuma* ocorrência de aspas. Desse processo restaram 133 edições em que ao menos um dos editoriais tivesse ao menos uma ocorrência de aspas.

O nosso *corpus* é, então, constituído pelos editoriais tematicamente coincidentes dessas 133 edições de ambos os jornais, formando um total de 266 textos.

5.1.2 Dos procedimentos de análise

Para a análise dessas 133 duplas de editoriais, procedemos da seguinte forma:

Momento 1 - *Em primeiro lugar* nos perguntamos sobre o total de editoriais sem aspas no *Agora*, comparando essa incidência com os editoriais da *Folha*. Essa observação nos mostrou que em 59 (44,36%) textos do *Agora* não houve ocorrência

² Daqui para frente nos referiremos a esses dois jornais simplesmente por *Folha* e *Agora*.

de aspas contra somente 16 (12,03%) textos sem essa ocorrência na *Folha*. Esse dado, ainda que de natureza genérica, confirma preliminarmente a nossa hipótese de que textos para um público leitor do tipo PB2 tendem a não ter ou a ter menos ocorrências de formas aspeadas, não colocando, assim, seus leitores diante de problemas de compreensão e interpretação metaenunciativos que eles hipoteticamente não pudessem resolver.

Momento 2 - *Num segundo momento* confrontamos esses 59 editoriais do *Agora*, sem ocorrência de aspas, com os editoriais de mesmo tema, com aspas, da *Folha*. Tivemos os seguintes objetivos com esse confronto:

- apresentar um segmento contextualizador da forma aspeada no editorial da *Folha* ao lado de um segmento do editorial do *Agora* em que se encontra uma formulação verbal aproximadamente substitutiva (em geral sem caráter metaenunciativo) do recurso às aspas³;

- identificar a função metaenunciativa do uso das aspas à luz das “não-coincidências do dizer” de Authier-Revuz, no texto da *Folha*, e avaliar a “solução” encontrada no editorial do *Agora*.

Fizemos esse confronto em três etapas:

- inicialmente confrontamos editoriais *sem* aspas do *Agora* com editoriais com uma única ocorrência de aspas da *Folha*;

- a seguir confrontamos editoriais *sem* aspas do *Agora* com editoriais com duas ocorrências de aspas da *Folha*;

- e, por fim, confrontamos editoriais *sem* aspas do *Agora* com editoriais com três ou mais ocorrências de aspas da *Folha*.

a) Primeira etapa - Aos 59 editoriais *sem* aspas do *Agora* correspondem 42 editoriais da *Folha* com uma ocorrência de aspas. No quadro que segue apresentamos essas 42 relações, com a identificação das funções

³ Eventualmente não há no texto do *Agora* nenhuma passagem que lembre a função metaenunciativa das aspas no texto da *Folha*.

metaenunciativas⁴ das aspas na *Folha* e com uma avaliação de como o *Agora* substitui as aspas por procedimentos discursivos, quando isso acontece. Há casos em que, no *Agora*, nem há referências ao termo usado entre aspas nos editoriais da *Folha*. Também apontaremos esse fato, quando ocorrer.

Ordem/Data	Editorial <i>Folha</i>	Função metaenunciativa das aspas na <i>Folha</i>	Editorial <i>Agora</i>	Avaliação <i>Agora</i>
1. 1/1/2012	Dilma Rousseff mostrou-se pouco complacente em face de "malfeitos" - conforme o eufemismo que celebrizou - atribuídos a auxiliares, os quais não teve problemas para dispensar, até porque pertenciam ao pesado legado alheio.	Dupla função: eufemizar, ironicamente, o termo aspeado, indicando a não-coincidência 4 ; dar voz a outro enunciador, revelando a não-coincidência 3 . Esse outro enunciador vem de uma <i>fonte determinada e única – Dilma Rousseff</i> . Há duplicidade metaenunciativa caracterizada pela glosa <i>conforme o eufemismo que celebrizou</i> .	Dilma foi bem no primeiro ano. Livrou-se de ministros corruptos , muitos deles indicados por Lula, e ganhou fama de durona.	Informação e explicação direta e objetiva. Perdeu-se a sutileza irônica presente no uso das aspas (<i>Folha</i>). O termo <i>pesado legado alheio (Folha)</i> ficou identificado por <i>indicados por Lula (Agora)</i> .
2. 7/1/2012	O caso teria descontentado o Planalto - e gerou uma "crise" entre o PT e o aliado PSB [...]	não coincidência 3 , do discurso consigo mesmo. A outra fonte enunciativa <i>não é identificada</i> .	Sem passagem correspondente.	Sem avaliação.
3. 29/1/2012	Um levantamento feito por esta Folha [...] constatou que uma de cada cinco	Dupla função: ironizar, no sentido de pôr em dúvida o termo aspeado, indicando a não-	Sem passagem correspondente.	Sem avaliação.

⁴ Identificaremos essas funções remetendo às "não-coincidências do dizer" de Authier-Revuz, já referidas e estudadas no capítulo 3. Para facilitar a leitura das tabelas subsequentes, consideraremos o seguinte quadro:

- não-coincidência 1 = função metaenunciativa realizada pela não-coincidência interlocutiva;
- não-coincidência 2 = função metaenunciativa realizada pela não-coincidência entre as palavras e as coisas;
- não-coincidência 3 = função metaenunciativa realizada pela não-coincidência do discurso consigo mesmo;
- não-coincidência 4 = função metaenunciativa realizada pela não-coincidência das palavras consigo mesmas.

	<p>peças assassinadas no ano passado foram mortas por policiais. Houve 229 casos de "resistência seguida de morte", decorrentes de supostos confrontos entre policiais e suspeitos [...]</p>	<p>coincidência 4; dar voz a outro enunciador, não-coincidência 3. Há uma dupla fonte enunciativa alheia: o <i>levantamento da Folha</i> e o <i>jargão policial</i>, de onde se origina o termo.</p>		
4. 9/2/2012	<p>A explicação está na entrada em campo de um novo "player" do mercado de canais esportivos.</p>	<p>não coincidência 3, do discurso consigo mesmo. A outra fonte enunciativa é o discurso trazido de outro idioma (inglês).</p>	<p>A emissora carioca está usando seu poder para evitar que o novo concorrente entre nos pacotes básicos da Net e da Sky.</p>	<p>Traz uma espécie de tradução, uma interpretação do significado do termo aspeado que facilita o entendimento para seu leitor.</p>
5. 13/2/2012	<p>Prevaleceu então o que estipula a Constituição em seu artigo 16: "A lei que alterar o processo eleitoral entrará em vigor na data de sua publicação, não se aplicando à eleição que ocorra até um ano da data de sua vigência".</p>	<p>Marcar a transcrição de um trecho da Constituição Brasileira; portanto revela o discurso alheio característico da não-coincidência 3. A outra fonte enunciativa é o Legislador elaborador da Constituição que se manifesta por meio do texto constitucional.</p>	<p>[...] a Constituição não permite mudanças nas regras das eleições durante o ano em que elas são realizadas [...].</p>	<p>Assume uma função de "intérprete" das palavras da Constituição (discurso indireto), e oferece ao seu leitor uma interpretação simplificadora.</p>
6. 25/2/2012	<p>[...] segundo o presidente da Câmara Municipal, a nova legislação não teria efeito retroativo. "Vamos avançar com o ritmo que é possível", declarou o vereador José Police Neto (PSD).</p>	<p>Marcar o enunciado de outro enunciador, não-coincidência 3. A outra fonte enunciativa é o presidente da Câmara Municipal, vereador José Pólize Neto.</p>	<p>Sem passagem correspondente.</p>	<p>Sem avaliação.</p>
7. 27/3/2012	<p>Os pioneiros nesse esforço foram os britânicos, após grave</p>	<p>Retratar o discurso alheio, revelando a não-coincidência 3. A outra</p>	<p>As câmeras em teste no estádio, para vigiar torcedores violentos, não</p>	<p>Não traz o termo estrangeiro, sendo direto numa espécie</p>

	tumulto na Bélgica, em 1985, patrocinado por torcedores truculentos - os chamados "hooligans" (arruaceiros).	fonte enunciativa é o discurso trazido de <i>outra idioma</i> (inglês). Há triplicidade metaenunciativa, pois as aspas são acompanhadas pelas glosas <i>os chamados</i> e (<i>arruaceiros</i>).	poderiam ter ajudado a impedir o crime [...]	de tradução facilitadora para seu leitor.
8. 28/3/2012	[...] a superlotação de presídios é a face mais visível do problema. [...] Um quadro comparável às " masmorras medievais " de que falava um relatório do Conselho Nacional de Justiça (CNJ).	Retratar o discurso alheio, não-coincidência 3 , do discurso consigo mesmo. A outra fonte enunciativa é o <i>relatório do Conselho Nacional de Justiça (CNJ)</i> .	Já é um absurdo ficar na cadeia quando o certo é ser solto. É ainda pior porque muitas prisões brasileiras têm condições terríveis .	É direto no sentido que se quer atribuir, simplificando a tarefa do leitor.
9. 5/4/2012	Foi o oitavo " arrastão " desse tipo de que se teve notícia na capital desde o início do ano.	Marcar o discurso alheio, não-coincidência 3 , do discurso consigo mesmo. A outra fonte enunciativa é <i>indeterminada</i> (uso corrente).	Foi mais um arrastão , o oitavo na capital desde o início do ano.	O termo é mais familiar ao discurso do <i>Agora</i> (foi mais um arrastão), que dispensa, então, o uso das aspas devido à incorporação do termo ao vocabulário do editorial.
10. 18/5/2012	[...] Fernando Haddad - que se apressou a denunciar novamente um " apagão " dos transportes de São Paulo.	Dupla função: evidenciar o discurso de outro enunciador, não-coincidência 3 ; marcar um termo empregado fora de seu contexto usual " apagão dos transportes " (normalmente apagão é empregado para blecautes), não-coincidência 4 . Há uma dupla fonte enunciativa: <i>Fernando Haddad</i> e uma outra fonte	É natural que a oposição ataque o governo do Estado, como fez o candidato petista à prefeitura, Fernando Haddad. Para ele, estaria acontecendo um apagão nos transportes de São Paulo.	Usa o mesmo termo, " apagão ", no mesmo contexto, sem as aspas, provavelmente porque o termo já esteja integrado ao repertório linguístico do jornal num sentido reconfigurado, e seu leitor adaptado a esse uso.

		<i>indeterminada</i> (uso corrente).		
11. 26/5/2012	A recuperação do acordo obtido no Senado torna enganoso falar em "anistia". Quem desmatou ilegalmente margens de rios, por exemplo, ficará obrigado a reconstituir a mata; só pequenos proprietários (até quatro módulos rurais) ficarão isentos de recuperar toda a faixa obrigatória [...] conforme a largura do rio.	Dupla função: denunciar o discurso de outro enunciador, não-coincidência 3, do discurso consigo mesmo. A outra fonte enunciativa é indeterminada; ironizar pondo em dúvida a acepção do termo, conforme a não-coincidência 4.	A presidente acabou com essa espécie de perdão aos desmatadores.	Simplifica o entendimento de seu leitor ao traduzir o termo "anistia" por espécie de perdão. Ao dispensar o uso de aspas não se tem a sagacidade irônica que elas manifestam no editorial da Folha.
12. 7/6/2012	[...] Ou que receba, se tanto, um seco e protocolar "sem previsão" quando tenta saber quando o embarque será, enfim, realizado.	Retratar um discurso alheio, não-coincidência 3, do discurso consigo mesmo. A outra fonte enunciativa é indeterminada, sendo usada uma expressão estereotipada.	[...] Não dá para um passageiro chegar ao aeroporto e descobrir [...] que o voo foi suspenso. Ou que ninguém saiba informar o tempo previsto de um atraso.	Traz uma espécie de tradução do termo <i>aspeado</i> , com o claro objetivo de facilitar o entendimento para seu leitor.
13. 12/6/2012	A divulgação de métodos anticoncepcionais, sobretudo a chamada "pílula do dia seguinte", [...] infelizmente não se generalizou.	Marcar o enunciado de outro enunciador, ou seja, a não-coincidência 3. A outra fonte enunciativa é indeterminada. Há duplicidade metaenunciativa, pois as aspas são acompanhadas pela glosa a chamada.	Enquanto isso, as autoridades têm de fazer sua parte: oferecer acesso livre a outros métodos anticoncepcionais, como a tal pílula do dia seguinte.	A função das aspas é substituída por um comentário metaenunciativo manifestado por meio de glosa. Não há duplicidade metaenunciativa.
14. 14/6/2012	As primeiras reações das autoridades policiais [...] foram [...] desastradas.	Marcar o enunciado de outro enunciador, o que reflete a não-coincidência 3. Esse outro enunciador	[...] Ouve-se falar tanto de arrastão a restaurante [...]	Dispensa o uso das aspas porque provavelmente seu leitor esteja mais

	Algumas se entregaram a discutir [...] o que seria um "arrastão" [...]	(fonte enunciativa) são as autoridades policiais.		habitado ao termo, já incorporado ao vocabulário do editorial.
15. 17/6/2012	O mesmo se aplica à criminalização do "bullying" (em geral cometido por menores, inimputáveis [...])	Marcar o enunciado alheio (termo estrangeiro), não-coincidência 3, do discurso consigo mesmo. A outra fonte enunciativa é o discurso trazido de outro idioma (inglês) sendo incorporado aos jargões da Psicologia e do Direito.	O Código Penal [...] Ganhou um monte de penduricalhos [...] Em geral, para dar mais anos de cadeia aos crimes da moda [...]	A substituição do termo estrangeiro por uma expressão genérica (crimes da moda) - que nomeia também outros crimes mencionados pelo editorial da Folha, mas excluídos pelo Agora - facilita o entendimento do leitor, oferecendo a ele uma espécie de tradução.
16. 19/6/2012	De um ponto de vista estritamente pragmático, o estrategista Lula terá suas razões para arrostar Marta Suplicy, candidata "natural" a uma nova derrota na prefeitura [...]	Dupla função: marcar o discurso alheio, não-coincidência 3. A outra fonte enunciativa é o jargão político-eleitoral; a outra função é atribuir um tom irônico, marcador de dúvida, ao termo aspeado, característica da não-coincidência 4.	Sem passagem correspondente.	Sem avaliação.
17. 14/7/2012	Um dos aliados de Mutran na Câmara Municipal afirmou desconhecer o lance de sorte de seu colega: "Tomara que tenha ganho, né?"	Marcar o discurso de um enunciador alheio, não-coincidência 3. Esse enunciador (outra fonte enunciativa) é um dos aliados de Mutran na Câmara Municipal.	Sem passagem correspondente.	Sem avaliação.

18. 22/7/2012	Tem razão a presidente Dilma Rousseff quando afirma não haver justificativa técnica para os " spreads " (diferença entre os custos de captação e os cobrados nos empréstimos) praticados no país.	Marcar o discurso de um enunciador alheio, não-coincidência 3 . A outra fonte enunciativa é o <i>discurso de outro idioma (inglês) incorporado ao jargão econômico</i> . Há duplicidade metaenunciativa pela glosa <i>diferença entre os custos de captação e os cobrados nos empréstimos [...]</i>	Sem passagem correspondente.	Sem avaliação.
19. 23/7/2012	Os dados constam do " Mapa da Violência 2012 - Crianças e Adolescentes no Brasil ", pesquisa que evidencia a penúria das políticas de segurança [...]	Marcar o discurso de um enunciador alheio, não-coincidência 3 . A outra fonte enunciativa é o <i>"Mapa da Violência 2012 - Crianças e Adolescentes no Brasil"</i> . Há duplicidade metaenunciativa pela glosa <i>pesquisa que evidencia a penúria das políticas de segurança [...]</i>	Um estudo mostrou que, em 1980, a cada grupo de 100 mil pessoas com até 19 anos, 3,1 eram assassinadas. [...]	Usa o termo estudo - bem mais direto e simples – em vez de nomeá-lo como faz a <i>Folha</i> .
20. 24/7/2012	O crescimento de Russomanno vinha sendo atribuído a sua presença no quadro "Patrulha do Consumidor" , que integra um programa matinal [...]	Evidenciar o discurso alheio, não-coincidência 3 , do discurso consigo mesmo. A outra fonte enunciativa é <i>indeterminada</i> .	Muita gente achava que Russomanno estava indo bem nas pesquisas porque aparecia muito na TV. Até o fim de junho, ele apresentava um quadro num programa da TV Record.	Deixa uma informação vaga, sem especificar o quadro apresentado.
21. 26/7/2012	É só medianamente auspiciosa, dessa forma, a decisão do Conselho Regional de Medicina (Cremesp) de tornar obrigatório seu exame [...] conforme noticiou o	Marcar o discurso de um enunciador alheio, não-coincidência 3 . Há dupla fonte enunciativa alheia: o jornal " O Estado de S. Paulo " e o <i>Conselho Regional de Medicina (Cremesp)</i> .	Sem passagem correspondente.	Sem avaliação.

	jornal " O Estado de S. Paulo ".			
22. 27/7/2012	O economista do esporte Stefan Szymanski, da Universidade de Michigan (EUA), afirmou ao jornal britânico "Financial Times" que qualquer coisa capaz de trazer felicidade deve ser considerada um benefício econômico.	Marcar o discurso de um enunciador alheio, não-coincidência 3. Há dupla fonte enunciativa alheia, o jornal britânico "Financial Times" e o economista Stefan Szymanski.	Sem passagem correspondente.	Sem avaliação.
23. 30/7/2012	A própria polícia viu no episódio "vários indícios de execução".	Marcar o discurso de outro enunciador, não-coincidência 3. A outra fonte enunciativa é a própria polícia.	Sem passagem correspondente.	Sem avaliação.
24. 5/8/2012	[...] as autoridades estaduais só fazem confirmar a imagem distorcida da "indústria das multas" [...]	Marcar o discurso de um enunciador alheio, não-coincidência 3. A outra fonte enunciativa é indeterminada, um enunciador genérico.	[...] o dinheiro das multas [...] funcionou apenas para alimentar a máquina responsável pela própria arrecadação.	Traz uma espécie de tradução do termo aspeado, facilitando o entendimento do leitor.
25. 6/8/2012	O representante da Fecomércio presente à reunião com Kassab resumiu com propriedade a situação: "A prefeitura, ao longo dos anos, foi permitindo que as irregularidades existissem. Agora quer cumprir a lei num prazo muito curto".	Marcar o discurso de um enunciador alheio, não-coincidência 3. O outro enunciador é o representante da Fecomércio.	Kassab se viu metido numa enrascada: foi obrigado a admitir que a maioria dos centros comerciais da cidade funcionava com algum tipo de irregularidade diante das regras da prefeitura.	Descaracterizou-se o discurso direto do editorial da Folha, passando o conteúdo a ser transmitido por meio de uma interpretação dada ao leitor por meio do discurso indireto.

26. 12/8/2012	A clássica e genérica queixa nacional de que " falta investimento " não é a melhor resposta.	Marcar o discurso de um enunciador alheio, não-coincidência 3 . A outra fonte enunciativa é <i>indeterminada</i> . Há um enunciador genérico. Há duplicidade metaenunciativa porque as aspas vêm acompanhadas da glosa <i>A clássica e genérica queixa nacional</i> .	Antigamente a principal queixa era que faltavam recursos para o esporte. Hoje isso não é mais verdade.	Ocorre uma explicação simplificada da expressão aspeada.
27. 19/8/2012	Foi com a certeza arrogante dos que se consideram acima da lei [...] que o líder do movimento de policiais federais recebeu a determinação [...] para pôr fim à operação-padrão [...]. Essa " afronta à Constituição ", como definiu o ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, tem de ser repelida.	Marcar o discurso de um enunciador alheio, não-coincidência 3 . A outra fonte enunciativa é o <i>ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo</i> .	Alguém pode ter alguma dúvida de que de trata de abuso de autoridade ?	Traduz de forma reduzida e simplificada a expressão usada pelo ministro.
28. 27/9/2012	Em comunicado desta semana, por exemplo, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) estima que mais da metade da redistribuição de renda na última década tenha resultado da " expansão trabalhista " - vale	Marcar o discurso de um enunciador alheio, não-coincidência 3 . A outra fonte enunciativa é o <i>comunicado do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)</i> . Há duplicidade metaenunciativa porque as aspas vêm acompanhadas da glosa <i>vale dizer</i> .	Sem passagem correspondente.	Sem avaliação.

	dizer, mais e melhores empregos.			
29. 3/10/2012	Felizmente, tantas restrições não impediram de todo que se registrasse em São Paulo um mínimo de discussão. Num paradoxo, a presença relativamente despolitizada de Celso Russomanno como "elemento surpresa" da eleição quebrou a cansativa rixa entre tucanos e petistas [...]	Marcar o discurso de um enunciador alheio, não-coincidência 3. A outra fonte enunciativa é indeterminada. Há variante analisadora de expressão ou ilha enunciativa, pois há assunção de um estilo alheio marcado pela função metaenunciativa do termo aspeado.	Sem passagem correspondente.	Sem avaliação.
30. 7/10/2012	[...] quando consideradas outras irregularidades e somadas situações não decididas pelos Tribunais Regionais Eleitorais, o número de candidaturas "sub júdice" será ainda maior.	Marcar o discurso de um enunciador alheio, não-coincidência 3. A outra fonte enunciativa é o discurso trazido de outro idioma (latim), incorporado ao jargão jurídico.	[...] candidatos que, embora estejam no páreo, podem acabar barrados pela Justiça Eleitoral.	Explica o termo aspeado ao seu leitor, fazendo uma espécie de tradução aproximada.
31. 12/10/2012	Serra parece enfrentar algo como um "recall" negativo, um desgaste de imagem por ter concorrido em sucessivas eleições [...]	Marcar o discurso de um enunciador alheio, não-coincidência 3. A outra fonte enunciativa é o discurso trazido de outro idioma (inglês), geralmente utilizado no jargão da indústria automobilística e incorporado ao jargão do marketing político-eleitoral. Há triplicidade metaenunciativa porque as aspas são combinadas com as glosas algo como e um desgaste de imagem	Sem passagem correspondente.	Sem avaliação.

		por ter concorrido em sucessivas eleições.		
32. 14/10/2012	É razoável ver nesse movimento a inclinação por uma "terceira via" menos contaminada pelas rixas e vícios da velha política [...]	Marcar o discurso de um enunciador alheio, não-coincidência 3. A outra fonte enunciativa é indeterminada.	Sem passagem correspondente.	Sem avaliação.
33. 15/10/2012	Resulta consternador, ainda assim, que mais uma investigação parlamentar venha a terminar "em pizza", como diz o lugar-comum.	Marcar o discurso de um enunciador alheio, não-coincidência 3. A outra fonte enunciativa é indeterminada, um enunciador genérico. Há duplicidade metaenunciativa porque as aspas vêm acompanhadas da glosa como diz o lugar-comum.	Não é de hoje que as pessoas dizem que CPIs quase sempre acabam em pizza.	O termo é mais familiar ao discurso do Agora, que dispensa, então, o uso das aspas, mas traz um comentário metaenunciativo por meio da glosa as pessoas dizem.
34. 28/10/2012	Faltou, sem dúvida, que se acertassem de antemão, entre os vários ministros, os critérios a aplicar na chamada fase de "dosimetria" do julgamento.	Marcar o discurso de um enunciador alheio, não-coincidência 3. A outra fonte enunciativa é trazida do jargão médico e incorporada ao jargão jurídico. Há duplicidade metaenunciativa, uma vez que as aspas vêm acompanhadas pela glosa na chamada.	Acontece que o processo está ficando cada vez mais confuso, também. Pelo menos enquanto os ministros do STF não chegarem a um acordo sobre quantos anos de cadeia vão despejar nas costas de cada réu.	Traz uma espécie de tradução para o termo aspeado para que o leitor não tenha problemas de compreensão.
35. 9/11/2012	Como observa Schwartzman, para a maioria dos estudantes que fazem o Enem, a prova é "uma ilusão cruel" [...]	Marcar o discurso de um enunciador alheio, não-coincidência 3. A outra fonte enunciativa é Simon Schwartzman.	Um especialista, Simon Schwartzman, analisou em detalhe os dados do Enem. Descobriu que só 28% [...] dos que fizeram a prova em 2010 conseguiram mais de 450 pontos [...]	Traz uma explicação simplificada - uma espécie de tradução-da "ilusão cruel" - aproximativa do termo aspeado.

36. 10/11/2012	As elevadas despesas, é claro, não garantem prazos. Basta citar a resposta de um consultor do Comitê Organizador Local (COL) sobre a data de conclusão da reforma: " Se você souber o prazo, me fala. Não tem data certa, mas estimamos para meados de abril ".	Marcar o discurso de um enunciador alheio, não-coincidência 3 . A outra fonte enunciativa é o <i>consultor do Comitê Organizador Local (COL)</i> .	Sem passagem correspondente.	Sem avaliação.
37. 23/11/2012	José Antonio Dias Toffoli e Ricardo Lewandowski, sem dúvida mais brandos com alguns réus, perderam mais de uma vez o " timing " das argumentações [...]	Marcar o discurso de um enunciador alheio, não-coincidência 3 . A outra fonte enunciativa é o <i>discurso trazido de outro idioma (inglês)</i> .	Sem passagem correspondente.	Sem avaliação.
38. 26/11/2012	São Paulo é candidata a hospedar a Exposição Universal de 2020. [...] As Exposições Universais são um típico fruto dos avanços da ciência, da indústria e do comércio no século 19. Essas grandes " festas da modernidade " surgiram para dar aos diversos países a oportunidade de expor produtos [...]	Dar voz a outro enunciador, nos moldes da não-coincidência 3 . A outra fonte enunciativa é <i>indeterminada, um enunciador genérico</i> . Há duplicidade metaenunciativa pela presença da glosa <i>As Exposições Universais são um típico fruto dos avanços da ciência, da indústria e do comércio no século 19</i> .	São Paulo é candidata a hospedar a Exposição Universal de 2020. É uma grande feira em que os diversos países mostram seus produtos e inovações.	Define a expressão de uma outra forma, talvez mais compreensível para seu leitor, comparando a exposição a uma grande feira .

39. 5/12/2012	Sem dúvida, a dimensão das propinas e dos favorecimentos já descobertos autoriza a aplicação de um termo em voga, " mequetrefe ", para os atos da assessora lulista.	Introduzir ao leitor um termo que não faz parte do repertório linguístico usual do jornal, uma espécie de tradução de uso que revela a utilização de um discurso alheio, não-coincidência 3 . A outra fonte enunciativa é <i>indeterminada</i> . Há duplicidade metaenunciativa porque as aspas são acompanhadas da glosa <i>um termo em voga</i> .	Até agora o que se revelou foi coisa bastante mequetrefe [...]	O termo não é marcado, provavelmente, porque já esteja incorporado ao léxico do jornal, sendo de fácil entendimento.
40. 14/12/2012	Um dos principais defeitos da chamada lei seca está prestes a ser corrigido pelo Congresso Nacional. [...] Com a mudança, desaparece a necessidade de comprovar " concentração de álcool por litro de sangue igual ou superior a seis decigramas ".	Marcar o discurso de um enunciador alheio, não-coincidência 3 . A outra fonte enunciativa é o discurso do <i>Legislador</i> . Há variante analisadora de expressão, ilha textual, porque é assumido um estilo de discurso, o jurídico. Há duplicidade metaenunciativa pela presença da glosa <i>Um dos principais defeitos da chamada lei seca está prestes a ser corrigido pelo Congresso Nacional</i> [...]	Estão criando uma nova lei para dizer que, além do bafômetro e do exame de sangue, há outros caminhos para provar que o motorista está bêbado .	Adota uma forma explicativa simplificada, uma interpretação dada por meio do discurso indireto, para dar a informação, evitando o uso de linguagem técnica.
41. 16/12/2012	Dados coligidos pela Receita Federal mostram que o faturamento dos principais clubes de futebol brasileiros cresceu em " ritmo	Marcar o discurso de um enunciador alheio, não-coincidência 3 . A outra fonte enunciativa é o <i>jargão econômico</i> . Há variante analisadora de expressão ou ilha textual,	Os 20 clubes da série A do Campeonato Brasileiro [...] conseguiram aumentar seus ganhos em 63% entre 2006 e 2010. De uma média de R\$ 53 milhões por time a	Explicita para o leitor, em linguagem simples e direta, o sentido da expressão entre aspas, ou seja, "mostra" o que é um "ritmo chinês".

	chinês" nos últimos anos.	na medida em que é assumido um estilo de discurso, que é o <i>econômico</i> .	cada ano, passaram para R\$ 84 milhões.	
42. 22/12/2012	É um passo relevante, embora insuficiente, a decisão do Conselho Nacional de Saúde de permitir que sejam remunerados os participantes de testes clínicos de medicamentos e terapias - as chamadas "cobaias humanas".	Marcar o discurso de um enunciador alheio, não-coincidência 3. A outra fonte enunciativa é indeterminada. Há triplicidade metaenunciativa porque as aspas são precedidas pelas glosas os participantes de testes clínicos de medicamentos e terapias e as chamadas.	Pagando alguma coisa, seria mais fácil conseguir gente para tomar parte nos estudos.	Substitui o termo entre aspas por uma explicação simplificada, uma espécie de tradução aproximativa.

Síntese analítico-interpretativa - Em todos os 42 casos de uso de aspas da *Folha* revelou-se a função metaenunciativa da não-coincidência do discurso consigo mesmo (não coincidência 3). Ou seja, as aspas dizem sobre o termo aspeado que ele tem outra fonte enunciativa. Cinco desses casos acumulam a função da não-coincidência das palavras consigo mesmas (não-coincidência 4), realizando-se essa função, em todos os cinco, por meio da ironia. Sabemos que a ironia consiste no fato de se usar uma palavra ou expressão com um determinado sentido, mas que, no contexto de uso, corresponde à palavra que expressa o sentido contrário. Por exemplo, dizer que alguém teve uma “ideia brilhante” em referência a uma manifestação equivocada ou óbvia, está-se na verdade usando *brilhante* em lugar de *ridículo*, talvez. É nesse sentido que se pode dizer que, na ironia, não há uma coincidência entre as palavras consigo mesmas.

Maingueneau (2011, p. 178) traça um paralelo entre a ironia e as aspas:

“No caso das aspas, o enunciador usa uma expressão e, de algum modo, aponta para ela, indicando, assim, que ele não a assume realmente; já na ironia, o enunciador produz um enunciado que ele invalida ao mesmo tempo em que fala”.

No que respeita à outra fonte enunciativa do termo aspeado, sinalizada pelas aspas, destacamos os seguintes tipos de fontes:

- *fonte indeterminada*, quando o termo aspeado é atribuído a um enunciador genérico como mostra este exemplo:

Foi o oitavo "**arrastão**" desse tipo de que se teve notícia na capital desde o início do ano.

As aspas indicam que o termo "**arrastão**" é de outra fonte enunciativa, porém essa fonte não está identificada no texto, de modo que pode ser atribuída a um enunciador genérico, uma espécie de *voz popular*.

Há também algumas passagens em que a manifestação metaenunciativa é triplicada: além das aspas, ocorrem as glosas, como se vê neste exemplo:

É um passo relevante, embora insuficiente, a decisão do Conselho Nacional de Saúde de permitir que sejam remunerados *os participantes de testes clínicos de medicamentos e terapias - as chamadas "cobaiais humanas"*.

As expressões - *os participantes de testes clínicos de medicamentos e terapias* e *as chamadas* - são de natureza metaenunciativa, cujo escopo é a expressão *cobaiais humanas*. Essas expressões metaenunciativas reiteram a função das aspas. Neste caso temos uma fonte indeterminada ou não identificada.

- *fonte identificada*, quando o outro enunciador (único ou coletivo) é reconhecível no texto, como mostra este exemplo:

Dilma Rousseff mostrou-se pouco complacente em face de "**malfeitos**" - conforme o eufemismo que celebrizou - atribuídos a auxiliares, os quais não teve problemas para dispensar, até porque pertenciam ao pesado legado alheio.

No fragmento de texto fica claramente identificado o autor do termo aspeado: Dilma Rousseff, uma fonte única e identificada.

- *fonte coletiva*, quando há outros enunciadores

Exemplo:

É só medianamente auspiciosa, dessa forma, a decisão do Conselho Regional de Medicina (Cremesp) de tornar obrigatório seu exame [...] conforme noticiou o jornal "**O Estado de S. Paulo**".

Aqui temos uma dupla fonte enunciativa, o *Conselho Regional de Medicina (Cremesp)* e o jornal *O Estado de S. Paulo*, ou seja, fonte coletiva.

Algumas vezes pode ocorrer, além de uma segunda fonte enunciativa, a incorporação de um terceiro discurso, ou seja, um enunciado citado “ao estilo” de outro enunciador, por meio do discurso indireto global, como nos exemplos 1 e 2 a seguir:

Exemplo 1:

[...] Fernando Haddad - que se apressou a denunciar novamente um "**apagão**" dos transportes de São Paulo.

Exemplo 2:

Em comunicado desta semana, por exemplo, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) estima que mais da metade da redistribuição de renda na última década tenha resultado **da "expansão trabalhista"** - vale dizer, mais e melhores empregos.

No exemplo 1, acima, apesar de o enunciador ser Fernando Haddad, ele está assumindo um outro discurso - de uma fonte enunciativa indeterminada -, uma citação de uso corrente incorporada ao seu discurso. A esse tipo de discurso indireto Savioli e Fiorin (2001, p. 48) chamam de *variante analisadora de expressão* e Bakhtin (2006, pp. 167 e 168) chama de *discurso indireto analisador de expressão*. Ocorre quando se valoriza o **modo** de dizer do outro e não o conteúdo do que diz. Trata-se de uma forma híbrida de discurso - mistura características de discurso direto e indireto - que aparentemente é discurso indireto, mas se se retirar as aspas vira discurso direto. A esse tipo de discurso Maingueneau (2011, p. 151) dá o nome de *ilha enunciativa* ou *ilha textual*, e Authier-Revuz (1998, p. 158, 2004, p.192) chama, respectivamente, de *ilha textual* e *ilhota textual*.

No exemplo 2, acima, há também caso de variante analisadora de expressão, ilha enunciativa ou ilha textual, uma vez que há a assunção de um termo que revela o estilo da Teoria Econômica, pelo Ipea, que, como órgão ligado à área econômica incorpora o jargão.

Em 15 dos editoriais do *Agora* não há referências aos termos aspeados nos editoriais da *Folha*, o que revela uma primeira forma de poupar o leitor do *Agora* de uma dificuldade de compreensão de leitura do texto do editorial.

Outras formas de facilitar a compreensão do editorial evitando o uso das aspas são as seguintes:

- o termo ou a expressão entre aspas no texto da *Folha* são de certa forma *traduzidos* no editorial do *Agora* numa passagem explicativa, valendo-se o enunciador de palavras diretas e de uso corrente. É essa a ocorrência mais frequente. Como exemplo, consideremos estas duas comparações:

<p><i>Folha:</i> Faltou, sem dúvida, que se acertassem de antemão, entre os vários ministros, os critérios a aplicar na chamada fase de "dosimetria" do julgamento.</p>	<p><i>Agora:</i> Acontece que o processo está ficando cada vez mais confuso, também. Pelo menos enquanto os ministros do STF não chegarem a um acordo sobre quantos anos de cadeia vão despejar nas costas de cada réu.</p>
<p><i>Folha:</i> [...] quando consideradas outras irregularidades e somadas situações não decididas pelos Tribunais Regionais Eleitorais, o número de candidaturas "sub júdice" será ainda maior.</p>	<p><i>Agora:</i> [...] candidatos que, embora estejam no páreo, podem acabar barrados pela Justiça Eleitoral.</p>

- o termo usado entre aspas na *Folha* é igualmente usado nos editoriais do *Agora*, mas sem aspas. Este caso merece um destaque especial: são somente 5 incidências, e os termos ocorrentes tanto nos editoriais da *Folha* quanto nos do *Agora* são os seguintes: *arrastão* (2 ocorrências), *apagão*, *pizza* e *mequetrefe*. Como podemos observar, esses termos são de uso corrente na linguagem do cotidiano e, portanto, são plenamente conhecidos e usados pelo público leitor do *Agora*. Não há nenhuma objeção, por isso, para que sejam inseridos no texto do editorial deste jornal. Mas por que então estão entre aspas nos editoriais da *Folha*, já que esses termos também são conhecidos e usados pelos leitores deste jornal? A razão evidente está no fato de que o enunciador do editorial da *Folha* sinaliza com as aspas que os referidos termos pertencem a um outro discurso, que se realiza pelo

uso de uma variante mais “popular” da língua, que não é propriamente a variante adequada para o editorial da *Folha*.

b) Segunda etapa – Aos 17 editoriais restantes do *Agora*, sem aspas, correspondem 10 editoriais da *Folha*, com duas ocorrências de aspas, de acordo com o quadro que segue:

<u>Ordem/ Data</u>	<u>Editorial Folha</u>	<u>Função metaenunciativa das aspas na Folha</u>	<u>Editorial Agora</u>	<u>Avaliação Agora</u>
1. 27/1/2012	Diminuir seu uso não vai " tirar o planeta do sufoco ", como propaganda a campanha público-privada em seu bom-mocismo ambientalista; [...] Ao obrigá-lo a pagar do próprio bolso pelo seu mau hábito, põe em xeque o duvidoso " direito " de legar bilhões e bilhões de sacolinhas para as gerações futuras.	No primeiro uso: evidenciar a presença de um discurso de outro enunciador, revelando a não-coincidência 3 , a outra fonte enunciativa é <i>indeterminada</i> ; no segundo uso: além de revelar um discurso alheio, não coincidência 3 , cumulativamente, há a função de atribuir ironia, revelando, também a não-coincidência 4 . A fonte enunciativa, neste caso, é o enunciador do jornal.	Sem passagem correspondente.	Sem avaliação.
2. 26/2/2012	Como a Folha revelou, o Ministério Público do Distrito Federal acusa a empresa Ailanto, [...] Segundo a acusação, a Ailanto agiu " com ânimo fraudulento e nítida má-fé "; [...] De acordo com a investigação, trata-se de uma firma criada " ad hoc ", com vistas ao evento.	Retratar enunciado alheio que revela a não-coincidência 3 . A outra fonte enunciativa é o <i>Ministério Público do Distrito Federal</i> , que se manifesta por meio de, respectivamente, <i>discurso jurídico (Código Penal)</i> e discurso de <i>outro idioma (latim)</i> , também usado no <i>jargão jurídico</i> .	Sem passagem correspondente.	Sem avaliação.
3. 6/4/2012	O motivo da expulsão também ganhou notoriedade: a " insubordinação mental " de que o acusavam [...] o	Dupla função: ironia, não-coincidência 4 ; retratar as palavras de outro enunciador, revelando a não-coincidência 3 . As	Sem passagem correspondente.	Sem avaliação.

	estudante Ciel Vieira "insubordinou-se", por assim dizer, [...].	outras fontes enunciativas são <i>indeterminadas</i> . Há, no segundo uso, duplicidade metaenunciativa porque as aspas são acompanhadas pela glosa <i>por assim dizer</i> .		
4. 9/7/2012	São quase 3.000 homens a menos no policiamento ostensivo. Nas palavras do próprio TCE, isso contrasta com o "aumento dos indicadores de criminalidade" [...] A Polícia Militar questiona problemas pontuais no relatório do TCE. Eles de fato existem: considera-se em "função administrativa" o pessoal dos centros que recebem chamados [...].	Marcar discursos alheios, não-coincidência 3, do discurso consigo mesmo. As outras fontes enunciativas são, respectivamente: o TCE (Tribunal de Contas do Estado) e a Polícia Militar.	Sem passagem correspondente.	Sem avaliação.
5. 28/7/2012	A própria presidente Dilma Rousseff reconheceu [...] "Nós [do governo petista] somos responsáveis por ter levado 40 milhões para a classe média. Quando você eleva uma pessoa à classe média, ela passa a ter um nível de exigência crítica" E arrematou: "Todo consumidor é crítico. Tem de ser crítico".	Marcar o discurso de um enunciador alheio, não-coincidência 3, do discurso consigo mesmo. A outra fonte enunciativa é o discurso da presidente Dilma.	Sem passagem correspondente.	Sem avaliação.
6. 7/8/2012	[...] A missão da Nasa (agência espacial americana) é herdeira da observação de "canais" no planeta pelo italiano Giovanni Schiaparelli, em 1877. [...] Em 2003 viriam as missões de "jipes" mais encorpados, Spirit e [...]	Marcar os discursos de enunciadores alheios, não-coincidência 3, do discurso consigo mesmo. As outras fontes enunciativa são, respectivamente: indeterminada e discurso de outro idioma incorporado ao jargão automobilístico.	Outros jipes, bem menores que o Curiosity, já passaram muito em Marte.	Traz um termo que é de fácil entendimento, já incorporado ao vocabulário do jornal.

7. 13/8/2012	[...] Os problemas parecem ainda longe de ser resolvidos, reitera estudo realizado por dois técnicos do BNDES. O trabalho “ A Gestão de Clubes de Futebol – Regulação Modernização e Desafios para o Esporte Brasileiro ” faz um diagnóstico preocupante. [...] O aspecto fundamental é transformar os clubes ou seus departamentos de futebol em empresas. É o que sugerem os autores do estudo. E é a isso que resiste a chamada “ bancada da bola ” no Congresso.	Marcar o discurso de outros enunciadores, não-coincidência 3 , do discurso consigo mesmo. São as outras fontes enunciativas, respectivamente: <i>dois técnicos do BNDES e seu trabalho</i> “A Gestão de Clubes de Futebol – Regulação Modernização e Desafios para o Esporte Brasileiro”; e uma outra fonte <i>indeterminada</i> , com <i>enunciador genérico</i> . Há duplicidade metaenunciativa porque há combinação das aspas com a glosa <i>a chamada</i> .	[...] Agora um engenheiro e um contador do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) divulgaram estudo com uma proposta interessante. [...] A chamada bancada da bola no Congresso resiste a essa proposta.	O título aspeado do trabalho é substituído, simplesmente, por estudo , sem entrar no detalhe do nome, enquanto a bancada da bola não é marcada por aspas (como na <i>Folha</i>), mas recebe um termo metaenunciativo, a glosa A chamada .
8. 30/8/2012	O ministro Cezar Peluso despediu-se ontem do Supremo Tribunal Federal [...]. Como poucos, Peluso usou palavras duras para rebater argumentos da defesa. Aos olhos do ministro, é “ absolutamente inverossímil ” a alegação de Cunha [...]. “ O réu mentiu. ”	A função das aspas é marcar o discurso de um enunciador alheio, não-coincidência 3 . A outra fonte enunciativa é o ministro do Supremo Tribunal Federal, <i>Cezar Peluso</i> . Há ilha textual ou variante analisadora de expressão pelo hibridismo entre discurso direto e indireto.	[...] Peluso de fato foi bastante duro. Com outras palavras, ele disse que os argumentos dos advogados não tinham nenhum cabimento e chegou mesmo a afirmar que João Paulo Cunha mentiu ao se defender.	Traduz em forma simplificada a primeira a expressão de Peluso, e a outra vem repetida sem aspas, substituindo a palavra “réu” pelo nome deste.
9. 29/10/2012	[...] Prevista para começar até o fim deste ano, a revisão do Plano Diretor [...] ganha contornos de “ constituente ” paulistana. [...] “ Sic transit gloria mundi ” (assim passa a glória do mundo). O famoso	Duas funções: no primeiro caso <i>ganha contornos de “constituente”</i> , além de evidenciar outro discurso, a não-coincidência 3 , busca-se uma aproximação lexical, o termo mais apropriado à situação comunicativa,	Sem passagem correspondente.	Sem avaliação.

	aviso aos papas católicos recém-empossados serve como alerta e desafio ao eleito Fernando Haddad.	conforme preconiza a não-coincidência 2 ; a outra fonte enunciativa, neste caso, é o discurso <i>político-jurídico</i> ; no segundo caso " Sic transit gloria mundi ", a função das aspas é evidenciar um discurso alheio correspondente à não-coincidência 3 . A outra fonte enunciativa, neste segundo caso, é o <i>discurso de outro idioma (latim)</i> . Há triplicidade metaenunciativa pelas glosas <i>assim passa a glória do mundo e o famoso aviso aos papas católicos [...]</i>		
10. 17/12/2012	Com sua clássica tradição de culto à malandragem, o Brasil ainda tem um bom caminho a percorrer [...] É verdade, entretanto, que já começam a declinar a glorificação do "jeitinho", a racionalização tortuosa e mesmo a ridicularização do caráter mais rígido e disciplinado - identificado popularmente como "caxias".	Marcar o discurso de um enunciador alheio, não-coincidência 3, do discurso consigo mesmo. A outra fonte enunciativa não é identificada, há um enunciador genérico. Há duplicidade metaenunciativa porque as aspas são acompanhadas pela glosa identificado popularmente como.	Sem passagem correspondente.	Sem avaliação.

Síntese analítico-interpretativa - Em todos os 20 casos (há 2 ocorrências em cada passagem), o uso das aspas identifica a função metaenunciativa da não-coincidência do discurso consigo mesmo (não-coincidência 3), apontando para outra fonte enunciativa. Em um caso, além da não-coincidência 3, a função metaenunciativa revelou-se também pela não-coincidência entre as palavras e as coisas (não-coincidência 2), conforme mostra a passagem:

[...] Prevista para começar até o fim deste ano, a revisão do Plano Diretor [...] ganha contornos de "**constituente**" paulistana. [...] "**Sic transit gloria mundi**" (assim passa a glória do mundo).

Quando o enunciador diz “ganha contornos de ‘constituente’ paulistana”, está de certa forma dizendo que a palavra “constituente” não é exatamente a palavra mais apropriada para o que está sendo dito. As aspas, nesse caso, sinalizam que se trata de uma aproximação denominativa, que é o modo mais comum de se revelarem as não-coincidências entre as palavras e as coisas.

Em três dos 20 usos de aspas aqui analisados, constata-se também a função metaenunciativa da não coincidência das palavras consigo mesmas (não-coincidência 4), conforme mostram as passagens:

Diminuir o uso não vai "**tirar o planeta do sufoco**", como propaganda de campanha público-privada em seu bom-mocismo ambientalista; [...] Ao obrigá-lo a pagar do próprio bolso pelo seu mau hábito, põe em xeque o duvidoso "**direito**" de legar bilhões e bilhões de sacolinhas para as gerações futuras.

O motivo da insubordinação também ganhou notoriedade: a "**insubordinação mental**" de que o acusavam [...] o estudante Ciel Vieira "**insubordinou-se**", por assim dizer, [...].

Tanto em “direito” (primeira passagem) quanto em “insubordinação mental” e em “insubordinou-se” (ambas da segunda passagem), no contexto em que são usadas, verifica-se o uso de palavras, segundo nossa avaliação, em sentido irônico. A ironia justamente se define por essa não-coincidência da palavra consigo mesma, pois se diz uma determinada palavra para dar a entender outra.

Quanto à solução que os editoriais do *Agora* deram para contornar o uso das aspas nos da *Folha*, observamos os seguintes procedimentos:

- em 7 dos editoriais do *Agora* não há referências aos termos aspeados nos editoriais da *Folha*. Como vimos, é esta a forma mais simples de contornar o uso das aspas nos editoriais do *Agora*;

- em outros, a metaenunciação realizada pelas aspas foi substituída por termos explicativos de fácil compreensão, na forma de *traduções* aproximadas e

simplificadas, seguindo o procedimento já verificado nas passagens do quadro anterior.

c) Terceira etapa – Aos 7 editoriais restantes do *Agora*, sem aspas, correspondem 7 editoriais da *Folha*, com três ou mais ocorrências de aspas, conforme mostra o quadro a seguir:

<u>Ordem/ Data</u>	<u>Editorial Folha</u>	<u>Função metaenunciativa das aspas na Folha</u>	<u>Editorial Agora</u>	<u>Avaliação Agora</u>
1. 5/2/2012	Em 4 de julho de 2007, relatório da CPI do Senado para apurar o chamado "apagão aéreo" já havia apontado vários problemas [...] A perspectiva é que os operadores façam melhorias nos aeroportos para que sejam escolhidos ou mantidos como centros regionais para interligação dos voos - os chamados "hubs". [...] Com vistas ao leilão, já houve em 2011 um "tarifaço" [...]	Retratar, nos três usos, discursos alheios, revelando a não-coincidência 3 , do discurso consigo mesmo. As outras fontes enunciativas são, respectivamente: <i>indeterminada, discurso de outro idioma (inglês) e jargão aéreo, e indeterminada</i> . Nos dois primeiros casos, as aspas são combinadas com o uso das glosas: <i>o chamado ["apagão aéreo"] e os chamados ["hubs"]</i> . No primeiro uso, "apagão aéreo", além da não-coincidência 3 , vislumbramos, também, a função de atribuir um significado "inusitado" ao termo apagão, geralmente usado no sentido de blecaute, o que caracterizaria a não-coincidência 4 .	[...] Mas tem um problema: para atrair investidores, as tarifas cobradas das empresas aéreas (e repassadas ao consumidor) aumentaram no ano passado .	Somente "tarifaço" tem correspondência no <i>AGORA</i> , por meio de uma explicação simplificada.
2. 21/3/2012	[...] as normas que disciplinam a realização do Mundial de 2014 no país tornaram-se objeto de discussões acaloradas, que parecem pautar-se [...] pela máxima fisiológica de "criar	Retratar, nos quatro usos, a voz de outro enunciador, não-coincidência 3 , do discurso consigo mesmo. As outras fontes enunciativas são, no primeiro caso, " criar dificuldades [...] , <i>indeterminada, de um</i>	Como o governo e seus aliados estão passando por uma crise, a Lei da Copa virou motivo de troca-troca de interesses políticos .	Somente o primeiro segmento entre aspas da <i>Folha</i> tem correspondência no <i>Agora</i> por meio de uma referência vaga e simplificada.

	<p>dificuldades para vender facilidades" [...] não havia razão para o Brasil apressar-se em fazer medidas e concessões à Fifa -que pretendia, por exemplo, responsabilizar a União "integralmente e independentemente de culpa" por eventuais prejuízos relacionados à competição. [...] O texto incorporado ao Estatuto [...] Estabelece que "acesso e permanência do torcedor no recinto esportivo" não poderão ocorrer caso ele porte "objetos, bebidas ou substâncias proibidas ou suscetíveis de gerar ou possibilitar a prática de atos de violência".</p>	<p><i>enunciador genérico; nos outros três usos, as aspas indicam como outra fonte enunciativa o discurso do Legislador. Há duplicidade metaenunciativa pela combinação de aspas com a glosa máxima fisiológica.</i></p>		
3. 10/4/2012	<p>O Senado Federal vive situação "sui generis" na área médica. [...] Reportagem do programa "TV Folha" [...] mostrou que o Senado gasta cerca de R\$ 5 milhões anuais para sustentar uma unidade de saúde pouco utilizada [...] enquanto suas salas ficam vazias [...] pacientes enfrentam filas em uma UPA (Unidade de Pronto Atendimento) do governo do Distrito Federal visitada pelo mesmo "TV Folha".</p>	<p>Nos três usos, a função das aspas é retratar a voz de outro enunciador, não-coincidência 3, do discurso consigo mesmo. As outras fontes enunciativas são o discurso de outro idioma (latim) e o programa TV Folha.</p>	<p>No Senado existe uma unidade de saúde caríssima, mas pouco usada e que está quase sempre vazia.</p>	<p>Demonstra a situação de uma forma simplificada e direta, com menos informações e sem marcas das fontes enunciativas.</p>

<p>4. 11/4/2012</p>	<p>A fama de careira da maior cidade do país foi tema de capa da revista "São Paulo", [...] Ali se esmiuçaram os vários componentes da carestia [...] o custo de São Paulo sobressai em especial nas comparações internacionais. [...] não será por ganância peculiar aos "restaurateurs" paulistanos, mas por força da valorização do real. [...] A taxa de câmbio ultrapassa problemas como [...] fatores associados com o custo São Paulo. Ela depende de fatores macroeconômicos, como a alta taxa de juros, [...] e o "tsunâmi monetário" contra o qual a presidente Dilma Rousseff não se cansa de debater.</p>	<p>Nos três usos a função das aspas é dar voz a outros enunciadores, não-coincidência 3. As outras fontes enunciativas são, respectivamente: <i>revista São Paulo, discurso de outro idioma (francês) e a presidente Dilma Rousseff</i>; no terceiro uso, "tsunâmi monetário", além da não-coincidência 3, vislumbramos, também, a função de atribuir um significado inusual ao termo <i>tsunâmi</i> (geralmente usado no sentido de tempestade marinha) o que caracterizaria a não-coincidência 4.</p>	<p>Sem passagem correspondente.</p>	<p>Sem avaliação.</p>
<p>5. 29/4/2012</p>	<p>Enquanto o governo atribui críticas a "pessimistas", obras para o Mundial de 2014 atrasam, [...] As críticas [...] viriam apenas de pessimistas que consideram o país um "fracasso civilizatório". [...] Rebelo também adentra o terreno da ciência social [...] "Não temos a cultura do atraso", declarou ao</p>	<p>Nos seis usos as aspas indicam a presença de outros discursos, ou seja, não-coincidência 3. No primeiro uso - "pessimistas" - as aspas indicam, também, uma função irônica, revelando a não-coincidência 4. As outras fontes enunciativas são: <i>o governo, o ministro do Esporte e o programa TV Folha</i>.</p>	<p>[...] quem gosta de futebol já ouviu falar que as obras para a Copa do Mundo no Brasil, em 2014, estão atrasadas. [...] Mas o ministro do Esporte, Aldo Rebelo, tem dado entrevistas para dizer que não é bem assim. Segundo ele, só os</p>	<p>O editorial do <i>Agora</i> usa a mesma palavra aspeada - "pessimistas" - da <i>Folha</i>, mas sem aspas, deixando, assim, de chamar a atenção para o termo, simplificando a tarefa de seu leitor, uma vez que não há a função irônica marcada pelas aspas.</p>

	<p>programa "TV Folha" [...].</p> <p>Temos é a "impressão de que estamos atrasados".</p> <p>No final, "as coisas sempre saem com pontualidade e precisão".</p>		<p>pessimistas que torcem contra o país acham que a Copa vai dar errado.</p>	
6. 26/8/2012	<p>A reserva de mercado para assistência jurídica aos "necessitados", como diz a proposta em tramitação no Congresso, também orienta normas internas da OAB-SP, que opõem obstáculos à advocacia gratuita, "pro bono": defender sem cobrar quem não tem recursos para contratar advogado representaria "concorrência desleal" e "captação de clientela" [...];</p>	<p>Nos quatro usos, as aspas marcam o discurso de um enunciador alheio, não-coincidência 3, do discurso consigo mesmo. As outras fontes enunciativas são: a proposta em tramitação no <i>Congresso, o discurso de outro idioma (latim)</i> e a seção paulista da <i>Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-SP)</i>. Há duplicidade metaenunciativa <i>pela glosa defender sem cobrar quem não tem recursos para contratar advogado</i>.</p>	<p>Interessada em manter o dinheiro que recebe do Estado, a OAB-SP tenta contornar a decisão. Conseguiu que deputados apresentassem um projeto para pôr na Constituição a reserva de mercado que o próprio Supremo decidiu que deveria acabar. Além disso, procura impedir que advogados e escritórios trabalhem de graça, se assim desejarem, para quem não pode pagar.</p>	<p>Faz uma espécie de "tradução" quando, por exemplo, usa o termo de graça no lugar de "pro bono". Facilita, dessa forma, com a reformulação dos termos, o entendimento de seu leitor. Além disso, substitui o termo "necessitados" pela expressão de uso mais corrente quem não pode pagar.</p>
7. 17/11/2012	<p>Os escolhidos para as cinco "secretarias-meio" têm perfis [...] adequados [...] Haddad [...] reconheceu que seu governo de coalizão terá "pluralidade quase obrigatória de perfis". [...] Espera-se que não seja a senha para um loteamento político de cargos, que não combina com o verniz de "homem novo".</p>	<p>Nos três usos, a função das aspas é marcar os discursos de outrem, nos termos da não-coincidência 3, do discurso consigo mesmo. As outras fontes enunciativas são, respectivamente o: <i>discurso jurídico (direito administrativo)</i>, <i>Haddad e discurso do marketing político-eleitoral</i>.</p>	<p>O prefeito de São Paulo, Fernando Haddad (PT), por enquanto seguiu a regra adotada por alguns políticos: definir o núcleo mais importante do governo e chamar para ele só auxiliares de confiança [...]</p>	<p>A expressão "secretarias-meio" é substituída por uma expressão de significação mais genérica, porém de mais fácil compreensão.</p>

Síntese analítico-interpretativa - Em todas as ocorrências – que são em número de 26, pois trata-se de segmentos com três ocorrências de aspas, ou mais -, dos 7 casos, identificamos a função metaenunciativa da não-coincidência do discurso consigo mesmo (não-coincidência 3); em três delas, além da não-coincidência 3, houve também ocorrência da não-coincidência das palavras consigo mesmas (não-coincidência 4), como mostra o exemplo:

Enquanto o governo atribui críticas a "**pessimistas**", obras para o Mundial de 2014 atrasam, [...] As críticas [...] viriam apenas de pessimistas que consideram o país um "**fracasso civilizatório**". [...] Rebelo também adentra o terreno da ciência social [...] "**Não temos a cultura do atraso**", declarou ao programa "**TV Folha**" [...]. Temos é a "**impressão de que estamos atrasados**". No final, "**as coisas sempre saem com pontualidade e precisão**".

Julgamos que em “pessimistas”, além de as aspas sinalizarem uma outra fonte enunciativa (a não-coincidência do discurso consigo mesmo), também se verifica uma conotação irônica por parte do enunciador do editorial, o que caracterizaria, também, uma não-coincidência das palavras consigo mesmas.

Quanto à forma de os editoriais do *Agora* contornarem os usos das aspas nos textos correspondentes da *Folha*, encontramos os mesmos recursos já descritos anteriormente. Em um dos editoriais do *Agora* não há menção a nenhum dos termos aspeados no editorial correspondente da *Folha*.

Prevalecem formas de simplificação ou reconfiguração dos termos e até mesmo de omissão de alguns deles na suposta tentativa de facilitar a compreensão do texto para seus leitores.

Momento 3 - *Num terceiro momento*, confrontamos os editoriais do *Agora* com uma única ocorrência de aspas, que são em número de 46, com os editoriais correspondentes da *Folha* com qualquer número de ocorrências de aspas. Observamos nessa análise:

- se a palavra ou expressão aspeada no editorial do *Agora* é também aspeada no editorial da *Folha*;

- qual é a função do uso das aspas no editorial do *Agora* e se essa função coincide ou não com a do uso das aspas no editorial da *Folha*;

- se há na *Folha* alguma formulação discursiva correspondente ao uso de aspas nos editoriais do *Agora*.

<u>Ordem/data</u>	<u>Editorial <i>Agora</i></u>	<u>Função metaenunciativa das aspas no <i>Agora</i></u>	<u>Editorial <i>Folha</i></u>	<u>Análise e Comentários</u>
1. 4/1/12	O Congresso discute desde 2003 um projeto [...] A medida, chamada de " PEC (proposta de emenda constitucional) da Bengala " [...];	Dar voz a outro enunciador, não-coincidência 3 . A função coincide com a da <i>Folha</i> . A outra fonte enunciativa é o <i>Legislador</i> . Há duplicidade metaenunciativa, pois as aspas são combinadas com a glosa <i>A medida, chamada [...]</i>	A iminência da aposentadoria compulsória de dois ministros do Supremo Tribunal Federal [...] reacendeu o debate sobre a " PEC da Bengala ".	O termo aspeado é o mesmo nos dois editoriais. Observe-se, ainda, que, a <i>Folha</i> não "explica" ao seu leitor o que é PEC, como o faz o <i>Agora</i> , por meio do comentário metaenunciativo "A medida, chamada de [...] " e pela explicação entre parênteses.
2. 11/1/12	A ocupação serviu, ao menos por enquanto, mais para espalhar os " noias " por outros bairros da cidade [...]	Indicar a presença do discurso de outro enunciador, que revela a não-coincidência 3 . A outra fonte enunciativa é <i>indeterminada, um enunciador genérico</i> .	Não traz o termo "noias" (nem sem aspas).	O editorial da <i>Folha</i> se utiliza de termos sinônimos como 'viciados em crack', 'usuários' e 'viciados' (sem aspas) em situações semelhantes.
3. 20/1/12	Avançar [...] sobre os " noias ", porém, não resolve o problema.	Indicar a presença do discurso de outro enunciador, que revela a não-coincidência 3 . A função coincide com a da <i>Folha</i> . A outra fonte enunciativa é <i>indeterminada</i> .	Com a reação negativa do público diante da violência e da gratuidade das medidas repressivas - como forçar os " noias " a dar voltas no quarteirão -, o governo estadual recuou.	Ambos editoriais trazem o mesmo termo aspeado, " noias ", numa mesma situação comunicativa. A <i>Folha</i> aspeia o termo para indicar que não pertence ao seu padrão de uso.

4. 26/1/12	Já a turma que liderava a ocupação, ligada ao PSTU (aquele partido do " contra burguês vote 16 ") estava disposta a resistir, mesmo que isso pudesse levar à morte de pessoas inocentes.	Indicar a presença do discurso de outro enunciador, não-coincidência 3 . A função é a mesma na <i>Folha</i> . A outra fonte enunciativa é o <i>discurso político do PSTU</i> .	Poucos dias antes da operação, um desses líderes, Valdir Martins, ex-candidato a vereador pelo PSTU , revelou a disposição de levar inocentes a um enfrentamento que poderia resultar em mortes: " Ou a ordem de desocupação é suspensão, ou vamos assistir a um banho de sangue " [...]	O termo aspeado não é o mesmo. O <i>Agora</i> traz, pronta, para seu leitor a conclusão de uma situação na qual o editorial da <i>Folha</i> parece querer tentar transcrever fielmente as palavras de um personagem que nem é citado no <i>Agora</i> , porém é protagonista da situação, uma vez que é líder, representante do PSTU, seu porta-voz. Sendo assim, suas palavras são marcadas pelas aspas na <i>Folha</i> .
5. 1/2/12	Segundo o delegado-geral da Polícia Civil paulista, Marcos Carneiro Lima, índices tão elevados poderiam ser resultado de " bolsões de pobreza " [...]	Indicar a presença do discurso de outro enunciador, a não-coincidência 3 . A função coincide nos dois editoriais. A outra fonte enunciativa é o <i>delegado-geral, Marcos Carneiro Lima</i> .	Essa parece ser a opinião do delegado-geral da Polícia Civil paulista, Marcos Carneiro Lima, para o qual a explicação para índices tão elevados estaria na existência de " bolsões de pobreza ".	Os dois editoriais trazem o mesmo termo aspeado numa mesma situação comunicativa.
6. 4/2/12	Quando a Secretaria de Estado da Justiça comemora o que foi feito anunciando que " a cracolândia deixou de existir ", o cidadão pode até se perguntar o que andaram tomando as autoridades	Indicar a presença do discurso de outro enunciador, a não-coincidência 3 . A função coincide com a da <i>Folha</i> . A outra fonte enunciativa é a <i>Secretaria de Estado da Justiça</i> .	Setores de oposição ao governo do Estado e à Prefeitura de São Paulo insistiram na tecla de que prevaleceu uma visão " higienista " do problema; [...] Daí os anúncios de que " a cracolândia não existe mais ", como o da Secretaria de Justiça do Estado, que só resultam em descrédito.	Há um termo aspeado em comum, numa mesma situação comunicativa. A <i>Folha</i> traz um outro termo aspeado " higienista ", que não aparece no <i>Agora</i> .

	antes de fazer declarações desse tipo.			
7. 11/2/12	[...] as gravações de conversas entre grevistas que foram ao ar no " Jornal Nacional " deixaram o país estarecido.	Indicar a presença do discurso de outro enunciador, que revela a não-coincidência 3 . A função é mesma na <i>Folha</i> . A outra fonte enunciativa é o " Jornal Nacional ".	As gravações de conversas telefônicas divulgadas na quarta-feira pelo " Jornal Nacional ", da TV Globo, chocaram o país. [...] Ao tomar conhecimento do teor dos diálogos, a presidente Dilma Rousseff [...] Declarou-se " estarecida " e contrária ao perdão para grevistas: " Crimes contra o patrimônio, contra as pessoas e a ordem pública não podem ser anistiados ".	O termo " Jornal Nacional " está presente e aspeado nos dois editoriais. Os demais termos e expressões aspeados, trazidos na <i>Folha</i> , são transcrições do discurso da presidente, que são simplificados no <i>Agora</i> , por meio do discurso indireto: <i>A própria presidente Dilma Rousseff, depois de ouvir as conversas, declarou-se contra perdoar os grevistas</i> [...]. O editorial da <i>Folha</i> tenta marcar as exatas palavras da presidente valorizando seu discurso dentro do discurso do jornal.
8. 17/2/12	[...] o julgamento permite que se faça uma distinção clara entre um procedimento civilizado, [...] e o que é puro " justiçamento " selvagem, simples vingança.	Indicar a presença do discurso de outro enunciador, que revela a não-coincidência 3 . A outra fonte enunciativa é indeterminada.	[...] o cidadão encontra meios de se familiarizar com uma estrutura institucional capaz de transcender, pelo argumento e pela praxe jurídica, o que há de instintivo no puro ato de retaliação .	Não há termos aspeados no editorial da <i>Folha</i> . O termo aspeado no <i>Agora</i> é reconfigurado no editorial da <i>Folha</i> (sem aspas).
9. 8/3/12	A greve de caminhões que entregam gasolina em São Paulo perdeu alguma força ontem [...]	Indicar a presença do discurso de outro enunciador, que revela a não-coincidência 3 . Coincide com a da	A escolha do instrumento de pressão contra a prefeitura [...] foi calculada para causar o maior dano possível. " Estou fazendo uso da carga líquida porque ela mostra, com mais	Os dois editoriais fazem uma transcrição que marca a presença do discurso de outro enunciador, valorizando suas palavras,

	Para pressionar a prefeitura, os caminhoneiros escolheram a dedo algo para prejudicar os cidadãos. " Estou fazendo uso da carga líquida porque ela mostra, com mais rapidez, a necessidade de alguém conversar ", confessou Norival de Almeida Silva, presidente do Sindicam.	<i>Folha</i> . A outra fonte enunciativa é o <i>presidente do Sindicam, Norival de Almeida Silva</i> .	rapidez, a necessidade de alguém conversar ", confessou Norival de Almeida Silva, presidente do Sindicam.	atribuindo-lhe um efeito de verdade e objetividade desejado pelos jornais, por meio do discurso direto.
10. 13/3/12	Ricardo Teixeira, quem diria, deixou a presidência da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). [...] Teixeira foi também alvo de muitas suspeitas, como no caso revelado pela " Folha de S. Paulo " sobre a receita de um amistoso contra Portugal em 2008. Enfrentou duas CPIs;	Indicar a presença do discurso de outro enunciador, que revela a não-coincidência 3 . A outra fonte enunciativa é a " Folha de S. Paulo ".	Teixeira foi também alvo de suspeitas de desvios, como no caso revelado por esta Folha sobre a receita de um jogo amistoso contra Portugal em 2008, e enfrentou duas CPIs.	A Folha traz o mesmo termo sem aspas, na mesma situação comunicativa, apenas substituindo-o por esta Folha .
11. 17/3/12	[...] É o próprio canal de TV que aumenta o som na hora dos intervalos comerciais. [...] a tendência de qualquer pessoa normal é apertar a tecla ' mudo ' na hora do anúncio.	Indicar a presença de um discurso alheio, que revela a não-coincidência 3 . A outra fonte enunciativa é um <i>enunciador genérico</i> . A função coincide com a da <i>Folha</i> .	Faz parte da experiência de todo espectador: tão logo o programa de TV se interrompe para a exibição dos comerciais, o volume do som aumenta consideravelmente. " Consideravelmente ", em verdade, passa até por eufemismo no caso de alguns	O termo ' mudo ' indica a função de uma tecla do aparelho de TV e aparece nos dois editoriais na mesma situação comunicativa. O outro termo da <i>Folha</i> não tem correspondente no <i>Agora</i> .

			canais [...] com o tempo, a tecla "mudo" no controle remoto acabaria incorporada como sua arma de vingança particular [...]	
12. 23/3/12	[...] os sindicatos brasileiros se acostumaram com a facilidade de receber dinheiro direto do governo, na forma do imposto sindical. Tanto é que a CUT não quer acabar de vez com ele, mas pôr em seu lugar uma tal de "taxa negocial"	Indicam a presença do discurso de outro enunciador, que revela a não-coincidência 3 . A outra fonte enunciativa é a <i>CUT</i> . A função coincide com a da <i>Folha</i> . Há uma duplicidade metaenunciativa porque as aspas são seguidas por uma glosa <i>uma tal</i> .	[...] a CUT não está propondo a extinção real do imposto, mas sua substituição por uma "taxa negocial" , cobrada a título de serviços prestados na negociação dos acordos coletivos.	O termo aspeado "taxa negocial" aparece nos dois jornais; refere-se ao título de uma espécie de novo imposto, portanto, algo que foi convencionado por outrem, um discurso que pertence a outro enunciador (CUT). O editorial da <i>Folha</i> dá um tratamento mais completo, traz mais dados e informações adicionais sobre o termo.
13. 30/3/12	Faz sentido uma lei só para punir motoristas que dirigem bêbados. [...] Só que o STJ decidiu que apenas o bafômetro e o exame de sangue podem ser usados para mandar para a cadeia quem dirige bêbado. Com a intenção de tentar corrigir o erro, os parlamentares agora querem fazer uma lei seca mesmo, com "tolerância zero" .	Evidenciar a presença de discursos alheios, conforme a não-coincidência 3 . A outra fonte enunciativa é o discurso dos <i>parlamentares</i> (Congresso). Há coincidência de função com o termo aspeado na <i>Folha</i> .	Decisão do STJ de proibir provas testemunhais para criminalizar embriaguez na direção pode levar a novo – e duvidoso – "endurecimento" ; [...] alguns juízes vinham aceitando o testemunho de agentes ou o exame clínico por médicos. Foi essa porta que o STJ fechou, ao determinar que a prova quantitativa representa uma condição "sine qua non" para configurar a conduta criminosa.	Os termos aspeados não são os mesmos. Porém, o termo "endurecimento" , na <i>Folha</i> , pode ser compreendido como uma espécie de aproximação de "tolerância zero" , no <i>Agora</i> .

14. 31/3/12	Pela 15ª vez neste ano aconteceu uma paralisação na rede de trens metropolitanos da capital [...] O problema é que esse "tsunami" de novos usuários sobrecarrega o sistema [...];	Dupla função: atribuir ao termo aspeado um sentido inusual (diverso do padrão de uso), que caracteriza a não-coincidência 4 ; e marcar o enunciado alheio, não-coincidência 3 . A outra fonte enunciativa é <i>indeterminada</i> .	A elevação no número de passageiros, que o secretário [...] compara a um tsunami , é fruto da demanda reprimida [...].	O termo aparece no editorial da <i>Folha</i> , mas não é aspeado. A <i>Folha</i> se utiliza de expressões como: rápido acréscimo de usuários ; ritmo de incremento ; elevação no número de passageiros ; e tsunami (todos sem aspas) para se referir à mesma situação comunicativa do editorial do <i>Agora</i> , que, além de colocar o termo entre aspas, ainda dá uma ampla explicação. Detalhe interessante é que, enquanto no <i>Agora</i> a fonte enunciativa é indeterminada, na <i>Folha</i> ela é claramente identificada como o <i>Secretario dos Transportes Metropolitanos, Jurandir Fernandes</i> .
15. 26/4/12	As escolas estaduais da cidade de São Paulo são palco de um mistério. Como as famílias têm cada vez menos filhos, diminui devagarinho o número de alunos matriculados. Mesmo assim, continuam faltando professores. Um	Indicar a presença do discurso de outro enunciador, não-coincidência 3 . A outra fonte enunciativa é o levantamento da <i>"Folha de S. Paulo"</i> .	A notícia de que 32% das escolas estaduais na cidade de São Paulo enfrentam falta de professores resulta de uma composição de deficiências variadas [...]	A <i>Folha</i> não traz o termo aspeado. Porém traz uma reformulação que contempla a notícia e as informações dadas pelo <i>Agora</i> .

	levantamento da "Folha de S. Paulo" mostrou que um terço da rede estadual na capital sofre com o problema.			
16. 4/5/12	[...] O governo trabalha com uma outra taxa de juros, a tal de Selic [...] Ela é importante para controlar a inflação: sempre que os preços sobem demais, o governo aumenta a Selic para "esfriar" a economia, como se diz.	Dupla função: Ao mesmo tempo em que evidenciam um discurso alheio - e nesse sentido - apontam para a não-coincidência 3; num segundo momento percebe-se a utilização do termo "esfriar" numa ampliação de seu sentido primeiro, o que revela a não-coincidência 4. A outra fonte enunciativa é um enunciador genérico, oriundo do discurso da Teoria Econômica. Há duplicidade metaenunciativa porque as aspas são seguidas pela glosa como se diz.	Não há termo correspondente.	Sem avaliação.
17. 16/6/12	O Secovi, sindicato que representa os principais grupos da construção civil, manifestou seu "estarcimento" diante das acusações. Certo.	Dupla função: evidenciar o discurso alheio, não-coincidência 3; e manifestar tom irônico, não-coincidência 4. A outra fonte enunciativa é o	Por sua vez, o Secovi, sindicato que reúne os principais grupos do setor imobiliário paulista, manifestou "extrema surpresa" e "estarcimento" diante das suspeitas.	A situação comunicativa é a mesma e os termos são usados com as mesmas funções. A Folha traz um outro termo aspeado que não aparece no editorial do Agora, e que reforça o

		Secovi. Há coincidência da função do termo aspeado na Folha.		tom irônico adotado no seu editorial (Folha).
18. 21/6/12	Lula escanteou Marta Suplicy e apostou que poderia matar no peito o problema de Haddad não ser conhecido. Colou no pré-candidato e até levou Haddad ao "Programa do Ratinho".	Marcam o nome de um programa de televisão e indicam a presença de outro discurso, revelando a não-coincidência 3. O outro enunciador é indeterminado, um enunciador genérico.	[...] Fernando Haddad [...] teve de ouvir recados indiretos de Luiza Erundina, ciosa de manter a "linha justa" esquerdista na chapa à prefeitura.	Os termos aspeados não são os mesmos, a Folha nem cita o "Programa do Ratinho". O termo "linha justa" esquerdista (Folha) é retratado no Agora como ficar bem na foto com a militância mais de esquerda (sem aspas).
19. 4/8/12	É muito comum que políticos procurem um jeito de ganhar alguma vantagem. De vez em quando, como todos sabem, é por meio da corrupção. Mas outras vezes eles procuram um "jeitinho" mais criativo [...];	Indicar a presença do discurso de outro enunciador, não-coincidência 3. A outra fonte enunciativa é indeterminada, um enunciador genérico.	Com isso, segue a permissão para auxiliares ganharem "por fora".	Embora os termos aspeados não sejam os mesmos, são equivalentes no contexto e com a mesma função.
20. 10/8/12	Policiais rodoviários provocam congestionamentos gigantescos nas estradas com as "operações-padrão".	Indica a presença de outro discurso, não-coincidência 3. A outra fonte enunciativa é indeterminada.	[...] O fluxo em rodovias e aeroportos é estrangulado pelas fiscalizações policiais ostensivas, as famigeradas "operações-padrão"..	O termo aspeado no Agora também se apresenta aspeado na Folha e com o mesmo sentido. Há outros termos aspeados na Folha sem correspondência no Agora.
21. 15/8/12	[...] Luiz Francisco Corrêa Barbosa, defensor do ex-deputado federal Roberto Jefferson [...] afirmou que	Indicar a presença do discurso de outro enunciador, o que revela a não-coincidência 3. O outro enunciador é o	Barbosa sustentou que Lula não só sabia do mensalão [...] como o teria ordenado. Ao centrar sua denúncia em José Dirceu [...], Gurgel estaria dando a entender que o ex-	O termo aspeado no Agora também o é na Folha, tem o mesmo sentido e o mesmo enunciador. Quanto ao outro termo aspeado

	Lula não é “pateta” e sabia de tudo.	defensor Barbosa. A função é coincidente no editorial da Folha.	presidente é "pateta", quando em realidade é "safo" (no linguajar que tomou emprestado do ministro do STF Marco Aurélio Mello, em outra referência a Lula).	na Folha, dele não foi encontrada referência no Agora.
22. 23/8/12	Não dá para achar que basta um prefeito apertar a mão do eleitor, agradecer o voto e dizer que está "bom para ambas as partes".	Indicar a presença do discurso de outro enunciador, não-coincidência 3. O outro enunciador é o candidato a prefeito, Celso Russomanno. A função das aspas no editorial do Agora coincide com a do editorial da Folha.	Ao que parece, a força de Russomanno é também sua fraqueza. Os problemas de São Paulo são mais complexos do que relações de consumo, e é duvidoso que o bordão "bom para ambas as partes" seja suficiente para resolvê-los.	O termo aspeado é o mesmo nos dois editoriais, que trazem a mesma situação comunicativa. Observação: Embora os editoriais não deixem explícita a informação de que o bordão “bom para ambas as partes” é de autoria do candidato Celso Russomanno, presume-se que essa informação faça parte da competência cognitiva dos leitores de ambos os jornais.
23. 28/8/12	José Serra, do PSDB, promete uma espécie de "aerotrem", o monotrilha [...];	Dupla função: além de evidenciar um discurso alheio, não-coincidência 3, apontam para a busca de um termo, uma especificação lexical, não-coincidência 2. A outra fonte enunciativa é José Serra. Há triplicidade metaenunciativa porque as aspas são acompanhadas pelas glosas uma espécie de [“aerotrem”] e o monotrilha.	José Serra (PSDB), [...] Não apresentou, tampouco, o detalhamento da conta para tirar o seu "aerotrem" do chão. [...] Fernando Haddad (PT) [...] apareceu com a ideia mais falada: um bilhete único mensal, arbitrariamente apelidado de "mensaleiro" [...]	O termo aspeado no Agora aparece na Folha com o mesmo sentido. O segundo termo aspeado na Folha aparece no Agora com a seguinte configuração: Fernando Haddad, do PT, apareceu com a ideia de criar um bilhete único mensal. Tal configuração, sem o termo aspeado, impede ao leitor do Agora captar o trocadilho provocativo, em tom irônico, que a Folha traz com o termo

				“mensaleiro”. Talvez tal omissão seja intencional no editorial do Agora, tendo em vista o suposto “despreparo” de seu leitor para compreender tais minúcias metaenunciativas.
24. 5/9/12	O debate entre os candidatos realizado pelo jornal "Folha de S. Paulo" e pela RedeTV!, anteontem, não fugiu desse esquema.	Indicam a presença de discurso alheio, não-coincidência 3. As outras fontes enunciativas são a Folha de S. Paulo e a Rede TV!	Esperava-se que Celso Russomanno (PRB) fosse atrair o maior número de ataques de seus adversários no debate entre os candidatos à Prefeitura de São Paulo realizado pela Folha e pela Rede TV! [...]	O termo não vem aspeado no editorial da Folha.
25. 10/9/12	Pelo que se vê, o medo de que tudo terminasse em "pizza" não se confirmou.	Indicar a presença do discurso de outro enunciador, não-coincidência 3. A outra fonte enunciativa é indeterminada, um enunciador genérico.	[...] "Não nos cabe dar satisfações a ninguém", observou, em nota algo destoante, o relator do processo, Joaquim Barbosa. [...] A consideração do "status" dos réus seria fator de corrosão do princípio de que todos são iguais perante a lei?	Os termos aspeados não são os mesmos. Há outros termos aspeados na Folha sem correspondência no Agora.
26. 11/9/12	Reportagem do jornal "Folha de S. Paulo" mostrou que a Lei da Ficha Limpa já barrou 317 políticos que tentam eleger-se para a prefeitura de alguma cidade brasileira.	Indicam outro discurso, não-coincidência 3. A outra fonte enunciativa é a reportagem do jornal “Folha de São Paulo”.	Levantamento feito por esta Folha em todos os Estados do país mostrou que a Lei da Ficha Limpa barrou, até agora, 317 candidatos entre os 15.551 que disputam as prefeituras brasileiras.	Os termos aspeados são diferentes. Na situação em que o Agora usa aspas a Folha não o faz. O Agora, por sua vez, não traz a situação aspeada na Folha. Há, entretanto, um fragmento do editorial da Folha que traz a mesma situação.
27.	Nas sabatinas	Indicar a presença do	Durante as sabatinas	Os termos aspeados

15/9/12	promovidas pelo jornal "Folha de S. Paulo" e pelo UOL, foi assim. O tucano e o petista quase nem falaram o nome de Russomanno.	discurso de outros enunciadores, o que revela a não-coincidência 3. As outras fontes enunciativas são a "Folha de S. Paulo" e o UOL.	Folha/UOL, o tucano e o petista se esforçaram por ignorar o líder das pesquisas de intenção de voto.	são diferentes. Na situação em que o Agora usa aspas a Folha não o faz; o Agora, por sua vez, não faz referência aos termos aspeados na Folha.
28. 29/9/12	O problema é que a busca do "novo" pode ser enganosa.	Indicar a presença do discurso de outro enunciador, não-coincidência 3. A outra fonte enunciativa é indeterminada, um enunciador genérico.	O surgimento de um "outsider" na atual disputa convidou [...] a considerações [...] Outra vez a procura do "novo" [...] parece ser um dos vetores.	O termo aspeado no Agora e na Folha tem o mesmo sentido. Quanto ao outro termo aspeado na Folha, dele não foi encontrada referência no Agora.
29. 6/10/12	Segundo Lewandowski, não há provas para condenar o "chefão".	Evidenciar a presença do discurso de outro enunciador, o que revela a não-coincidência 3. O outro enunciador é Lewandowski.	Não se encontraram mensagens eletrônicas ou documentos assinados a vincular, de forma inequívoca, o ex-chefe da Casa Civil, no governo Lula, José Dirceu aos esquemas do mensalão.	O termo não é aspeado na Folha. Enquanto o Agora atribui claramente a Lewandowski o enunciado aspeado, dando assim, uma interpretação pronta para seu leitor, a Folha traz um arrazoado que conduz o leitor - de forma mais sutil sem ser explícito como faz o Agora - a concluir por si só, pela autoria do enunciado.
30. 19/10/12	Muitas pessoas ainda ficam alarmadas com o futuro de crianças criadas naquilo que algumas décadas atrás se chamava de "lares desfeitos".	Apontam para a presença do discurso de outros enunciadores, o que revela a não-coincidência 3. O outro enunciador é indeterminado, genérico. Há duplicidade	Para os mais conservadores, esses números retratam a desestruturação da família. "O tempora, o mores", poderiam esbravejar, no rastro de Cícero. [...] vaticínios catastrofistas dos que afirmavam que crianças oriundas daquilo que algumas décadas atrás se	Há um mesmo termo aspeado no Agora e na Folha, com a mesma função. Quanto ao outro termo aspeado na Folha, dele não foi encontrada referência no Agora.

		metaenunciativa porque o termo aspeado é precedido da glosa se chamava de ["lares desfeitos"]. A função é coincidente com a do editorial da Folha.	chamava de "lares desfeitos" [...] vêm sendo desmentidos pela realidade.	
31. 26/10/12	[...] como mostrou reportagem do jornal "Folha de S. Paulo", as provas teriam registrado uma piora [...]	Evidenciar a presença do discurso de outro enunciador, não-coincidência 3. O outro enunciador é a "Folha de S. Paulo".	Como revelou esta Folha, os resultados [...] registram [...] queda acentuada [...]	O termo não é aspeado na Folha.
32. 27/10/12	O governador e o secretário da Segurança, no entanto, fingem que isso não existe. Dizem que há muita "lenda" sobre o PCC.	Indicam a presença do discurso de outros enunciadores, o que revela a não-coincidência 3. Os outros enunciadores são o governador de SP e o secretário da Segurança.	Nem tudo, porém, piorou. Apurou-se [...] queda nos roubos de carga (23%) .E caiu também a incidência de "outros roubos" [...] autoridades [...] alertam para as "lendas" que se estariam criando em torno do crime organizado.	Um termo aspeado no Agora também o é na Folha, e o sentido também é o mesmo. Há uma curiosidade: Enquanto na Folha fala-se em "autoridades", o Agora identifica essas autoridades nominando-as. O outro termo aspeado na Folha tem referência no Agora: É verdade que nem tudo piorou no mês passado. Os roubos em geral caíram, sendo que os de carga diminuíram 23%.
33. 3/11/12	Quase todo mundo já ouviu alguém dizer que "isso aí vai acabar em pizza". Significa que uma investigação vai terminar sem punir ninguém.	Indicar a presença do discurso de outro enunciador, o que revela a não-coincidência 3. A outra fonte enunciativa é indeterminada, um enunciador genérico.	Por assim dizer ecumênica, a CPI estava destinada a sofrer uma "operação abafa".	Os termos aspeados não são os mesmos, mas trazem situações semelhantes com soluções aproximativas.

		Há duplicidade metaenunciativa porque as aspas são seguidas por uma glosa: Significa que uma investigação vai terminar sem punir ninguém.		
34. 7/11/12	O governo federal e o governo do Estado de São Paulo reuniram-se [...] e anunciaram medidas para combater a onda paulista de violência. O plano de atuação conjunta inclui, entre outras propostas, a criação de uma " agência integrada de inteligência " [...]	Indica a presença do discurso de outros enunciadores, o que revela a não-coincidência 3 . As outras fontes enunciativas são o <i>governo federal e o governo do Estado de São Paulo</i> .	Apresentou-se a criação de uma enigmática " agência de ação integrada " [...] Ferreira Pinto retrucou, afirmando que Cardozo faltava com a verdade e politizava o tema da segurança. " Alguém está querendo criar desordem onde há ordem ", contra-atacou o secretário [...]	Um termo aspeado no <i>Agora</i> também o é na <i>Folha</i> , e o sentido também é o mesmo. O outro termo aspeado na <i>Folha</i> tem equivalente no <i>Agora</i> : Furioso, o secretário de Segurança de São Paulo, Antonio Ferreira Pinto, contra-atacou. Disse que Cardozo estava explorando a onda de violência para fazer política. A Folha traz, no detalhe do trecho aspeado, um comentário do secretário, que ironiza o discurso do Ministro da Justiça.
35. 11/11/12	Para um país que deixa de ser pobre, mas que ainda não ficou rico, o Brasil tem impostos altos demais. [...] Esse é o padrão dos países mais desenvolvidos. Na nossa divisão, a dos remediados (ou " emergentes "), a chamada carga tributária anda pela	Evidenciar a presença do discurso de outro enunciador, não-coincidência 3 . O outro enunciador é proveniente do discurso da <i>Teoria Econômica</i> . Há duplicidade metaenunciativa porque o termo aspeado (ou " emergentes ") é ao	O nível de tributação brasileira é similar à média das nações desenvolvidas, mas contrasta com o de países emergentes , raramente superior a 20% do PIB.	O termo aspeado no <i>Agora</i> aparece no editorial da <i>Folha</i> sem aspas e sem maiores explicações. Talvez o editorial da <i>Folha</i> proceda dessa forma porque seu leitor já esteja habituado ao termo e não haja necessidade de alertá-lo por meio das aspas.

	casa dos 20%, no máximo 25%.	mesmo tempo uma glosa , cujo escopo é o termo <i>remediados</i> .		
36. 12/11/12	[...] Tiririca está entre os 18 deputados mais certinhos. Na campanha de 2010, ele brincava dizendo que " pior do que está não fica ".	Evidenciar a presença do discurso de outro enunciador, não-coincidência 3 . O outro enunciador é <i>Tiririca</i> . A função é a mesma na <i>Folha</i> .	[...] Francisco Everardo Oliveira Silva, o Tiririca, tornou famoso o bordão " pior do que está não fica " [...] Em 2010, Tiririca brincava na campanha: " O que é que faz um deputado? Na realidade, eu não sei. Mas vote em mim que eu te conto ".	Os dois editoriais trazem um termo aspeado em comum, numa mesma situação comunicativa. O termo que é aspeado na <i>Folha</i> não tem equivalente no <i>Agora</i> .
37. 19/11/12	O economista Gabriel Leal de Barros calcula que o país deixará de enriquecer R\$ 173 bilhões neste ano por causa dos feriados. E olhe que nessa conta nem entram as " pontes ".	Evidenciar, nos dois editoriais, a presença do discurso de outro enunciador, não-coincidência 3 . O outro enunciador é o <i>economista Gabriel Leal de Barros</i> . A função é a mesma nos termos aspeados correspondentes da <i>Folha</i> .	[...] nessa conta não estão consideradas as " pontes " [...] O Brasil deveria [...] começar pela supressão de alguns pontos facultativos que elevam a lista de " feriados " federais [...] A vantagem, além de derrubar as " pontes ", é que não haveria diferença, entre um ano e outro, no total de dias de labuta e de descanso [...]	Os dois editoriais trazem um termo aspeado em comum (aparece duas vezes na <i>Folha</i>) numa mesma situação comunicativa. O outro termo aspeado na <i>Folha</i> apresenta formulação equivalente no <i>Agora</i> (sem o uso das aspas): <i>O Brasil deveria seguir esse caminho. Vários dos pontos facultativos poderiam acabar. Assim não haveria tanta diferença entre um ano e outro.</i>
38. 21/11/12	Segundo reportagem do jornal " Folha de S. Paulo ", as matrículas na rede pública caíram 14% de 2001 a 2012.	Indicar a presença do discurso de outro enunciador, o que revela a não-coincidência 3 . A outra fonte enunciativa é a " <i>Folha de S. Paulo</i> ". A função é a mesma na <i>Folha</i> .	" Se você acha que a educação é cara, experimente a ignorância. " Frequentemente atribuída a Derek Bok, ex-reitor da Universidade de Harvard, a frase resume com precisão a ideia de que dinheiro aplicado em escolas não é despesa, mas investimento.	Os termos aspeados são diferentes. A expressão aspeada no <i>Agora</i> encontra equivalente na <i>Folha</i> : Levantamento desta Folha [...] mostra que, de 2001 a 2012, as matrículas na rede pública caíram 14% [...]
39.	Quem se safou das	Indicar a presença de	O caso de Jefferson, em	A <i>Folha</i> , numa mesma

30/11/12	grades foi o ex-deputado Roberto Jefferson, do PTB [...] ele denunciou o esquema do mensalão, numa entrevista ao jornal " Folha de S. Paulo ", em 2005.	discurso alheio, não-coincidência 3 . A outra fonte enunciativa é a <i>Folha de S. Paulo</i> .	particular, causou alguma estranheza. [...] Sua pena foi abrandada porque [...] revelou o mensalão [...] foi dele a primeira entrevista à jornalista Renata Lo Prete, publicada pela Folha em junho de 2005.	situação comunicativa, não traz o termo aspeado, mas traz uma formulação equivalente por meio do discurso indireto.
40. 3/12/12	E, mais triste ainda, encontrar quem ponha à venda algo que não é " mercadoria " [...]	Dupla função: marcam um discurso alheio, conforme a não-coincidência 3 . A outra fonte enunciativa é <i>indeterminada</i> ; indicam um tom irônico (não-coincidência 4) reforçado pela negação.	[...] a estudante Rebeca Ribeiro [...] oferece em termos singelos a sua primeira noite. " Quem der mais, leva...tipo assim, né ", recita a jovem [...]	Os termos aspeados não são os mesmos, mas a formulação aspeada da <i>Folha</i> (por meio do discurso direto) remete à mesma situação relatada no <i>Agora</i> , com eficiência comunicativa.
41. 7/12/12	[...] Niemeyer dizia: " Minha arquitetura não aceita regras ".	Evidenciar a presença do discurso de outro enunciador, que revela a não-coincidência 3 . A outra fonte enunciativa é <i>Niemeyer</i> .	[...] o nome de Niemeyer parece refletir esta esperança: a de que a matéria, rígida e muda, possa dobrar-se, fácil, aos desígnios do homem .	Os termos aspeados são diferentes em situações comunicativas diferentes. Há uma formulação similar e aproximativa no editorial da <i>Folha</i> .
42. 10/12/12	Ricardo Lewandowski sugeriu modificações no cálculo das multas [...] Seria uma maneira de evitar o " achismo " de cada juiz [...]	Indicar a presença do discurso de outro enunciador, não-coincidência 3 . A outra fonte enunciativa é <i>Ricardo Lewandowski</i> .	Foi do revisor Ricardo Lewandowski a iniciativa de propor um critério objetivo para o cálculo das penas pecuniárias [...] Seria uma maneira de evitar que o puro arbítrio punitivo prevalecesse nas decisões dos magistrados.	Os termos aspeados não são os mesmos. Entretanto, a <i>Folha</i> traz uma formulação do termo aspeado usado no <i>Agora</i> , que atinge plenamente o mesmo objetivo comunicacional, porém, com uma expressão mais requintada.
43.	Em depoimento às autoridades,	Indicar a presença do discurso de outros	[...] acusações do empresário Marcos Valério Fernandes de	Os dois editoriais trazem um termo

12/12/12	revelado ontem pelo jornal " O Estado de S. Paulo ", Marcos Valério envolveu [...] o ex-presidente Lula em sérias irregularidades [...]	enunciadores, não-coincidência 3 . Há outras fontes enunciativas: " O Estado de S. Paulo ", <i>autoridades e Marcos Valério</i> . A função é a mesma no editorial da <i>Folha</i> .	Souza [...] divulgadas na edição de ontem do jornal " O Estado de S. Paulo "; [...] Segundo o empresário, recursos do mensalão foram canalizados para pagar despesas pessoais do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva. [...] o petismo recorria de novo à ideia de que tudo se trata apenas de "campanha política".	aspeado em comum, numa mesma situação comunicativa. O outro termo aspeado na <i>Folha</i> não tem equivalente no <i>Agora</i> .
44. 15/12/12	Durante as eleições deste ano, Fernando Haddad, do PT, disse [...] que era o " homem novo ".	Indicar a presença do discurso de outro enunciador, não-coincidência 3 . A outra fonte enunciativa é o discurso do <i>marketing político-eleitoral</i> . A função é a mesma nos dois editoriais.	Para quem se apresentou [...] como " homem novo "[...] Fernando Haddad (PT), ficou aquém da expectativa [...]; Haddad [...] criou um "núcleo duro" [...] tais "secretarias-meio" [...] podem emperrar a administração.	Os dois editoriais trazem um termo aspeado em comum, numa mesma situação comunicativa. Os demais termos aspeados na <i>Folha</i> não têm equivalentes no <i>Agora</i> .
45. 21/12/12	Ao longo da história, já surgiram muitas profecias sobre o fim do mundo. [...] Quem não se lembra do " bug do milênio " [...] ? [...] Pois nada aconteceu.	Indicar a presença do discurso de outros enunciadores, o que revela a não-coincidência 3 . As outras fontes enunciativas são: o <i>discurso de outro idioma (inglês) e indeterminada, um enunciador genérico</i> .	Fantasia sobre a " chegada do milênio " [...] trazem ideias de redenção, de passagens para estádios superiores.	Há uma expressão aspeada na <i>Folha</i> que corresponde (de forma aproximativa) à situação comunicativa relatada no <i>Agora</i> . Há, ainda, uma outra expressão aspeada na <i>Folha</i> sem referência no editorial do <i>Agora</i> .
46. 23/12/12	[...] a maioria das coletivas foi do tipo apelidado de " quebra-queixo ", aquelas conversas tumultuadas em que os jornalistas	Indicar a presença do discurso de outro enunciador, não-coincidência 3 . O outro enunciador é o discurso proveniente do <i>jargão jornalístico</i> .	Excluídos os chamados "quebra-queixos" [...] são ainda mais raros os casos em que a presidente esteve disponível [...] o próprio desempenho dos jornalistas [...] padece com a falta de	Os dois editoriais trazem um termo aspeado em comum, numa mesma situação comunicativa. O outro termo aspeado na <i>Folha</i> não tem

	cercam Dilma quando ela chega ou sai de algum evento.	Há "triplicidade" metaenunciativa porque o termo aspeado vem precedido pela glosa do tipo apelidado de, e sucedido pela glosa aqueles conversas tumultuadas [...] O termo aspeado e a função das aspas são coincidentes nos dois editoriais.	prática [...] quando "convidados" [...] a entrevistar os ocupantes do Planalto.	correspondente no <i>Agora</i> .
--	---	--	---	----------------------------------

Síntese analítico-interpretativa - Nos 46 casos de uso de aspas do *Agora*, em todos eles, revelou-se a função metaenunciativa da não-coincidência do discurso consigo mesmo (não coincidência 3), ou seja, as aspas indicam que o termo aspeado tem outra fonte enunciativa. Em quatro desses casos, os usos metaenunciativos das aspas acumulam a função da não-coincidência das palavras consigo mesmas (não-coincidência 4), que geralmente indicam uso de tom irônico ou que o termo está sendo usado num sentido ampliado. Exemplos:

Exemplo 1 (não-coincidência das palavras consigo mesmas)

Pela 15ª vez neste ano aconteceu uma paralisação na rede de trens metropolitanos da capital [...] O problema é que esse "**tsunami**" de novos usuários sobrecarrega o sistema [...]

Nesse exemplo, as aspas, além de indicar que o enunciado é de outro enunciador, o que caracteriza a não-coincidência do discurso consigo mesmo (não-coincidência 3), indicam, também, que o termo foi usado numa espécie de ampliação de sentido, pois o termo tem, como primeira acepção, significar tempestade marinha, e no exemplo acima é usado como sinônimo de grande quantidade, ou seja, fora de seu padrão de uso. Este uso fora do padrão, que sugere uma ampliação de sentido, é característico da não-coincidência das palavras consigo mesmas (não-coincidência 4), tendo em vista que, naquele momento específico do exemplo, posta entre aspas, a palavra tsunami não significa tempestade marinha, mas sim, uma grande quantidade, um aglomerado, uma tempestade de pessoas e, portanto, não há coincidência da palavra consigo mesma.

Exemplo 2: (não-coincidência das palavras consigo mesmas)

O Secovi, sindicato que representa os principais grupos da construção civil, manifestou seu "**estarrecimento**" diante das acusações. Certo.

Nesse exemplo temos um caso de ironia, ou seja, a palavra posta entre aspas não significa, naquele momento enunciativo específico, o que ela significaria normalmente num outro contexto em que seria aplicada no seu "real sentido", mas sim o seu contrário. As aspas atribuem um ar de dúvida ao sentido aplicado à palavra, é como se elas dissessem algo do tipo: Como alguém pode ficar estarrecido diante de situações tão corriqueiras? É nesse sentido que não há coincidência da palavra consigo mesma.

Houve, ainda de forma cumulativa, um caso de ocorrência da não-coincidência entre as palavras e as coisas (não-coincidência 2), que ocorre quando um termo é empregado por aproximação denominativa, ou seja, para designar um termo para o qual não se encontra outro melhor e mais preciso, o que revela a busca por um termo mais próximo do que se quer dizer. Segue o exemplo :

José Serra, do PSDB, promete **uma espécie de "aerotrem"**, o monotrilha
[...]

A expressão metaenunciativa *uma espécie de*, que é uma glosa, revela que a palavra usada entre aspas não é exatamente a mais apropriada para o caso, mas que houve uma tentativa de se chegar ao termo mais próximo do que se quer significar.

Momento 4 - *Num quarto momento*, confrontamos os editoriais do *Agora*, com duas ou mais ocorrências de aspas - que são em número de 28 - com os editoriais correspondentes da *Folha* com qualquer número de ocorrências de aspas.

Observamos nessa análise:

- se as formas aspeadas no *Agora* são também aspeadas no editorial da *Folha*;
- qual é a função das aspas no editorial do *Agora* e se essa função coincide ou não com a do uso das aspas no editorial da *Folha*, conforme quadro:

<u>Ordem</u> <u>Data</u>	<u>Editorial <i>Agora</i></u>	<u>Função</u> <u>metaenunciativa</u> <u>aspas <i>Agora</i>/<i>Folha</i></u>	<u>Editorial <i>Folha</i></u>	<u>Análise e comentários</u>
1. 3/1/12	Indagado pelos repórteres sobre que nota daria, de zero a dez, à implosão, o prefeito Kassab não vacilou: " Nota dez ". [...] A um ano do término do seu mandato, Kassab já deu nota dez, " com louvor ", a sua administração. [...] Das 223 metas, apenas 60 foram cumpridas, enquanto 160 se encontram " em andamento ".	Nos três usos há dupla função: dar voz ao discurso de outro enunciador, não-coincidência 3 ; ironizar um enunciado, não-coincidência 4 . A outra fonte enunciativa é <i>Kassab</i> .	[...] Mas o prefeito Gilberto Kassab deu um retoque particular e oficial ao acontecimento. Indagado sobre que nota daria à implosão, não hesitou: " Nota dez ". [...] A prefeitura dispõe de um plano de metas, a " Agenda 2012 ", que agora pode começar a ser confrontado com a realidade. [...] Das 223 metas, apenas 60 foram cumpridas, enquanto 160 se encontram " em andamento ".	Das três formas aspeadas no <i>Agora</i> , duas aparecem igualmente aspeadas e com a mesma função na <i>Folha</i> . A outra não tem referência na <i>Folha</i> .
2. 21/1/12	O prefeito Gilberto Kassab, por exemplo. Foi ligado ao Pitta, [...] Filiado ao DEM, criou um novo partido, o PSD. É a favor de quê? Difícil saber. Segundo ele, a sigla não vai ser " nem de oposição nem de situação ". Só faltou acrescentar: " Muito pelo contrário ". [...] Se isso acontecer, o que os petistas que viviam malhando Kassab vão dizer? " Hã, mudamos de ideia, na verdade ele era um cara legal "...?	Nos três usos há dupla função: dar voz aos discursos de outros enunciadores, não-coincidência 3 ; e ironizar o enunciado, não-coincidência 4 . As outras fontes enunciativas são: o <i>prefeito Gilberto Kassab</i> e os <i>petistas</i> .	O PSD do prefeito Gilberto Kassab, fundamentado no peculiar princípio de não ser " nem de oposição nem de situação ", dá passos de balé [...] O prefeiturável petista Fernando Haddad avaliou como "muito novo e precário" o movimento de aproximação entre o seu partido e o de Kassab [...] Os escrúpulos não duraram muito, ao que tudo indica. "O PSD já é base do governo Dilma", ressalvou um vereador. [...] "A decisão será tomada em Brasília ou	Dos três segmentos aspeados somente um se repete na <i>Folha</i> com a mesma função. Não há referência na <i>Folha</i> para os outros dois termos aspeados no <i>Agora</i> .

			em São Bernardo”, resumiu o líder do PT na Câmara Municipal [...]	
3. 3/2/12	O ministro que entra não foi escolhido por ser o melhor [...] mas porque pertence ao PP. É o sistema que ficou conhecido como "loteamento" do governo. [...] Os partidos que apoiam a presidente Dilma no Congresso ganham de presente este ou aquele ministério. Passam a ser "donos" daquele orçamento [...]	No primeiro uso: dar voz ao discurso de outro enunciador, não-coincidência 3 ; no segundo uso há dupla função: além da não-coincidência 3 , há uma busca de aproximação lexical de um termo, não-coincidência 2 . A outra fonte enunciativa é <i>indeterminada</i> . Há duplicidade metaenunciativa porque o termo aspeado é precedido pela glosa <i>ficou conhecido como</i> .	Veio em seguida o caso de um suposto "mensalinho" de R\$ 30 mil, a ser pago a cada um dos deputados [...] Continua sendo obedecido o insólito sistema de "especialização" que concede a cada partido da base o domínio [...]	As formas aspeadas no <i>Agora</i> não aparecem na <i>Folha</i> . Entretanto, há uma expressão aspeada na <i>Folha</i> "especialização" que corresponde, de uma forma aproximativa, ao termo aspeado "loteamento" no <i>Agora</i> .
4. 21/2/12	"Brasil burocrático" , uma série de reportagens que a "Folha de S. Paulo" vem publicando sobre o assunto, já abordou outros absurdos, além do martírio para abrir empresas. [...] problemas já resolvidos voltam a assustar o contribuinte, mesmo depois da primeira certidão com o "nada consta"	Indicar a presença do discurso de outro enunciador, não-coincidência 3 . As outras fontes enunciativas são: a "Folha de S. Paulo" (série de reportagens "Brasil burocrático") e <i>indeterminada</i> , <i>enunciador genérico</i> .	Pesquisa do Banco Mundial, [...] coloca São Paulo [...] no 179º lugar do "ranking" internacional das dificuldades nesse quesito [...] "Brasil burocrático" , série de reportagens que a Folha vem publicando sobre o assunto [...]	Há um termo aspeado em comum, com a mesma função. As outras duas expressões aspeadas no <i>Agora</i> , não aparecem na <i>Folha</i> ..

5. 24/2/12	Basta dizer que há inquéritos que não identificam os autores e outros em que os suspeitos são identificados só como " Yara de Tal ", ou " Zé Gordo ".	Dupla função: Nos dois usos as aspas indicam: busca dos termos mais adequados à situação comunicativa, nos termos da não-coincidência 2 ; e evidenciam a presença de discursos alheios, conforme a não-coincidência 3 . A outra fonte enunciativa é oriunda do <i>jargão policial</i> .	Basta dizer que há inquéritos sem menção a autores e testemunhas, além de suspeitos toscamente identificados como " Yara de Tal " ou, simplesmente, " Zé Gordo ".	Os termos aspeados são os mesmos, nas mesmas situações comunicativas e com as mesmas funções nos dois editoriais.
6. 28/2/12	A " Folha de S. Paulo " publicou no domingo um caderno especial que revelou detalhes sobre uma realidade conhecida de todos: processos judiciais contra políticos não andam. [...] Há quem considere que a demora é culpa do chamado " foro privilegiado ", que a Constituição prevê para algumas autoridades.	Indicar a presença do discurso de outros enunciadores, não-coincidência 3 . Os outros enunciadores são a <i>Folha de S. Paulo</i> e o <i>jargão jurídico</i> .	[...] ministros do STF declaram-se assoberbados para justificar a vagarosidade. [...] a proposta do ministro Celso de Mello - interpretar a norma constitucional de forma mais restrita, reservando o julgamento em instância superior aos " delitos cometidos em razão do ofício " - poderia representar um alívio.	Há uma expressão aspeada no <i>Agora</i> (" foro privilegiado ") que aparece configurada na <i>Folha</i> como " delitos cometidos em razão do ofício ". Não são exatamente as mesmas expressões, mas têm a mesma função e efeito comunicativo porque são sinônimos do <i>jargão jurídico</i> . A outra expressão do <i>Agora</i> não é aspeada na <i>Folha</i> ..
7. 29/3/12	Em poucos dias, o Brasil perdeu dois gênios do humor: Chico Anísio e Millôr Fernandes. O primeiro foi o mestre inesquecível da criação de tipos engraçados. [...] Nessa grande galeria, apareceram o malandro carioca, [...] o	Indicar a presença do discurso de outros enunciadores, não-coincidência 3 . Os outros enunciadores são <i>indeterminados</i> .	Não importa muito, no fim das contas, o caráter " erudito " ou " popular " que a obra de Millôr Fernandes ou de Chico Anysio ostentou em primeiro plano; [...]	Os editoriais trazem dois termos aspeados em comum, com as mesmas funções, e na mesma situação comunicativa. O outro termo aspeado no <i>Agora</i> não tem correspondente no editorial da <i>Folha</i> .

	<p>gay que dizia que era "hétero", [...] Millôr Fernandes, por sua vez, além do humor, dedicou-se a outras atividades, como escrever e traduzir peças teatrais. [...] Não importa muito, no fim das contas, o caráter "erudito" ou "popular" da obra de cada um.</p>			
8. 2/4/12	<p>O papa Bento 16 fez uma visita histórica a Cuba. Seu encontro com o ditador cubano Raúl Castro foi uma espécie de "acordo de conveniência" entre os dois. [...] Raúl também mostraria, recebendo o papa em Cuba, que não vai mais proibir as pessoas de ter religião. É como se dissesse: "Não sou tão ditador".</p>	<p>No primeiro uso, além do discurso alheio, não-coincidência 3, há uma busca lexical para definição de termo, característica da não-coincidência 2; no segundo uso, além de não-coincidência 3, há uma indicação de ironia, que aponta para a não-coincidência 4. As outras fontes enunciativas são: indeterminada e enunciador do editorial. No caso da primeira expressão aspeada há duplicidade metaenunciativa porque é precedida pela glosa uma espécie de ["acordo de conveniência"].</p>	<p>O pragmático Raúl Castro comanda reformas "chinesas" em seu país [...] Parece ainda distante o dia em que Cuba, como Bento 16 disse desejar em seu discurso de despedida, venha a ser "a casa de todos e para todos os cubanos, onde convivam a justiça e a liberdade".</p>	<p>Os termos aspeados não são os mesmos, se apresentam em diferentes situações comunicativas, e não há correspondência de um editorial no outro.</p>

9. 7/4/12	Parece brincadeira. Mas quem quiser ser gari, na cidade paranaense de Cambé, tem de se preparar um bocado. [...] Ninguém imaginava que, para ser gari, fosse necessário saber qual a frase preferida da personagem Valéria, do programa " Zorra Total "[...] Os técnicos devem ter quebrado a cabeça para imaginar que tipo de coisa " até um gari " tem de saber. [...] Fica a sensação de que a ideia foi fazer perguntas " burras " o bastante para que " até um gari " soubesse a resposta. Então escolheram assuntos como Michel Teló e " Zorra Total ".	Todas expressões aspeadas retratam discursos alheios, revelando a não-coincidência 3 ; além dessa não-coincidência, as expressões " até um gari " (duas vezes) e " burras " apontam para ironia, não-coincidência 4 . As outras fontes enunciativas são: o programa " Zorra Total " e um <i>enunciador indeterminado que fala por meio do enunciador do editorial</i> .	Seria preciso saber, por exemplo, que frase tornou famosa a personagem Valéria, do programa " Zorra Total ". " Ai, como sou bandida! " era a resposta correta. [...] nenhum gari será melhor ou pior se conhecer ou não os personagens de " Zorra Total ".	Os editoriais trazem a expressão aspeada " Zorra Total ", duas vezes em cada um, com as mesmas funções e nas mesmas situações comunicativas. As outras expressões aspeadas no <i>Agora</i> não têm correspondência na <i>Folha</i> .
10. 17/4/12	A tuberculose é uma doença que sempre deu medo na humanidade. Basta olhar o dicionário para ver que ela ganhou vários apelidos pesados, como ' doença ruim ', ' mal dos peitos ' e até ' peste branca '.	Indicar a presença do discurso de outro enunciador, não-coincidência 3 . As outras fontes enunciativas são: <i>indeterminada e dicionário</i> .	Consumpção, delicada, doença ruim , febre hética, fímia, fininha, magra, mal de secar, mal dos peitos , moléstia-magra, seca, tibia, tísica, peste branca ...A profusão de sinônimos nos dicionários [...]	Há três termos aspeados no <i>Agora</i> que aparecem na <i>Folha</i> , sem aspas, em formulações que indicam as mesmas situações comunicativas.
11. 31/5/12	" Foi um erro ", disse Demóstenes no Conselho de Ética do Senado [...] " Joguei verde com ele ", explicou Demóstenes.	Indicar a presença do discurso de outro enunciador, não-coincidência 3 . O outro enunciador é <i>Demóstenes</i> .	O senador recebeu do acusado [...] um rádio-telefone [...] " Hoje é fácil verificar que foi um erro ", argumentou Demóstenes. "Mas não é	Os editoriais trazem um mesmo termo, com a mesma função, e na mesma situação comunicativa. O outro termo do <i>Agora</i> não

			crime receber o rádio."	encontra referente na <i>Folha</i> .
12. 25/6/12	De segunda a sexta, às 19h, um ritual se repete em todo o país desde 1935. Quem está com o rádio ligado ouve o programa " A Voz do Brasil "[...] Bem na hora em que quem está no carro quer saber do trânsito, " A Voz do Brasil " aparece com o blá blá blá [...] A Câmara dos Deputados diz que vai votar um projeto de lei para dar alguma liberdade às rádios [...] Elas poderiam colocar " A Voz do Brasil " no ar em qualquer momento entre as 19h e 22h.	Indicar a presença do discurso de outro enunciador, não-coincidência 3 . A outra fonte enunciativa é " A voz do Brasil ".	O Brasil carrega em seu DNA institucional várias pequenas heranças de origem fascista. [...] Nenhuma, porém, se iguala ao programa radiofônico " A Voz do Brasil " [...] " A Voz do Brasil " presta um desserviço público [...] É, portanto, uma boa notícia a de que a Câmara deverá colocar em votação um projeto de lei que flexibiliza os horários de exibição de " A Voz do Brasil ".	Os editoriais trazem, três vezes cada, o mesmo termo aspeado, com as mesmas funções, e nas mesmas situações comunicativas.
13. 29/7/12	Passaram-se sete anos desde que o então deputado Roberto Jefferson denunciou o esquema numa entrevista à " Folha de S. Paulo ". [...] Lula chegou a pedir desculpas, na época, pelas " práticas inaceitáveis " de seu partido.	Indicar a presença do discurso de outro enunciador, não-coincidência 3 . As outras fontes enunciativas são: o <i>deputado Roberto Jefferson, "Folha de S. Paulo"</i> e <i>Lula</i> .	[...] nesta Folha o ex-presidente afirmou que se sentia " traído por práticas inaceitáveis ".	Os editoriais trazem um mesmo termo, com a mesma função, e na mesma situação comunicativa. O outro termo do <i>Agora</i> não é aspeado na <i>Folha</i> .
14. 31/7/12	Todo mundo sabe que o Brasil é famoso, entre outras coisas, por ter leis que não " pegam ".[...] Segundo reportagem do jornal " Folha de S. Paulo ",	A função das aspas é indicar a presença do discurso de outros enunciadores, não-coincidência 3 . Os outros enunciadores são <i>indeterminado</i> e	A Lei de Acesso à Informação ainda não "pegou" nos Estados.	Os editoriais trazem um mesmo termo, com a mesma função. O outro termo do <i>Agora</i> não tem correspondente na <i>Folha</i> .

	nenhuma Assembleia Legislativa cumpre a lei. Um absurdo.	"Folha.de S. Paulo" .		
15. 3/8/12	A ação dos governantes na região conhecida como cracolândia, no centro de São Paulo, tem sido um fracasso. [...] Uma pesquisa da Universidade Federal de São Paulo confirmou essa impressão. [...] Esse resultado era previsível. Uma situação tão complicada não poderia ser resolvida só com policiais tocando os "noias" de lá para cá. A "procissão do crack" não é uma solução. [...] É claro que os direitos dos "noias" precisam ser respeitados.	Indicar a presença do discurso de outro enunciador, o que revela a não-coincidência 3.O outro enunciador é a <i>Universidade Federal de São Paulo</i> .	[...] a Polícia Militar [...] Não pode abusar da força, colocar os abordados em situação vexatória ou degradante nem obrigá-los a deixar o local [...] O Estado também tem o dever de oferecer tratamento aos viciados .	Os termos aspeados no <i>Agora</i> não são aspeados na <i>Folha</i> . O termo "noias" do <i>Agora</i> encontra como correspondentes, na <i>Folha</i> , sinônimos como: <i>abordados</i> , <i>viciados</i> e <i>dependentes</i> .
16. 1/9/12	O presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Ayres Britto, disse que nenhum juiz condena por prazer. Fica na boca, disse ele, "um gosto de jiló, de mandioca-roxa, de berinjé cru" . [...] Vale notar que muita gente ansiosa por "derramamento de sangue" , e que considera o processo legal pura enrolação [...]	A função das aspas é indicar a presença do discurso de outros enunciadores, não-coincidência 3 . Os outros enunciadores são : <i>o presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Carlos Ayres Britto, e um enunciador genérico, indeterminado..</i>	Sem passagem correspondente.	Sem avaliação.

17. 3/9/12	O jornal " Folha de S. Paulo " traz hoje um caderno pioneiro e útil para quem sonha com o diploma de ensino superior: o " Ranking Universitário Folha ".	Indicar a presença do discurso de outro enunciador, não-coincidência 3 . A outra fonte enunciativa é o jornal " Folha de S. Paulo ".	Circula hoje com esta edição um caderno especial com o pioneiro Ranking Universitário Folha (RUF) .	A <i>Folha</i> traz o mesmo termo no mesmo contexto comunicativo, porém, sem aspeá-lo.
18. 14/9/12	O mais famoso autor de livros para crianças do Brasil, Monteiro Lobato (1882-1948), se estivesse vivo, não ia gostar do que aprontaram para ele. Estão querendo tirar das salas de aula um de seus maiores clássicos, " Caçadas de Pedrinho ". A acusação contra o livro é de racismo. De fato, a obra se refere à Tia Nastácia como " macaca de carvão ".	Indicar a presença do discurso de outro enunciador, não-coincidência 3 . A outra fonte enunciativa é o <i>livro</i> , " Caçadas de Pedrinho ", de <i>Monteiro Lobato</i> .	Constitui evidente exagero, [...] que a polêmica sobre o livro " Caçadas de Pedrinho " [...] necessite da intervenção do STF [...] " Caçadas de Pedrinho " continua a circular livremente. [...] Monteiro Lobato [...] Num trecho de sua obra adulta chegou a referir-se à presença de uma "pretalhada inextinguível" [...] Comparando Nastácia a uma " macaca de carvão " [...] " Caçadas de Pedrinho " desperta conotações racistas [...] ainda se reivindicam "medidas concretas" para que os professores da rede pública sejam devidamente preparados para tratar de " Caçadas de Pedrinho ".	Os termos aspeados no <i>Agora</i> se encontram aspeados, também, na <i>Folha</i> com as mesmas funções e nas mesmas situações comunicativas.
19. 18/9/12	[...] tem gente falando em " guerra santa "[...]; Marcos Pereira [...] O chefe do partido [...] tinha insinuado em seu blog que a Igreja	A função das aspas é indicar a presença do discurso de outro enunciador, não-coincidência 3 . A outra fonte	De que outra maneira se deveria qualificar a iniciativa "sui generis" da Arquidiocese de São Paulo [...] ? [...] Pereira atribuía ao "Vaticano"	Há um termo aspeado na mesma situação comunicativa e com a mesma função nos dois editoriais. O outro termo aspeado do <i>Agora</i> não

	<p>Católica estava por trás do famoso "kit gay". [...]. Há dois problemas nessa história toda. O primeiro é que a Igreja Católica também foi contra o "kit gay".</p>	<p>enunciativa é <i>indeterminada</i> pelo discurso de um <i>enunciador genérico</i>. Há duplicidade metaenunciativa pela combinação da glosa <i>famoso ["kit gay"]</i>.</p>	<p>influência no famigerado "kit gay" [...]</p>	<p>tem correspondente na <i>Folha</i>.</p>
20. 19/9/12	<p>[...] foram os escolhidos pela Fifa como as três possibilidades para batizar o tatu-bola que será a mascote da Copa de 2014. [...] O mais estranho dos apelidos, Amijubi, foi proposto porque junta as palavras "amizade" e "júbilo", além de "juba", [...] "amarelo" na língua tupi. Fuleco une "futebol" e "ecologia", e Zuzeco combina "azul" com "ecologia".</p>	<p>A função das aspas é indicar a presença do discurso de outro enunciador, não-coincidência 3. O outro enunciador é a <i>Fifa</i>.</p>	<p>Menos justificáveis são os nomes propostos para a mascote. [...] mijubi porque "juba" significa "amarelo" em tupi e porque se compõe das palavras "amizade" e "júbilo". Zuzeco porque combina "azul" e "ecologia". "Ecologia", novamente, mas aqui ao lado de "futebol", aparece em "Fuleco".</p>	<p>Os termos aspeados são os mesmos, nas mesmas situações comunicativas, e com as mesmas funções nos dois editoriais.</p>
21. 1/10/12	<p>Já está ficando desagradável. O cidadão resolve dar uma olhada na transmissão do julgamento do mensalão pela TV e topa com os ministros do Supremo Tribunal Federal batendo boca. Não chega perto da novela "Avenida Brasil", mas não deixa de pegar mal. [...] O palavreado dos ministros também é caprichado: "data</p>	<p>Indicar a presença do discurso de outros enunciadores, o que revela a não-coincidência 3. As outras fontes enunciativas são: <i>indeterminada</i> e <i>discurso de outro idioma (latim)</i> aplicado ao discurso jurídico.</p>	<p>Sem passagem correspondente.</p>	<p>Sem avaliação.</p>

	venia", "despiciendo" e por aí vai.			
22. 11/10/12	O escândalo estourou com uma entrevista do então deputado federal Roberto Jefferson (PTB) à " Folha de S. Paulo ", em 2005. Inimigo de Dirceu, Jefferson denunciou a existência de " mesadas " para parlamentares.	Indicar a presença do discurso de outros enunciadores, o que revela a não-coincidência 3 . Os outros enunciadores são: <i>Roberto Jefferson</i> e a " Folha de S. Paulo ".	Desde 2005, quando o presidente do PTB, Roberto Jefferson, denunciou nesta Folha a existência do mensalão [...]	A <i>Folha</i> traz em seu editorial termos aproximados, sem aspas, mas que resolvem as situações comunicativas com eficiência.
23. 16/10/12	Em nome do combate às injustiças contra brasileiros negros (" pretos " e " pardos ", segundo o IBGE), porém, o governo federal está estudando algo nessa linha. A notícia saiu domingo na " Folha de S. Paulo " e no <i>Agora</i> :	Indicar a presença do discurso de outros enunciadores, o que revela a não-coincidência 3 . As outras fontes enunciativas são a " Folha de S. Paulo " e o <i>Agora</i> .	[...] é a reserva de 30% dos postos na administração federal para negros (categoria inexistente para o IBGE, que recenseia " pretos " e " pardos ").	Há dois termos aspeados, que são os mesmos, nas mesmas situações comunicativas, e com as mesmas funções nos dois editoriais. O <i>Agora</i> traz um termo que aparece no editorial da <i>Folha</i> , mas sem aspas.
24. 18/10/12	" A pergunta é simples ", diz o advogado da família. " Essa pessoa seria morta se não fosse policial? Não. "	Evidenciar a presença do discurso de outro enunciador, o que revela a não-coincidência 3 . O outro enunciador é o <i>advogado da família</i> .	" Teriam sido assassinados se não fossem policiais? " [...] argumentação do advogado Fernando Capano [...]	Há uma expressão aspeada coincidente, de forma bem próxima, nos dois editoriais, na mesma situação comunicativa e com as mesmas funções. O <i>Agora</i> traz um termo não aspeado na <i>Folha</i> .
25. 31/10/12	O petista Fernando Haddad [...] Já disse que terá " bom entendimento " com o atual prefeito [...] Kassab retribuiu anunciando " apoio incondicional " a Haddad.	Indicar a presença do discurso de outros enunciadores, o que revela a não-coincidência 3 . Os outros enunciadores são: <i>o petista Fernando Haddad e Kassab</i> .	[...] o prefeito eleito [...] Previu " bom entendimento " com o atual mandatário [...] Kassab anunciou " apoio incondicional " a Haddad [...]	Os dois termos aspeados no <i>Agora</i> , estão também aspeados na <i>Folha</i> , com as mesmas funções e na mesma situação comunicativa.
26.	[...] documento lançado pelo prefeito Gilberto	Evidenciar a presença do discurso de outro	O lançamento pelo prefeito Gilberto Kassab	Os dois termos aspeados no <i>Agora</i> , estão também

18/11/12	Kassab (PSD) [...] o plano se chama " SP 2040 - A Cidade que queremos "[...] O " SP 2040 " não entra em conflito com o Arco do Futuro [...]	enunciador, o que revela a não-coincidência 3 . O outro enunciador é o <i>prefeito Gilberto Kassab</i> .	do plano " SP 2040 - A Cidade que Queremos " [...]; " SP 2040 " tem potencial para se tornar mais que um exercício de futurologia [...]	aspeados, com as mesmas funções e na mesma situação comunicativa que na <i>Folha</i>
27. 25/12/12	[...] a presidente Dilma Rousseff (PT) continua com altíssimos índices de popularidade [...] Segundo pesquisa do Datafolha, ela mantém a proporção de " ótimo " e " bom " (62% dos entrevistados) que alcançava em agosto.	Indicar a presença do discurso de outro enunciador, o que revela a não-coincidência 3 . A outra fonte enunciativa é a <i>pesquisa do Datafolha</i> .	Mantiveram-se inalterados [...] os altos índices de aprovação popular ao governo Dilma Rousseff [...] Com 62% de entrevistados qualificando-o como " ótimo " ou " bom " [...]	Os dois termos aspeados no <i>Agora</i> , estão aspeados na mesma situação comunicativa na <i>Folha</i> , e com as mesmas funções.
28. 28/12/12	O balanço de Gilberto Kassab à frente da Prefeitura de São Paulo não é dos melhores. [...] Acabou com as " escolas de lata ", mas ainda deixa 10 mil alunos no " turno da fome ". [...] O atual prefeito refez as contas das metas à sua maneira. Para ele, levando em consideração os objetivos que foram alcançados em parte, o " índice de eficiência " de sua administração sobe para 81%. Nota 8.	Indicar a presença do discurso de outros enunciadores, o que revela a não-coincidência 3 . A outra fonte enunciativa é o balanço de <i>Gilberto Kassab</i> .	[...] Uma avaliação mais refinada ponderaria os percentuais de cumprimento de cada uma das 223 metas para extrair o que o prefeito chama de " índice de eficiência " - por ele fixado em 81% [...] A prefeitura não zerou o deficit de creches [...] Acabou com as " escolas de lata " e diminuiu a quantidade de alunos no " turno da fome " [...]	Os termos aspeados no <i>Agora</i> estão também aspeados, e na mesma situação comunicativa, com as mesmas funções que na <i>Folha</i> .

Síntese analítico-interpretativa - Nas 28 passagens do *Agora*, com ocorrências de aspas, todas (no total de 76 ocorrências, porque são ao menos duas ocorrências em cada passagem) tiveram a função metaenunciativa da não-coincidência do discurso consigo mesmo (não coincidência 3), que é aquela em que as aspas indicam que o termo aspeado tem outra fonte enunciativa. Em quatro

casos as aspas que indicam a função metaenunciativa da não-coincidência do discurso consigo mesmo (não coincidência 3) também indicam a função da não-coincidência das palavras consigo mesmas (não-coincidência 4), o que geralmente acontece em situações de ironia, como mostram estes exemplos:

Indagado pelos repórteres sobre que nota daria, de zero a dez, à implosão, o prefeito Kassab não vacilou: "**Nota dez**". [...] A um ano do término do seu mandato, Kassab já deu nota dez, "**com louvor**", a sua administração. [...] Das 223 metas, apenas 60 foram cumpridas, enquanto 160 se encontram "**em andamento**".

Nos exemplos acima, além da evidente presença do discurso de outra fonte enunciativa, o que caracteriza a não-coincidência do discurso consigo mesmo (não-coincidência 3), vislumbramos, ainda, casos de ironia, ou seja, as palavras postas entre aspas não significam, naqueles momentos enunciativos específicos, o que elas significariam num suposto “contexto real de sentido”, mas sim o seu contrário. As aspas atribuem um ar de dúvida no sentido aplicado às palavras. A situação dos exemplos é uma entrevista em que se pergunta ao prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab, que nota ele daria a uma implosão de um prédio (acompanhada por ele) em que, após o procedimento, parte do edifício continuou em pé. E o prefeito deu “**Nota Dez**”. O editorial relembra que o prefeito se autoatribuiu nota dez, “**com louvor**”, a sua administração, a qual estabeleceu 223 metas e, faltando um ano para o término de seu mandato, cumpriu apenas 60 delas, enquanto outras 160 se encontravam “**em andamento**”. Ou seja, o prédio que deveria ceder frente a uma implosão, continuou de pé; de 223 metas, só 60 foram cumpridas, e o restante encontra-se em “**em andamento**”, e, com todos esses empecilhos, o prefeito se dá uma “**Nota Dez**”, “**com louvor**”? Parece-nos claro que o editorial tem tom irônico.

Por fim, tivemos cumulativamente com a não-coincidência 3, três casos de ocorrência da não-coincidência entre as palavras e as coisas (não-coincidência 2), que se manifesta na busca pelo termo mais adequado à situação comunicativa, conforme registram estes exemplos:

[...] Os partidos que apoiam a presidente Dilma no Congresso ganham de presente este ou aquele ministério. Passam a ser "**donos**" daquele orçamento [...]

Basta dizer que há inquéritos que não identificam os autores e outros em que os suspeitos são identificados só como "Yara de Tal", ou "Zé Gordo"

Nos dois exemplos acima, além de haver a presença do enunciado de um outro enunciador, o que aponta para a não-coincidência do discurso consigo mesmo (não-coincidência 3), percebe-se que os termos usados não eram, exatamente, os mais apropriados para as situações comunicativas, de modo que, tentou-se uma solução lexical aproximativa. Ora, ninguém é "dono" de um orçamento, não se trata de um bem tangível que possa ser possuído, sendo que as aspas até poderiam ser substituídas, ou melhor, traduzidas, pela glosa **uma espécie de ["donos"]**, por exemplo, que o sentido da frase não seria alterado. O outro exemplo retrata uma situação muito comum em inquéritos policiais e autos de processos: quando não se sabe o nome correto do autor de algum delito, atribui-se a ele uma espécie de alcunha pela qual o sujeito possa ser minimamente identificado. Tal situação nos remete à busca do termo mais adequado à situação comunicativa, ou seja, não-coincidência entre as palavras e as coisas (não-coincidência 2).

Em síntese, a análise dos 28 segmentos mostrou que as palavras ou expressões aspeadas no *Agora* aparecem igualmente aspeadas nos editoriais correspondentes da *Folha*, tendo também as mesmas funções.

Alguns termos ou expressões aspeados no *Agora*, simplesmente não têm referência na *Folha*. Isto aconteceu em dois editoriais, apenas. Nos demais 26 editoriais houve desdobramentos discursivos, nos editoriais da *Folha*, correspondentes às situações aspeadas no *Agora*.

5.1.3. Síntese analítico-interpretativa geral

Analisamos ao todo, 266 editoriais, sendo 133 do *Agora* e 133 da *Folha de S. Paulo*. Para que esse trabalho fosse realizado de uma forma mais didática, dividimos os 133 editoriais do *Agora* - dos quais 74 continham termos ou expressões aspeadas, e 59 não tinham nenhuma ocorrência desse tipo - em cinco grupos representados em 5 quadros comparativos, nos quais foram dispostos dados como a data das edições (lembrando que as comparações foram feitas sempre com editoriais do mesmo dia que traziam os mesmos temas, permitindo assim, bom

parâmetro de comparação), fragmentos de contextos do editorial do *Agora*, fragmentos de contextos do editorial da *Folha* e um campo com comentários acerca das comparações.

No **primeiro quadro** comparamos 42 editoriais do *Agora*, sem nenhuma ocorrência de termos aspeados, com 42 editoriais da *Folha* (correspondentes à edição do mesmo dia que a do *Agora*) com qualquer quantidade de ocorrência de termos aspeados.

O resultado obtido nos revelou as seguintes constatações:

1. em 15 dos editoriais do *Agora* não havia nenhum tipo de reformulação que correspondesse aos termos aspeados nos editoriais da *Folha*;
2. em todos os 42 casos de usos de aspas da *Folha*, houve a função metaenunciativa da não-coincidência do discurso consigo mesmo (não coincidência 3), que indica a existência de uma fonte enunciativa alheia ao discurso;
3. ocorreram cumulativamente com a não-coincidência do discurso consigo mesmo, cinco casos de não-coincidência das palavras consigo mesmas (não-coincidência 4), que é aquela que se manifesta quando as aspas indicam que o termo é empregado numa ampliação de sentido, apontando para a acepção de um outro termo, muitas vezes com função irônica.

No **segundo quadro** comparamos 10 editoriais do *Agora*, sem nenhuma ocorrência de aspas, com 10 editoriais da *Folha*, com duas ocorrências de aspas em cada um.

O resultado obtido nos revelou as seguintes constatações:

1. em 7 dos editoriais do *Agora* não há nenhum tipo de correspondência - em termos de reformulação do enunciado aspeado - às expressões ou termos aspeados nos editoriais da *Folha*;
2. todas as 20 ocorrências de expressões ou termos aspeados (10 editoriais x 2 ocorrências em cada um = 20) apontaram existência da não-coincidência do discurso consigo mesmo (não-coincidência 3);

3. houve um caso em que, cumulativamente à não-coincidência 3, ocorreu, também, a função metaenunciativa da não-coincidência entre as palavras e as coisas (não-coincidência 2);

4. ainda, cumulativamente à não-coincidência 3, houve três ocorrências de função metaenunciativa da não coincidência das palavras consigo mesmas (não-coincidência 4).

No **terceiro quadro** comparamos os 7 editoriais restantes, sem aspas, do *Agora* com 7 editoriais da *Folha*, em que houvesse 3 ou mais ocorrências de expressões ou termos aspeados.

Os resultados obtidos foram os seguintes:

1. em um dos editoriais do *Agora* não havia nenhum tipo de reformulação que correspondesse aos termos aspeados nos editoriais da *Folha*;

2. das 26 ocorrências de expressões ou termos aspeados (lembremo-nos que cada um dos 7 editoriais apresentou ao menos 3 ocorrências de aspas, ou mais), em todas elas houve função metaenunciativa da não-coincidência do discurso consigo mesmo (não-coincidência 3);

3. em três situações, além da ocorrência da não-coincidência 3, houve, cumulativamente, ocorrência da não-coincidência das palavras consigo mesmas (não-coincidência 4).

No **quarto quadro** comparamos 46 casos de ocorrências de aspas dos editoriais do jornal *Agora São Paulo* – que tivessem uma ocorrência – com 46 editoriais do jornal *Folha de S. Paulo*, que tivessem qualquer quantidade de ocorrências de termos ou expressões aspeados.

Eis os resultados obtidos:

1. em um dos editoriais da *Folha* não houve nenhum tipo de reformulação que correspondesse ao termo aspeado no editorial do *Agora*;

2. na totalidade dos casos de uso de aspas - em termos ou expressões do *Agora*, em número de 46 ocorrências - houve a função metaenunciativa da não-coincidência do discurso consigo mesmo (não coincidência 3);
3. houve quatro casos em que a função metaenunciativa da não-coincidência do discurso consigo mesmo (não-coincidência 3), ocorreu concomitantemente à não-coincidência das palavras consigo mesmas (não-coincidência 4);
4. houve um caso de ocorrência da não-coincidência entre as palavras e as coisas (não-coincidência 2) - que ocorre quando um termo é empregado por aproximação denominativa – cumulativamente com a não-coincidência 3.

No **quinto quadro** comparamos os 28 editoriais restantes do *Agora* - com duas ou mais ocorrências de aspas, o que levou ao número de **76 ocorrências** – com editoriais da *Folha* com quaisquer quantidades de ocorrências de termos ou expressões aspeados.

Os resultados obtidos foram os seguintes:

1. em dois dos editoriais da *Folha* não houve nenhum tipo de reformulação que correspondesse ao termo aspeado no editorial do *Agora*;
2. nas 76 ocorrências de aspas, em todas elas, ocorreu a função metaenunciativa da não-coincidência do discurso consigo mesmo (não-coincidência 3);
3. houve quatro casos em que as aspas, além de indicar a função metaenunciativa da não-coincidência do discurso consigo mesmo (não-coincidência 3), também indicaram a função da não-coincidência das palavras consigo mesmas (não-coincidência 4);
4. houve, ainda, três casos de ocorrência da não-coincidência entre as palavras e as coisas (não-coincidência 2), cumulativamente com a função metaenunciativa da não-coincidência 3.

Do conjunto de 133 duplas de editoriais analisados (133 editoriais da *Folha* e 133 editoriais do *Agora*, da mesma edição e de temas coincidentes), em todos

editoriais que continham termos ou expressões aspeadas, houve ocorrências da não-coincidência do discurso consigo mesmo (não-coincidência 3), o que resultou em 210 ocorrências dessa categoria. A categoria da não-coincidência das palavras consigo mesmas (não-coincidência 4) apresentou 19 ocorrências, e a não-coincidência entre as palavras e as coisas (não-coincidência 2) ocorreu 5 vezes. A não-coincidência interlocutiva (entre dois coenunciadores – não-coincidência 1) não teve nenhuma ocorrência em todo o *corpus* por nós analisado. Nada muito estranho, uma vez que se trata de uma espécie de função metaenunciativa encontrada em textos prototipicamente falados, e nosso *corpus* foi todo baseado em textos escritos.

Dessas 210 ocorrências da não-coincidência 3 (não-coincidência do discurso consigo mesmo), 122 se deram nos editoriais do *Agora* e 88 nos editoriais da *Folha*. Quanto à não-coincidência 2 (não-coincidência entre as palavras e as coisas), houve 1 ocorrência na *Folha* e 4 ocorrências no *Agora*. Por último, a não-coincidência 4 (não-coincidência das palavras consigo mesmas) ocorreu 11 vezes na *Folha* e 8 vezes no *Agora*.

Assim, considerando o somatório das manifestações metaenunciativas no *Agora*, chegamos a um número de 134 ocorrências em 133 editoriais, ou seja, 1,007 ocorrência por editorial, na média. Na *Folha* houve, no total, 122 ocorrências metaenunciativas, porém não é possível calcular uma média por editorial porque o nosso foco de análise foi o *Agora*, e, nesse sentido, foram analisados em todos os 133 editoriais do *Agora*, as funções das aspas individualmente, o que não foi possível fazer para todos os 133 editoriais da *Folha*, tendo em vista, como dissemos anteriormente, que a base de comparação partiu dos editoriais do *Agora*. Em outras palavras, nossa pesquisa – embora repleta de dados quantitativos, e todos apontem para a **maior incidência de aspas nos editoriais da *Folha*** – neste momento não se ateve estritamente à quantidade de termos ou expressões metaenunciativos, mas sim a que funções eles exercem nos contextos dos editoriais.

Nesse sentido, é interessante notar que em 24 casos, nos editoriais do *Agora* não houve nenhum tipo de reformulação das expressões aspeadas na *Folha*, enquanto na *Folha* essa operação só não ocorreu em três situações.

Todos esses dados analisados em conjunto nos levam a concluir pela pertinência de nossa hipótese, de que a *Folha* apresenta em seus editoriais, não

apenas **mais** expressões metaenunciativas - por meio das aspas, do que o *Agora*, em seus editoriais - mas que essas funções têm **conotações específicas** que remetem diretamente à capacidade de leitura da interpretação desses termos metaenunciativos, e que os editoriais da *Folha* fazem uso indiscriminado desses termos porque os editorialistas acreditam que seus leitores tenham essa capacidade leitora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tivemos como objetivo maior neste trabalho estudar as funções metaenunciativas das aspas e como se dá a construção de sentidos nos textos - principalmente no que tange ao gênero opinativo, editorial de jornal - quando são destinados a públicos leitores distintos. Nosso pressuposto é que a palavra se dirige a um interlocutor e que o discurso é determinado tanto do ponto de vista do enunciador quanto do ponto de vista do enunciatário, e que - falando especificamente dos textos jornalísticos editoriais - os editorialistas, quando da elaboração dos textos editoriais, têm em mente um leitor definido.

Assim, a imagem que se projeta desse interlocutor, tanto pode ser a de um leitor que deseja obter a maior quantidade de informações num menor tempo possível - desde que para isso abra mão de temas e termos mais complexos, servindo-se de textos mais curtos, sem termos mais sofisticados, que acreditamos ser o caso do leitor do *Agora* - , como a de um leitor que deseje mais do que as “simples” informações que estão contidas nas notícias, ou seja, um leitor que queira ter acesso à interpretação de fatos que sejam a ele transmitidos de forma ponderada por meio de termos mais elaborados, textos longos, reflexivos e complexos - que entendemos ser o caso do leitor da *Folha*.

Essa imagem, por sua vez, está diretamente relacionada com a construção dos sentidos nos editoriais dos jornais, na medida em que os argumentos são elaborados tendo como foco esse leitor específico. Em outras palavras, o enunciador deve levar em consideração - na construção de seu próprio enunciado - as características do destinatário de sua mensagem para que possa haver eficácia na comunicação.

Considerando isso, especificamente, analisamos as diferenças de aplicação de termos ou expressões aspeados em editoriais do jornal *Agora São Paulo* e editoriais do jornal *Folha de S. Paulo*.

Para que pudéssemos atingir tal objetivo, fez-se necessário, num primeiro momento, constituir um aparato teórico fundamentado em alguns conceitos de suma importância para a compreensão dos recursos metaenunciativos. Nesse sentido

assumimos, como ponto de partida, uma noção de língua, segundo a qual esta se evidencia na interação, no ato enunciativo, quando os interlocutores por meio dela interagem.

Em consequência desse primeiro conceito, estabelecemos que a enunciação, isto é, o ato de usar a língua em situações de interação, é a própria condição de existência da língua e, portanto, dos discursos e dos textos.

Definimos também que, na interação, os interlocutores são determinados um pelo outro. Ainda que cada um produza o seu enunciado, ele é determinado não só pelos enunciados anteriores do interlocutor, mas também pelas projeções de seus enunciados futuros.

Depreende-se disso que o texto é um trabalho cooperativo, uma vez que o sujeito da enunciação se desdobra em enunciador e enunciatário numa “duplicidade enunciativa” pela qual o enunciatário é também sujeito produtor do discurso. Em resumo, ambos são coenunciadores.

Outro conceito importantíssimo que teve de ser considerado na análise das funções metaenunciativas das aspas trata do dialogismo bakhtiniano, que define a linguagem como sendo dialógica, na medida em que um discurso é sempre atravessado por outros discursos.

Seguindo o rastro da teoria bakhtiniana, sob os auspícios de Authier-Revuz, o princípio do dialogismo assume o postulado da heterogeneidade linguística, pela qual os discursos emergem necessariamente como respostas a outros discursos, ou seja, são constitutivamente heterogêneos. Essa heterogeneidade pode se mostrar na superfície dos enunciados ou pode ficar oculta, mas sempre será inerente a eles.

Da concepção de heterogeneidade destacamos o conceito de heterogeneidade mostrada marcada, que é aquela que se manifesta na superfície do texto por meio de marcas cristalizadas na língua com o fim específico de evidenciar o limite entre os discursos dos coenunciadores. Uma dessas marcas, precisamente, são as aspas.

Com fundamento nesses pressupostos teóricos, passamos a analisar as aspas enquanto manifestações metaenunciativas que revelam o caráter

heterogêneo dos textos, e que são usadas pelo enunciador como formas de especificação de sentidos visando a atingir a eficácia comunicativa.

As aspas assumem, na escrita, as mesmas funções que as glosas têm na fala, ou, reiterando Authier-Revuz, são “apelos de glosas”. Essas glosas implícitas, que são as aspas, assim como aquelas, marcam no discurso a fronteira que separa a autoria do enunciado de um e de outro coenunciador, com a diferença de que as glosas não marcam peremptoriamente, no texto, seu escopo, ao passo que as aspas marcam definitivamente o termo ao qual se referem. Outra diferença é que as glosas trazem um dizer explícito sobre seu escopo, enquanto as aspas deixam a interpretação desse “dizer” a encargo do leitor.

Feitas essas considerações e revisitados esses conceitos, a análise dos dados desta pesquisa foi feita com base nas quatro categorias funcionais de não-coincidências do dizer propostas por Authier-Revuz: a não-coincidência interlocutiva; a não-coincidência entre as palavras e as coisas; a não-coincidência do discurso consigo mesmo; e a não-coincidência das palavras consigo mesmas.

Relembrando, nosso *corpus* foi composto de 266 editoriais, sendo 133 do *Agora* e 133 da *Folha de S. Paulo* - sempre editoriais do mesmo dia que tratassem do mesmo tema -, dos quais extraímos para análise, fragmentos de contextos para o cotejo.

Desse *corpus* constatamos, ao final, que em todos editoriais que continham termos ou expressões aspeados, houve ocorrência de não-coincidências do discurso consigo mesmo (não-coincidência 3) – o que corrobora as teorias do dialogismo e da heterogeneidade. As outras ocorrências, porventura havidas, se deram sempre em concomitância com a não-coincidência 3. A segunda não-coincidência, em termos de índice de ocorrências, se refere à categoria da não-coincidência das palavras consigo mesmas (não-coincidência 4).

A não-coincidência entre as palavras e as coisas (não-coincidência 2) ficou na terceira colocação de ocorrências. Ainda, a não-coincidência interlocutiva (entre dois coenunciadores – não-coincidência 1) não apareceu nenhuma vez em nosso *corpus*, o que já era previsto, uma vez que se trata de não-coincidência encontrada

em textos prototipicamente falados, e nosso *corpus* foi todo baseado em textos escritos.

Observamos que a categoria de não-coincidência mais recorrente nos editoriais analisados, a não-coincidência do discurso consigo mesmo, indica a existência de um discurso alheio, uma outra fonte enunciativa na constituição do discurso dos jornais. Muito provavelmente, os editoriais, principalmente no que tange à *Folha*, lancem mão desse tipo de recurso metaenunciativo, porque a imprensa, de um modo geral, preza a sensação de distância preconizada pelo princípio da objetividade, que é muito valorizado no jornalismo mais tradicional, como é o caso da *Folha*. Esse tipo de uso das aspas revela, muitas vezes, uma preocupação que os jornais têm em relatar *ipsis litteris* as palavras de um entrevistado (coenunciador), o que, uma vez desrespeitado pode ensejar problemas de diversas ordens ao jornal. Há, ainda, várias razões para que o editorialista use as aspas com essa função metaenunciativa. Ele pode querer marcar no texto que o fragmento aspeado não é de seu uso comum e que está sendo usado naquele momento, porém devidamente aspeado – de uma certa forma deslocado no discurso do editorial -, porque de uso mais popular ou que se refira a um discurso estigmatizado, ou pode ainda indicar uma função irônica.

Baseados nos dados colhidos, nas análises e levantamentos relatados no Capítulo 5 desta pesquisa, e lembrando que nosso parâmetro de comparação foi de utilizar - para os dois jornais - apenas editoriais de mesma edição, portanto publicados no mesmo dia e que tratassem do mesmo tema, podemos relacionar as seguintes constatações:

- a *Folha de S. Paulo* traz em seus editoriais maior quantidade de termos ou expressões aspeados do que os editoriais do *Agora São Paulo*, o que revela, a princípio, que o jornal considera seu leitor preparado para interpretar as funções metaenunciativas dos termos aspeados empregados;

- muitas vezes a *Folha* traz termos aspeados que não são aspeados nem retratados nos editoriais do *Agora*, o que revela uma estratégia do *Agora* para “poupar” seu leitor de ter que interpretar funções metaenunciativas das aspas, as quais, supostamente, ele não teria competência para interpretar;

- raramente o *Agora* traz termos ou expressões aspeados que não o sejam, também, na *Folha*, o que revela que há uma estratégia do jornal (*Folha*) em usar as aspas em sua plenitude na atribuição de funções metaenunciativas, tendo em vista seu leitor ser dotado, em tese, de capacidade leitora para interpretá-las;

- quando os termos aspeados na *Folha* não o são no *Agora*, algumas vezes o jornal (*Agora*) traz reformulações de sentido que substituem o uso das aspas na *Folha*, se utilizando de palavras ou situações simples, de fácil entendimento, normalmente recorrendo a termos de uso comum e estereotipado.

Embora nossa pesquisa seja pródiga em dados quantitativos que apontam para a **maior incidência de aspas nos editoriais da *Folha***, cumpre-nos esclarecer que este não foi o primeiro objetivo deste trabalho, ainda que tais dados venham a corroborar nossa hipótese. Nosso objetivo principal se encaminhou no sentido de experimentar, com relação aos termos e expressões metaenunciativos, que funções as aspas exercem no contexto do editorial de um e de outro jornal.

Enfim, todos esses dados, analisados em conjunto, nos levam a concluir pela pertinência de nossa hipótese, de que a *Folha* apresenta em seus editoriais, não apenas **mais** expressões metaenunciativas por meio das aspas do que o *Agora*, em seus editoriais, mas também que essas aspas têm **funções específicas** que são manipuladas estrategicamente de modo a considerar nessa interação, o perfil dos leitores. Revela-se, nessa manipulação, a nítida intenção de elaborar textos dirigidos a um leitor específico. Os editoriais da *Folha* fazem uso profuso desses recursos, justamente porque consideram que seus leitores tenham a capacidade leitora de interpretar as funções metaenunciativas realizadas pelas aspas. Já os editoriais do *Agora* “poupam” seus leitores de ter que fazer essa “tradução metaenunciativa”, exatamente porque o jornal conhece o perfil de seus leitores e tem consciência de que eles não têm, em tese, essa competência leitora.

Esperamos que os estudos teóricos realizados com o objetivo de fundamentar nossos argumentos, bem como todos os dados quantitativos e qualitativos disponíveis no *corpus* analisado, contribuam para que o leitor desta pesquisa passe a atentar para questões que antes não lhe despertavam interesse, e que, acima de tudo, assim como aconteceu conosco, este trabalho sirva de incentivo para que o leitor não mais leia os editoriais da mesma forma, mas que amplie sua

capacidade de percepção, para melhor poder compreender os meandros das palavras, as entrelinhas dos textos e, principalmente, o que está “**entre aspas**”.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Márcia Franz. *Jornalismo popular*. 1ª ed. 2ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2011.

AULETE, Caldas. *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa / Caldas Aulete: [organizador Paulo Geiger]*. - Rio de Janeiro: Lexikon, 2011. 1488 p.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.

_____. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e Estética – A Teoria do Romance*. 5ª ed. São Paulo: Hucitec-Annablume, 2002.

_____. *Estética da Criação Verbal. Tradução de Paulo Bezerra*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. VOLOCHINOV, V. N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

_____. *Problemas da Poética de Dostoiévski. Tradução de Paulo Bezerra*. 5ª ed. 2ª tiragem. São Paulo: Forense Universitária, 2011.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do Discurso: Fundamentos Semióticos*. 3ªed. São Paulo: Humanitas/FLLCH/USP, 2002.

_____.FIORIN, José Luiz. *Dialogismo, Polifonia e Intertextualidade: Em torno de Bakhtin*. 2ª ed. 1ª reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

_____. *Teoria Semiótica do Texto*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2005.

BARROS, Lídia Almeida; ISQUERDO, Aparecida Negri. *O léxico em foco: múltiplos olhares*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

BENVENISTE, Émile, Problemas de linguística geral II, tradução Eduardo Guimarães – 2ª edição – Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

BRANDÃO, Helena Hatsue Nagamine. *Análise do Discurso: Um itinerário histórico*. Publicado em PEREIRA, Helena B. C. & ATIK, M. Luiza G. (Orgs.). *Língua, Literatura e Cultura em Diálogo*. São Paulo: Ed. Mackenzie, 2003.

_____. *Analisando o discurso*. In: Ataliba Teixeira de Castilho (Org.). *Portal da Língua Portuguesa*. São Paulo: Fundação Roberto Marinho, 2006.

_____. *Introdução à análise do discurso – 3ª ed. ver.* – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

BURKE, P. *Hibridismo Cultural*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 3ª edição. São Paulo. Editoria Paz e Terra S.A, 2000.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 45ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002.

CHARADEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

CHOMSKY, Noam. *Aspectos da Teoria da Sintaxe*. Coimbra: Armênio Amado, 1975.

COULON, Alain. *Etnometodologia e educação*. Petrópolis: RJ, 1995.

DISCINI, Norma. *O estilo nos textos: história em quadrinhos, mídia, literatura*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. *A comunicação nos textos*. São Paulo: Contexto, 2005.

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 1998.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas, SP: Pontes, 1987.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Coordenação Marina Baird Ferreira; Margarida dos Anjos. 5ª ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FIORIN, José Luiz. *Para entender o texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 1993.

_____. *Linguagem e Ideologia*. São Paulo: Ática, 2000.

_____. (org.), *Introdução à linguística II: princípios de análise*. São Paulo, Contexto, 2003.

_____. *Elementos de Análise do Discurso*. 13ª ed. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

_____. (org.), *Introdução à linguística: 6 ed.*, São Paulo: Contexto, 2010.

FOLHA DE S. PAULO. *Manual da redação*. 10ª ed. São Paulo: Publifolha, 2006.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do saber*. São Paulo: Forense, 2005.

GUIMARÃES, Elisa. *Texto, discurso e ensino*. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. *A articulação do texto*. 10ª ed. São Paulo: Ática, 2011.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2006.

_____. *Da diáspora. Identidade e Mediações Culturais*. Liv Sovik (Org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

_____. WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HILGERT, José Gaston. *A linguagem falada culta na cidade de Porto Alegre: diálogos entre informante e documentador (v.1)*. Porto Alegre: UFRGS, 1997.

_____. *Procedimentos de reformulação: a paráfrase*. In: PRETI, Dino (Org.). *Análise de textos orais*. 4ª ed. São Paulo: Humanitas, pp. 103-127, 1999.

_____. *A construção do texto "falado" por escrito na internet*. In: PRETI, Dino (Org.). *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas, pp. 17-55, 2000.

_____. *A qualificação discursiva no texto falado*. In: URBANO, Hudinilson, et al (Org.) *Dino Preti e seus temas: oralidade, literatura, mídia e ensino*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *O monitoramento de problemas de compreensão na construção do texto falado*. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem – Campinas, SP, n 44, pp. 223-238, Jan/Jun. 2003.

_____. *O falante como observador de suas próprias palavras: retomando aspectos metadiscursivos na construção do texto falado*. In: PRETI, Dino (Org.). *Oralidade em diferentes discursos*. São Paulo: Humanitas, pp.161-185, 2006.

_____. *Língua falada e enunciação*. *Calidoscópico*, v. 5, n. 2, maio/agosto, pp. 69-75, 2007.

_____. *A oralidade em textos de divulgação científica para crianças*. In: PRETI, Dino (Org.). *A oralidade em textos escritos*. São Paulo: Humanitas, pp. 217-247, 2009.

_____. *A linguagem falada culta na cidade de Porto Alegre: diálogos entre dois informantes*. Florianópolis: Insular, 2009.

_____. *A oralidade em textos escritos: reflexões à luz de uma teoria de texto*. *Calidoscópico*, v. 9, n 3, pp. 171-179, set/dez, 2011.

_____. *A Construção do sentido e da compreensão na conversa, mostrada em procedimentos meta-enunciativos*. *Linha d'Água*, n. 25 (2), p. 107-129, 2012.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário HOUAISS da Língua Portuguesa*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Argumentação e Linguagem*. 5ª ed. - São Paulo: Cortez, 1999.

_____. *A inter-ação pela linguagem*. 10ª ed. 1ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. *O texto e a construção dos sentidos*. – 9ª ed. 1ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. 17ª ed. 2ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2008.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à Semanálise*. Trad. Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LANDOWSKI, Eric. *A sociedade refletida: ensaios de sociosemiótica*. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.

MADUREIRA, André Luiz Gaspari e equipe. *LINGUÍSTICA TEXTUAL*. 1ª ed. Bahia: SOMESB, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 3ª ed. Campinas, SP: Pontes Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

_____. *Análise de textos de comunicação*. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Análise da conversação*. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2008.

_____. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. DIONÍSIO, Angela Paiva. *Fala e escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARTINS FILHO, Eduardo Lopes. *Manual de Redação e Estilo de O Estado de São Paulo*. 3ª ed., revista e ampliada. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1997.

MATEUS, Maria Helena Mira. *Mecanismos de Estruturação Textual*. In Gramática da Língua Portuguesa. Coimbra: Livraria Almedina, p. 185–216, 1983.

_____. *A face exposta da Língua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2002.

McLAREN, Peter. *Multiculturalismo Crítico*. São Paulo: Cortez, 2000.

MELO, José Marques de (Org.). *Gêneros jornalísticos na Folha de S. Paulo*. São Paulo: FTD, 1992.

_____. *A opinião no jornalismo brasileiro – 2ª ed. revista*. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3ª ed. revista e ampliada. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, Desirée. *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005.

MUSSALIM, Fernanda. *História das Ideias Linguísticas*. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2008.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Texto e Gramática*. 1ª ed. 3ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2011.

NISKIER, Arnaldo. *Língua portuguesa, uma paixão*. João Pessoa: A União, 2009.

NOGGERINI, Aline. *O uso das aspas na construção de sentido nos textos*. Trabalho de Graduação Interdisciplinar (licenciatura em Letras) apresentado à Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 10ª Edição, Campinas, SP – Pontes Editores, 2012.

_____. *Discurso em Análise: Sujeito, Sentido e Ideologia*. 2ª Edição, Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

PAIERO, Priscila Cristina. *As marcas da oralidade em jornais populares: Um estudo sobre os editoriais do jornal Agora São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011.

PANDORF, Analu. *A oralidade como estratégia de interação na escrita – o caso do jornal Agora São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2010.

POSSENTI, Sírio. *Os limites do discurso – ensaios sobre discurso e sujeito*. 2ª ed. Curitiba - PR: Criar Edições, 2004.

PRETTI, Dino. *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.

_____. *Léxico na língua oral e na escrita – São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003.*

_____. *Oralidade em diferentes discursos*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

REBELO, José. *O discurso do jornal – o como e o porquê*. 2ª ed. revista. Lisboa: Editorial notícias, 2002.

SAVIOLI, Francisco Platão; FIORIN, José Luiz. *A Heterogeneidade Linguística*. In: Manual do candidato: português. Brasília: FUNAG – FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO, pp. 38 a 56, 2001.

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE. *Apresentação de trabalhos acadêmicos: guia para alunos da Universidade Presbiteriana Mackenzie*. 4ª ed. São Paulo: Ed. Mackenzie, 2006.

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Academia Brasileira de Letras. 5ª ed. São Paulo: Global, 2009.

FONTES DE PESQUISA

AGORA SÃO PAULO. *Perfil do leitor*. Disponível em <<http://www.publicidade.folha.com.br/web/consultarPerfilLeitor.jsp?p1=FT&p2=x>>.

Acesso em: 17 de novembro de 2013.

AGORA SÃO PAULO (editoriais de 1 de janeiro a 31 de dezembro de 2012)

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS. *Maiores jornais do Brasil – Ano 2012*.

Disponível em <<http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/maiores-jornais-do-brasil>>. Acesso em: 19 de novembro de 2013.

FOLHA DE S. PAULO (editoriais de 1 de janeiro a 31 de dezembro de 2012)